

The background of the entire cover is a close-up, high-contrast photograph of three human faces. The faces are positioned horizontally, with the central face slightly more prominent. All three individuals have their eyes closed, and their expressions are serene or contemplative. The lighting is warm and golden, creating a soft, ethereal atmosphere. The texture of the image appears slightly grainy, giving it a vintage or artistic feel.

ALCIONE EMERICH

FÍSICO

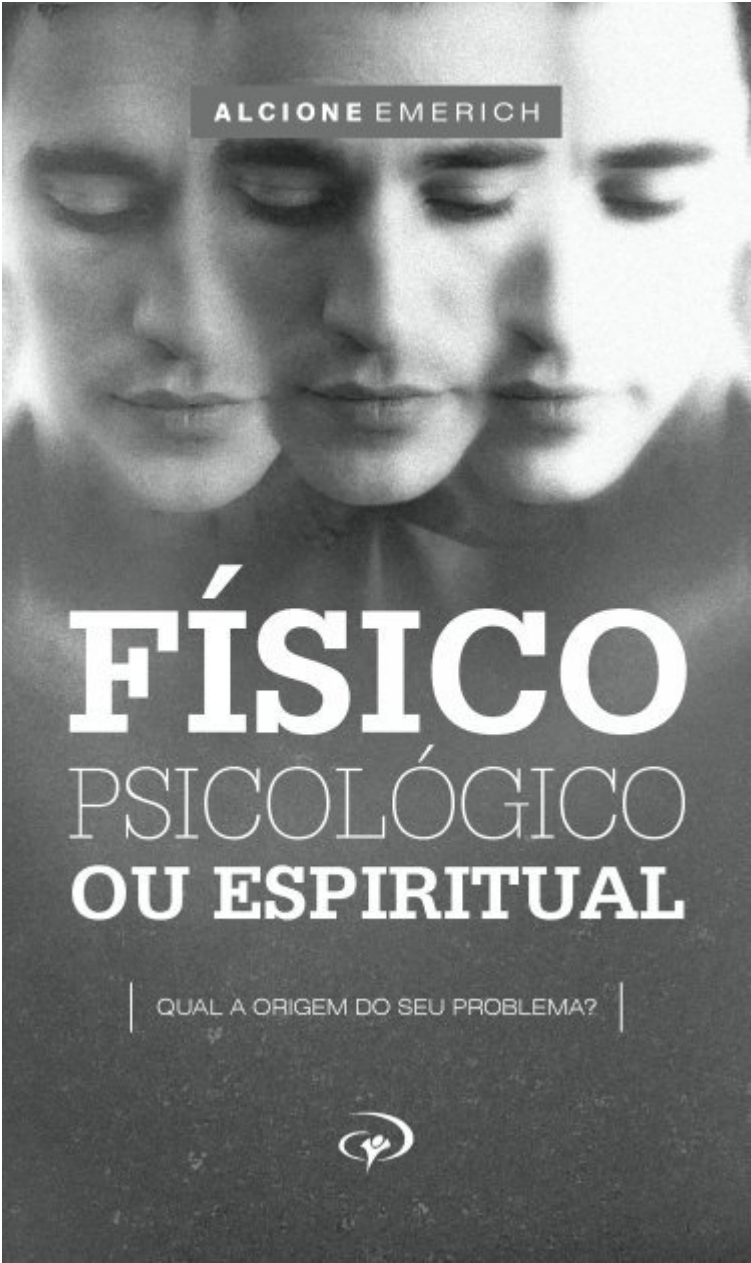
PSICOLÓGICO

OU ESPIRITUAL

| QUAL A ORIGEM DO SEU PROBLEMA? |







ALCIONE EMERICH

FÍSICO PSICOLÓGICO OU ESPIRITUAL

| QUAL A ORIGEM DO SEU PROBLEMA? |



Sumário

[Introdução](#)

[1 A raiz de alguns extremos](#)

[2 Problemas físicos confundidos com os espirituais](#)

[3 Problemas psicológicos confundidos com os espirituais](#)

[4 Problemas espirituais confundidos com os físicos e os psicológicos](#)

[5 Curando o físico, o psicológico e o espiritual](#)

De fato, muitos cristãos estão na mais completa ignorância nesta área em que os limites fronteiriços do físico, do psicológico e do espiritual se encontram. Não são apenas incapazes de ajudar outros, o fato é que muitas vezes lhes têm feito grande dano.

Portanto, não há nada mais importante do que dar atenção a esta questão sutil, difícil e complexa.

D. M. LLoyd Jones

Apresentação

Este livro traz uma abordagem clara quanto à origem dos problemas que afetam a nossa vida: físico, psicológico ou espiritual?

Em um relato da Bíblia, no texto de Marcos 1:40-45, encontramos a história de um leproso que, ao se aproximar de Jesus, de joelhos rogou-Lhe: “Se *quiseres, pode purificar-me.*” E Jesus, profundamente compadecido, estendeu-Lhe a mão, e disse: “*Quero, fica limpo!*” No mesmo instante desapareceu Lhe a lepra, e ele ficou limpo.

Max Lucado, ao comentar sobre este texto de Marcos, impressiona ao contextualizar a vida deste homem que se encontrava com uma doença incurável e tremendamente assustadora para a época. É possível que este homem vivesse sozinho ou em um isolamento para leprosos e que, por obrigação, tivesse de deixar tudo – família, trabalho, amigos –, vivendo a partir de então, além de enfermo, em uma imensa solidão.

Mas Jesus, ao ver aquele homem, compadeceu-Se profundamente. Ele conhecia a origem dos problemas que afligiam aquela vida e, por isso, não hesitou em tocá-lo, e dizer-Lhe: “*Quero, fica limpo!*”.

E, então, percebemos que Jesus não curou somente uma enfermidade física, mas também a enfermidade de sua alma. Pelo poder da Sua palavra, desapareceu Lhe o flagelo, e pelo poder do Seu toque, desapareceu Lhe a agonia, a dor, a solidão, o abandono e o desespero da sua alma.

Esta é a proposta deste livro: aprendermos à luz da Palavra, tal como Jesus, a identificar a origem dos problemas daqueles que o próprio Senhor tem trazido até nós, para nos usar como instrumentos de cura e libertação.

Eu, particularmente, tenho o privilégio de caminhar com o Alcione neste ministério desde que nos casamos. Tenho aprendido muito com ele, principalmente porque vejo nele um discípulo de Jesus, a começar em nós, na nossa casa, onde o Senhor nos tem abençoado ricamente.

Creio que a mensagem deste livro trará uma visão esclarecedora e profunda, porém simples, para auxiliar a discernir cada esfera que envolve a vida do homem.

No mais, é nos esvaziarmos de nós mesmos e enchermo nos do Senhor, para que Ele aperfeiçoe e complete a obra que já começou em nós!

Que Deus o abençoe!

Virginia Teixeira do Carmo Emerich
Esposa

Introdução

Eu iniciava minha caminhada no ministério de libertação quando fui chamado às pressas para ajudar um rapaz no interior de nosso estado que estava sendo duramente atingido por problemas e perturbações dos mais diversos. Meu pastor naquela época, assim como eu, praticamente não sabia nada sobre o ministério de libertação ou como libertar pessoas oprimidas pelo diabo; mas, em um ato de fé, não hesitou, abençoou-me e autorizou para atuar nesse confronto espiritual. E lá fui eu. Era apenas a minha primeira experiência na área e, diga-se de passagem, que experiência!

Consegui que pelo menos mais duas pessoas fossem comigo a fim de me ajudarem na intercessão. Para chegarmos até a cidade onde estava esse jovem, gastaríamos de carro em torno de quatro horas. Se fosse nos dias de hoje, após se passarem mais de dez anos, acredito que eu não me interessaria tanto em ir até esse local, a não ser que o Senhor me ordenasse especificamente, pois naquela cidade havia muitos líderes cristãos que teriam plenas condições de resolver aquele problema. Mas, naquela época, como eu ainda era bem novo na área de libertação e também “desesperado” para ter minha primeira experiência de confronto espiritual com os demônios, não pensei duas vezes e assim partimos em direção àquela cidade.

Após nossa viagem até o local, eu estava meio temeroso, pois ainda era iniciante, mas, ainda assim, cria

que Deus realizaria uma grande obra. Fomos apresentados à família do rapaz a quem ajudaríamos e, logo depois, levados até ele. Foi um momento tenso para todos. Quando chegamos ao quarto, lá estava Lucas (este não é o nome verdadeiro), deitado em um sofá. Sem mais delongas, em nome de Jesus comecei declarando que os demônios estavam amarrados e que eles teriam de se sujeitar ao Senhor Jesus. O rapaz se posicionou para a frente e ficou olhando fixamente para mim. Imaginando ser o demônio, logo também posicionei meus olhos em sua direção e, após nos digladiarmos por algum tempo através de olhares, ele baixou a cabeça e saiu do local. Fiquei impressionado e pensei comigo

mesmo: “O diabo não suportou ver a luz de Jesus em meus olhos. Graças a Deus por isso!” (apesar de não entender o motivo de seus olhos girarem durante esse tempo).

Depois fomos até Lucas e começamos a orar intensa e ousadamente. Ficamos ali durante um bom tempo, dando-lhe ordens e mais ordens, mas parece que o “diabo” em nada se importava com o que dizíamos. Tudo parecia em vão. Fiquei inicialmente frustrado. O que estaria acontecendo? Além disso, o comportamento de Lucas era estranho e parecia estar desequilibrado. Mas como para mim todo sinal de esquisitice era interpretado como algo sobrenatural e maligno, pensei que estávamos lidando com um caso de legião, o que demandaria um bom tempo de exorcismo, além de jejum e oração.

Ficamos quase toda a tarde ministrando àquele rapaz, mas, ainda assim, o demônio parecia não responder inteligentemente a nossas perguntas e confrontos. 13 Lembro-me naquela noite, diante de nosso insucesso, em que telefonei para meu pastor, explicando-lhe que o endemoninhamento era severo e que por isso necessitaríamos de mais cobertura espiritual, assim como de intercessão. Voltamos ao local no outro dia, fizemos mais uma vez uma série de tentativas, mas Lucas não parecia voltar ao normal. Era algo muito estranho. Mas, tentando encarar tudo isso pelo prisma da fé, eu disse à família que confiasse em Deus e que tudo daria certo, pois os demônios já haviam sido expulsos. O rapaz iria melhorar.

Antes de retornar para minha cidade, resolvi passar ainda na casa de uma missionária que durante um tempo tentou ajudar esse rapaz. Veja o que ela me disse: “Na minha opinião, Alcione, o Lucas será somente liberto após a conversão da mãe. Enquanto isso não acontecer, o demônio não sairá.” Sinceramente, essa justificativa não me tranquilizou nem mesmo explicou o quadro complexo que tínhamos pela nossa frente. Será mesmo que o demônio só sairia após a conversão da mãe do Lucas? Será que a libertação de uma pessoa (sobretudo de maior idade) depende da conversão de alguém na família? Deus estaria limitado desta forma? Com tudo isso, minhas dúvidas fervilhavam.

A nossa ida a essa cidade só não se tornou um complete fracasso porque tivemos o privilégio de evangelizar a família do Lucas, e ali alguns de seus irmãos renderam suas vidas ao senhorio de Cristo. Mas o problema principal que fomos tentar resolver não havíamos conseguido. Agora, por que será? Um demônio poderia resistir nossa ordem de comando por tanto tempo? Ou o caso desse moço não se tratava de um problema espiritual? Estaríamos lidando com uma esfera da qual nada sabíamos? Isso foi o que descobri mais tarde. Lucas, na verdade, padecia de um quadro psiquiátrico chamado esquizofrenia. Infelizmente, naquela época eu nada conhecia desses distúrbios da mente humana.

Eu estava no Recife por volta de 1993 quando chegou às minhas mãos o livro *Ocultismo, demônios e exorcismo*,^[1] de Kurt Koch. Neste trabalho, o Dr. Koch fez uma extensa pesquisa sobre o demonismo, assim como as formas de libertar as pessoas das cadeias do diabo. Mas há também na referida obra uma contribuição inédita. Uma análise psiquiátrica dos distúrbios mentais e uma comparação com os quadros de possessão demoníaca, feitas por um companheiro de Koch: o Dr. Alfred Lechler, um psiquiatra cristão. Quando li a abordagem que Lechler faz da esquizofrenia, assim como dos seus sintomas, não tive dúvidas. Minha mente voltou a essa primeira experiência de insucesso e descobri que o caso daquele jovem que tentei ajudar tratava-se mesmo de uma perturbação da mente, que praticamente nada tinha a ver com a atuação de demônios. O problema de Lucas era puramente psíquico. Mas, por ignorar como se comporta a mente em desequilíbrio, interpretei sua situação como se fosse puramente espiritual. Aí estava a razão do meu insucesso. Como você e eu percebemos, amarrar o adversário onde ele não está e também atribuir a causa de um problema a uma origem errada não resolve em nada o que se pretende solucionar.

Infelizmente, às vezes uma tentativa mal feita de libertação pode até piorar a situação de uma pessoa. Constatei isso não só com minhas experiências no campo de libertação e aconselhamento, mas também observando outros ministradores, e ainda através de pessoas que vieram a mim após terem sido auxiliadas por alguém sem qualquer discernimento das possíveis causas dos problemas

humanos. Alguns conselheiros, infelizmente, em vez de ajudarem, só contribuíram para deixar tais pessoas cada vez mais confusas em relação aos seus problemas.

Para todo conselheiro cristão, conhecer as esferas física, psicológica e espiritual e como elas funcionam é de importância fundamental para resolvermos esses tipos de problemas dentro de uma visão bíblica de cada caso.

O que se Passa Comigo?

“O que está acontecendo comigo?”; “Por que estou sentindo tais coisas?”; “Será que é o diabo que está me atacando? Em caso positivo, por que ele me atinge?”; “Terá ele base legal em minha vida?”. Estas são perguntas que você pode já ter feito em algum momento de sua vida. No entanto, pode-se também questionar: “Por que, após ter sido trabalhado em áreas de libertação por tantas vezes, os meus problemas continuam?” “Os demônios já não foram repreendidos?” “O que mais falta?” São questionamentos como esses que, frequentemente, tendem a “ferver” em nossa mente.

Quantas vezes nos deparamos com problemas e, apesar de muitas tentativas, parece que nada conseguimos resolver. Na minha opinião, um dos principais motivos do nosso fracasso em solucionar muitas de nossas dificuldades deve-se à nossa incapacidade de entendermos suas causas. Questionamos: “O que estou passando pode ser uma perturbação do meu físico, do meu psicológico, ou será mesmo algo espiritual?” Para tais perguntas geralmente não temos respostas. As coisas tendem a piorar quando o ministrador não tem sequer ideia de que os problemas do homem podem estar associados a mais de uma esfera. Por exemplo, tendo como base o caso de Lucas, imaginemos alguém sendo atendido por uma pessoa que só reconhece a esfera demoníaca nos problemas humanos. É provável, então, que o indivíduo em necessidade corra o sério risco de não resolver seu problema, principalmente se ele tiver origem em sua alma ou no seu corpo.

Por outro lado, imaginemos uma pessoa sendo aconselhada por outra que nada conhece do mundo espiritual, sem qualquer experiência para lidar com problemas de opressão demoníaca e libertação. Se este ajudador entende que toda problemática humana

é tão-somente fruto da mente, que pode desajustar-se ou acumular dentro de si traumas que com o tempo alteraram a conduta externa, o necessitado estará igualmente em sérios apuros, principalmente se o seu problema for mesmo fruto da ação de demônios contra sua vida. Uma abordagem psicoterapêutica frente a um problema estritamente espiritual pode em quase nada ajudar. Por essa razão existem casos nos consultórios psicanalistas que, mesmo após anos de análise, permanecem praticamente inalterados. Faz-se necessário então, uma melhor compreensão dessas esferas.

Por que é Importante Diferenciar as Esferas?

Primeiramente, essa diferenciação facilita a descoberta da origem de nossos problemas. Quando entendemos que um problema pode ter essas três procedências, fica mais fácil buscar diante de Deus e também com a ajuda de um conselheiro cristão os motivos e as razões de nossas lutas. Para alguém envolvido no campo de libertação e cura interior, seria imprescindível um estudo mais aprofundado dessas esferas e como elas podem atuar positiva ou negativamente na vida de uma pessoa. Se eu tivesse um maior conhecimento desse assunto um tempo atrás em muitos de meus aconselhamentos, teria evitado uma série de gafes. Entretanto, no ministério, percebi que Deus tem muito a nos ensinar por meio de nossos erros. Por isso louvo a Deus até pelos erros cometidos no passado, pois eles me ajudaram a consolidar esse aprendizado em minha vida. Um grande erro pode nos ajudar a literalmente nunca mais cometê-lo.

Em segundo lugar, conhecer e diferenciar as esferas nos possibilitará, além de nos ajudar, a que também “ajudem nossos irmãos”. Porque há um desconhecimento quase total deste assunto no meio cristão, as pessoas quando são solicitadas a auxiliar alguém

em necessidade não sabem se posicionar diante de alguns fatos e chegam a dizer coisas das mais estranhas. Lembro-me do caso de uma jovem de mais ou menos 20 anos, que morava perto de minha casa. Quando esteve diante de uma grande pressão emocional, devido a um problema de relacionamento com o namorado, descompensou-se (em psiquiatria, chama-se isto de surto psicótico, quando a pessoa sai da realidade, caracterizando o quadro tradicional de loucura) literalmente falando. Ela passou a portar-se de modo incoerente, visto estar dissociada da realidade.

Certo dia, quando um colega meu, pastor, foi visitá-la, ela imediatamente perguntou-lhe: “Pastor, o senhor já ligou para Deus hoje?” Então o pastor, estranhando a pergunta, respondeu lhe: “Calma, minha filha, não é assim que fazemos, não existe nada disso.” Ela então retrucou: “Mas não tem aquele cântico: liga, liga, liga nesta hora... pede, pede, pede pra Jesus agora...?” O pastor ficou desconcertado. A jovem estava mesmo seriamente afetada em sua mente, seu quadro era puramente psíquico. Contudo, logo apareceu alguém dizendo ter uma revelação divina acerca do seu quadro: um câncer na cabeça. Que coisa! Além de isso trazer mais confusão aos seus pais, a jovem, que já estava perturbada, piorou. A partir desse dia, ninguém mais conseguia tirar do seu pensamento a ideia de que tinha o tal câncer. Graças a Deus, o problema foi contornado. A moça foi atendida por um psiquiatra cristão competente, que lhe deu as devidas medicações. Hoje ela vive normalmente.

Citei esse caso para demonstrar o despreparo das pessoas por desconhecerem e nem mesmo saberem diferenciar a proveniência das dificuldades humanas. 19 Querido leitor, quando você for ajudar alguém e não souber ao certo do que se trata, não vá logo dando sua opinião, pois ela estando errada pode ter um peso negativo enorme, principalmente se você for um líder. Procure pedir todo discernimento necessário ao Senhor, pois Ele é quem sonda os corações e sabe ao certo as causas dos problemas de cada um. No entanto, caso se sinta despreparado para lidar com uma situação, após ter discernido que o problema em questão não está ao seu alcance, tente encaminhar o caso a alguém que tenha competência e preparo para isso. Aqui, então, chegamos ao terceiro motivo por

que devemos conhecer e diferenciar as esferas: “facilitar o encaminhamento”.

Vou esclarecer melhor a questão anterior. Se, ao analisar o caso, percebo que a pessoa tem um problema emocional grave (e se não tenho o costume de lidar com essa área), posso solicitar ajuda de alguém que atue no campo de cura interior; mas se o problema for mais sério, é prudente pedir o auxílio de um psicólogo ou psiquiatra cristão, de preferência. Entretanto, caso esteja diante de um problema de enfermidade física, posso tanto orar pela pessoa, usando minha fé em Cristo, como encaminhá-la a um profissional da área médica. Deus nos orientará em cada caso. Há também a possibilidade de encaminharmos uma pessoa que padece de uma enfermidade física a um irmão que tenha o dom de curar (descrito em 1 Coríntios 12). O apóstolo Paulo nos diz que cada um de nós tem *diferentes dons segundo a graça que nos foi dada (Rm 12.6)*. E ele diz ainda mais: *“Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros ” (vs. 4 e 5).*

A Igreja se supre a partir dos diferentes dons que Deus concedeu a cada um de nós. Se eu, então, não tenho o dom de curar, será que haveria alguma dificuldade de pedir àquele que o tem que ore em favor da pessoa que nos pede ajuda? Não há qualquer problema nisso. São os membros do corpo de Cristo coordenando mutuamente suas funções. E, se pensarmos ainda nos casos que demandam libertação, não haveria qualquer restrição em encaminharmos tais pessoas àqueles a quem Deus ungiu especificamente para atuar na área. No final, todos serão abençoados.

Jesus Frente aos Diferentes Problemas

As multidões aflitas e abatidas por seus problemas iam até Jesus para buscar uma solução. Os problemas eram dos mais diversos e apresentavam as mais diferentes causas. Jesus tinha diante de Si pessoas que padeciam de dificuldades cuja origem era espiritual, pois estavam sendo atingidas pelos demônios; no entanto, havia outras que estavam com suas emoções abaladas pelas

circunstâncias da vida, e ainda aquelas que tinham seu corpo doente. Quão magnífica foi a missão do Mestre, pois, além de ministrar à vida das pessoas em seus problemas, diagnosticou precisamente a origem dos seus males. O Espírito Santo fluía com poder sobre a sua vida, e o Pai concedia-lhe toda a sabedoria para lidar com cada situação. A unção estava sobre Jesus para tratar com qualquer problema que Lhe fosse apresentado. Veja o que Ele disse em Lucas 4.18: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos...”* E o profeta Isaías acresce: *“enviou-me a curar os quebrantados de coração...”* (Is 61.1).

Veja como Jesus tem o objetivo de curar o homem na sua totalidade: corpo, alma e espírito. A evangelização regenera o homem em seu espírito (restaurando-o em sua comunhão com Deus); a cura do coração sara o homem no seu íntimo, em suas emoções feridas e quebrantadas (possibilitando a melhora de seu relacionamento com as pessoas); e a obra da libertação tira do homem todas as algemas colocadas em sua vida pelo diabo (melhorando sua relação e satisfação consigo mesmo, experimentando a paz prometida). O alvo do Senhor é operar de modo pleno em nossas vidas, e é exatamente isso que está declarado nas suas próprias palavras: *“Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres”* (Jo 8.36), e *“eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”* (Jo 10.10). Ele quer que caminhemos sarados e libertos.

Agora, será que Jesus soube diferenciar a origem dos problemas daqueles que O buscavam? Ou seja, será que Ele tinha um discernimento claro quanto àquilo que provinha do diabo, do corpo físico ou do emocional das pessoas? Perceberemos que sim. Em Mateus 10, no episódio em que Ele convoca Seus discípulos, nota-se que lhes foi dada autoridade sobre os *espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades* (v. 1). Em Marcos 16, Jesus enumera os sinais que seguiriam aqueles que cressem no seu nome: *“Estes sinais hão de acompanhar aqueles que creem: em meu nome expelirão demônios (...) se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados”* (vs. 17 e 18). Veja que

nestas passagens há uma clara diferenciação entre os problemas físicos e os demoníacos.

Há dois episódios onde Jesus deixa claro o modo como procurava diferenciar e resolver os problemas das pessoas, muito embora fossem situações bem idênticas. Em Marcos 7, Ele está ministrando cura a um rapaz surdo e gago. Veja o que Ele faz: *Jesus, tirando-o da multidão, à parte, pôs-lhe os dedos nos ouvidos e lhe tocou a língua com saliva; depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: “Efatá”, que quer dizer: “Abre-te!” Abriram-se lhe os ouvidos, e logo se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente (vs. 33-35).* Adiante, no capítulo 9, Marcos registra Jesus lidando com alguém que tinha quase os mesmos problemas, só que oriundos de uma outra fonte, a demoníaca: Vendo Jesus que a multidão concorria, repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: *“Sai deste jovem e nunca mais tornes a ele” (...) tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou (vs. 25 e 27).*

Os dois casos são interessantes de serem analisados. Ambas as pessoas às quais Jesus ministrou tinham um problema em comum: a surdez. No entanto, o primeiro caso refletia um problema físico, já o segundo era derivado do espiritual. Jesus trata com o mesmo problema, mas tendo reações diferenciadas. No primeiro caso, Ele ora por cura; já no segundo, atua no nível da libertação.

Há uma outra passagem em que, na minha opinião, ocorre uma ministração na alma. Lembra-se do caso da mulher adúltera em João 8? Experimente reler este texto das Escrituras. Ela era cercada de acusadores, de pessoas que em nada queriam o seu bem e muito menos perdoá-la. Seu fim era mesmo a condenação e a morte. Os fariseus perguntaram a Jesus: *E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres fossem apedrejadas; tu, pois, que dizes? (v. 5).* Já imaginou como estava o coração dessa mulher, ali diante de Jesus e de toda aquela multidão presenciando tal cena? Uma vergonha profunda, um senso de desvalorização, condenação e culpa enormes. Talvez no seu interior, pensasse: “O que mereço é mesmo a morte, para mim não há mais jeito.” Mas Jesus, sabendo ser o Salvador do mundo e entendendo que não há diferenças entre tipos de pecados, e que na verdade todo homem caiu em Adão e

assim carece da glória de Deus, interpelou àquela multidão: *“Aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que lhe atire pedra”* (v. 7).

Querido leitor, não existe ninguém perfeito neste mundo, somente Deus. Por isso todos nós merecemos uma segunda chance, e ainda, se precisarmos, uma terceira e quem sabe ainda uma quarta, quinta, sexta, até setenta vezes sete, ou seja, quantas vezes for necessário. Grave isto: Deus sempre estará pronto para perdoar um coração verdadeiramente arrependido. O Pai sempre estará de braços abertos para receber o filho pródigo, aquele que esteve perdido. Mesmo no mundo, no pecado, fazendo as coisas mais terríveis, ainda assim é filho, imagem e semelhança de Deus, comprado por alto preço, o sangue de Jesus, que pode cobrir todos os pecados. Sempre haverá uma nova chance; isto é, desde que haja arrependimento.

Parece que foi mais ou menos isso que Cristo quis ensinar àqueles religiosos de sua época. Sua pergunta causou-lhes tamanha perturbação na consciência, que a Bíblia diz que foram saindo um após o outro. Todos carregavam pecados. Jesus, então, perguntou àquela que havia adulterado: *“Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor”* (v. 9). Agora veja que palavra curadora foi a de Jesus: *“Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais”* (v. 11). Tais palavras serviram de bálsamo para o coração ferido e humilhado daquela mulher. Tenho plena certeza de que sua vida nunca mais foi a mesma.

Concluindo, então, esta parte, poderíamos afirmar que Jesus sabia quais eram as verdadeiras raízes dos problemas das pessoas, e à medida que diagnosticava a origem de cada um deles, procurava ministrar de modo específico. Se o caso fosse endemoninhamento, a abordagem era espiritual, e Ele atuava no nível da libertação. No entanto, caso se tratasse de um problema de enfermidade no corpo, a oração deveria ser por cura. Mas, se estivesse diante de alguém com problemas em suas emoções, procurava recepcionar essa pessoa com compreensão, perdão, graça e amor. Agindo Jesus dessa forma, libertando os cativos, curando os doentes e sarando os feridos, o evangelista Mateus

identificou todo esse seu procedimento cumprimento da profecia de Isaías 53.4: *para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças (Mt 8.17)*. O mesmo Jesus continua operando hoje.

1 - A raiz de alguns extremos

Aqui está um problema que tem sido a razão de muitos transtornos em nossas igrejas: as ideias extremistas. O diabo, que é o pai da mentira, sabedor de que a verdade liberta e provém de Deus, faz de tudo para contra atacá-la. Parece que sua principal arma é mesmo tentar distorcer o sentido genuíno e bíblico de cada verdade. Se mentir diretamente ou enganar alguém pode não funcionar, sua estratégia letal pode vir em seguida: o extremo.

Será que você já encontrou algum extremista? Alguém que se apossou de uma verdade de um modo tão veemente e exagerado que acabou distorcendo o seu real sentido? Acredito que sim; todos nós já tivemos esse tipo de experiência. Mas este não é o ideal de Deus para nossas vidas. O apóstolo Paulo escreve ao seu filho na fé, Timóteo, dizendo-lhe: *Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação (2Tm 1.7)*. A palavra-chave aqui é “moderação”. O poder é importante, o amor igualmente; mas tudo isso, sem moderação e equilíbrio, pode tornar-se um grande problema. Veja outra passagem escrita por Paulo: *porque Deus não é de confusão e sim de paz (...). Tudo, porém, seja feito com decência e ordem (1 Co 14.33,40)*. O apóstolo está aqui explicando aos Coríntios que os dons espirituais são de suma importância. No entanto, Paulo diz: “Mas do jeito que vocês estão fazendo as coisas, só estão contribuindo para escandalizar a obra de Deus e trazer grande confusão, inclusive, para os incrédulos que vêm visitá-los. É preciso que haja paz, decência e ordem na casa de Deus!”

O poder, o amor, os dons do Espírito são fundamentais para o corpo de Cristo e também para qualquer cristão que esteja buscando crescer em santidade diante do Senhor. Mas do que adianta ter essas coisas e não saber administrá-las? Se não soubermos administrar tais virtudes divinas em nossas vidas, de modo coerente e frutífero, poderemos acabar incorrendo em extremos. É por causa disso que igrejas detentoras dos dons, mas que os administram de forma errada, têm os seus cultos transformados em quase uma bagunça (assim como ocorria no culto

dos Coríntios – cf. 1 Co 14). Não estou me referindo, obviamente, a um culto fervoroso e cheio do Espírito, mas sim à desordem.

Eu poderia prosseguir dando uma série de outros exemplos visando mostrar que alguns ensinamentos que estão na Bíblia podem ser interpretados e praticados de modo incorreto e extremo. Mas basta entendermos de antemão que qualquer doutrina, quando praticada de modo exagerado e desequilibrado, pode além de tantas outras coisas, trazer escândalo, distorção da verdade bíblica, confusão no meio do povo de Deus, em suma, uma ideia extrema pode ser tão falsa e enganosa como a própria mentira, quando praticada de modo explícito. Vale ressaltar a palavra do Dr. Martin Lloyd Jones, um dos grandes teólogos do século XX, quando afirmou: “O diabo é o pai de todos os extremos.”^[2] De fato, todo extremo conta mesmo com a ajuda daquele a quem Jesus denominou como o pai da mentira (Jo 8.44).

Neste livro, proponho-me a fazer uma análise de alguns fenômenos das esferas física, psicológica e espiritual, minha tarefa será levá-lo a refletir sobre alguns postulados, presentes na mente de alguns cristãos, que têm em muito contribuído para confundir o discernimento quanto à origem dos seus problemas. Veja a seguir algumas dessas ideias.

“O Diabo é o Autor de Todo Mal!”

Experimente dizer em alto e bom som uma frase como esta em sua igreja no domingo à noite, e tenho a plena certeza de que ouvirá uns bons “améns!”. Mas, espere um pouco, você pode estar pensando agora: “Você está insinuando que não é o diabo que vem causando todos os meus problemas? Não é ele o autor de todo mal e de todas as dificuldades presentes neste mundo?” Sinceramente, acredito que não. Penso como você, e é assim que a Bíblia nos ensina, que o diabo veio para matar, roubar e destruir. Ele tem sido mesmo o causador de muitos dos nossos problemas e dificuldades, mas não de todos.

O homem faz o mal

Biblicamente, vamos descobrir que não somente o diabo pode fazer o mal, mas nós também podemos.

Muitas vezes somos, de fato, maus. Não é isso que está escrito em Lucas 11.13? *“Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?”* Há ainda outros trechos nas Escrituras que podem ilustrar a malignidade presente no coração do homem. Em Gênesis 6.5, lemos: *Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração.* E, em Mateus 15.19, Jesus nos ensinou que é do coração que *procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem.*

Observe que as estas passagens citadas referem-se a um tipo de mal que não provém do diabo, mas do próprio interior humano. Paulo nos diz mais adiante, que aquilo que o homem semear na carne, isto também ceifará (Gl 6.7 e 8). Pois bem, a tese de que todo mal procede do diabo, e tão-somente dele, cai por terra diante dessas referências bíblicas. O homem é o responsável por muitos dos seus problemas e insucessos na vida, e não deveria culpar o Maligno por tudo de ruim que lhe acontece. Quantos de nós, às vezes, sofremos por causa de um ato errôneo do passado que não foi consertado? Uma palavra mal colocada, um comportamento escandaloso, uma traição, um bate-boca, um roubo e outras coisas podem ter contribuído para algumas derrotas em nossa caminhada espiritual. Corrigir esses erros, por meio de um pedido de perdão e também de uma atitude perdoadora, é fundamental para qualquer processo de restauração.

Outros elementos, como arrependimento, restituição e o próprio amor, podem ser igualmente formas de sanarmos brechas que ainda não foram fechadas em nossas vidas. Isso dependerá de nós. Deus nos dará a direção necessária para tomarmos tais atitudes.

O mundo inteiro jaz no maligno

Além do diabo e do homem, que podem produzir o mal, creio que também podemos incluir nessa relação o próprio mundo em que vivemos. Por diversas vezes, as Escrituras nos advertem quanto ao fato de que não podemos amar este mundo, pois ele está

profundamente decaído. *Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele (1 Jo 2.15)*, e ainda João chega a dizer que *o mundo inteiro jaz no Maligno (5.19)*. Mas o que é o mundo? Podemos dizer que ele é o sistema de ideias que está presente nos mais diversos segmentos da sociedade e isso pode envolver a política, os meios de comunicação, as escolas, a linguagem, a cultura e tantas outras coisas. Vivemos em um ambiente que é hostil ao cristianismo e a tudo aquilo que pretende coibir os impulsos humanos. A palavra-chave de nossa sociedade dita pós-moderna é “vale tudo”. O homem se postou no controle de tudo, e é ele mesmo quem dita as regras; e, afinal, quais são elas? Nenhuma. Faça o que der em sua cabeça, tudo é válido, tudo é permitido! São algumas das insígnias atuais. Há um o aforismo interessante de Dostoievski, pensador russo: “Se Deus não existe, tudo então é permitido.”³ Em outras palavras: “Se não há um Supremo Legislador, Criador de todas as coisas, ao qual devamos nos sujeitar e prestar contas futuramente, se Ele não existe mesmo, então por que se preocupar? Faça o que der em sua cabeça!” Esta tem sido a proposta atual do mundo.

Recebi há pouco tempo uma informação de que havia ainda algumas regiões em nosso país onde não teria chegado qualquer aparelho de televisão. Sabendo disso, os sociólogos quiseram observar o comportamento dessas comunidades após a introdução da televisão. Estatisticamente, a criminalidade, a prostituição, os divórcios e outras coisas nocivas ao homem aumentaram de modo drástico. Isso pode confirmar a influência que tem esse sistema de ideias presente no nosso mundo para afetar nossa conduta como seres morais e espirituais.

Assim, precisamos encarar o sistema mundano vigente como um dos nossos inimigos. Ele também é produtor do mal. Suas filosofias têm sido responsáveis pelos insucessos de muitos casamentos, pelo fracasso moral de muitos homens e mulheres, pelas perversões sexuais com que constantemente nos deparamos (que, aliás, nos são passadas como se fossem coisas muito naturais), pela mentira, desonestidade e corrupção em nosso país, além de uma série de outras coisas que têm minado as bases espirituais de nossa sociedade e, muitas vezes, até da Igreja do Senhor Jesus.

Deus e Seus juízos

Em último lugar, eu não poderia deixar de dizer também que há na Bíblia inúmeras referências a Deus como Aquele que pode executar uma série de julgamentos sobre as nações, assim como sobre o Seu povo. Aqui não deveríamos comparar os atos de justiça de Deus com aqueles atos perversos que podem ser praticados pelo diabo, pelo homem, como também pelo mundo. Neste ponto, o que quero ressaltar é que, às vezes, os problemas pelos quais algumas pessoas passam podem ser frutos da ação de Deus contra elas, devido a seus atos de desobediência. No livro do Apocalipse, por exemplo, encontramos Deus enviando sobre a natureza e povos mais diversos uma série de juízos por causa de sua dureza de coração. Humanamente falando, poderíamos interpretar tais julgamentos como pesados e rígidos, mas no Céu, onde o senso de justiça não foi contaminado pelo pecado, vemos os vencedores da Besta entoando hinos e cânticos ao Senhor, e isso logo após uma série de sentenças drasticamente executadas pelo próprio Deus: *“Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! (...) porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos”* (Ap 15.3 e 4). Em outras palavras, eles estão dizendo: “Senhor, tudo isso aconteceu porque eles mereciam, pois foram avisados, conclamados ao arrependimento, no entanto, permaneceram duros e obstinados em seus pecados. O castigo então foi a sua recompensa! Os teus atos são justos, Senhor, pois tu governas com retidão, amor e justiça!”

Ter Deus como um dos possíveis causadores de algumas de nossas dificuldades e problemas pode mesmo ser uma ideia assustadora para algumas pessoas. Não sei se isso já aconteceu com você, principalmente se já atua no campo de aconselhamento e libertação há algum tempo. Há casos de pessoas em que tentamos tudo ou todos os métodos possíveis de libertação para ajudá-la. Sessões e mais sessões de aconselhamento, quebra de maldições, renúncia dos pactos passados, mas parece que tudo foi em vão. E ficamos a nos perguntar: “Puxa vida, Senhor, já tentei ajudar essa pessoa de todos os modos, e nada! O que está acontecendo? Já

amarrei todos os demônios que sei pelo nome, já intercedi quebrando todas as maldições possíveis, mas parece que nestes casos nada parece adiantar!” Já viu algum caso assim? Pois bem, tenho percebido que em muitas dessas situações o problema da pessoa é com Deus.^[3] Não é o diabo, não é o mundo, mas a mão do Senhor que está pesando. Assim sendo, todos os nossos esforços serão em vão, a não ser que essa pessoa a quem estamos ajudando decida acertar as contas com Deus.

Líderes com ministérios presos

Vamos imaginar, por exemplo, que você esteja ajudando a um líder cujo ministério não vai para a frente. Você fez todas as orações e intercessões possíveis. A igreja já jejuou, já amarrou todas as potestades, mas parece que nada disso adiantou muito. O que fazer nesse caso? É preciso se colocar diante de Deus para pedir a resposta. Você, por exemplo, já pensou na possibilidade de esse líder ou pastor que esteja aconselhando estar atuando em um local ou exercendo um tipo de trabalho não autorizado por Deus? Já cogitou esta hipótese? Vou usar, aqui, uma conhecida ilustração, o caso do profeta Jonas.

Deus dissera a Jonas: *“Pegue o barco, dispõe-te e vá para Nínive, quero que exerça um ministério lá!”* (Jn 1.1). Agora, qual foi a resposta do profeta ao chamado de Deus? Ele se dispôs, sim, mas não para cumprir o que Deus havia lhe ordenado. Tomou o caminho oposto e partiu para Társis, um lugar para onde Deus não o havia chamado. Assim dizem as Escrituras: *para longe da presença do SENHOR* (v .3). Agora, imagine você naquela ocasião, tendo de fazer uma libertação com o profeta Jonas, em que ele o procurou reclamando não estar indo muito bem no seu ministério. As coisas estavam presas, seu trabalho parecia não estar fluindo. Meu irmão, você poderia nessa ocasião amarrar todos os demônios, repreender todas as potestades possíveis, quebrar quantas maldições quisesse, mas, mesmo assim, o problema desse profeta não seria resolvido. Sua situação precisaria ser acertada com Deus. Nenhuma libertação, por mais profunda que fosse, seria suficiente para fazer “fluir” o ministério de Jonas em Társis. Só haveria uma solução: retornar ao centro da vontade de Deus.

Você conhece a história tanto quanto eu. Quando Jonas procurou fugir da vontade de Deus, tomando um navio que se dirigia para um lugar para o qual não fora chamado, o que aconteceu? *Mas o SENHOR lançou sobre o mar um forte vento, e fez-se no mar uma grande tempestade, e o navio estava a ponto de se despedaçar* (1.4). Veja que lição podemos tirar desta história. O grande inimigo daquele navio não era o diabo, nem qualquer pagão presente ali, tampouco a natureza que se portava de modo hostil, mas o próprio Deus! O interessante é que nem sequer as intercessões feitas no navio conseguiram resolver o problema. Só havia, então, uma solução para o profeta: confessar seu pecado, acertar sua situação com Deus e retornar ao lugar para onde fora chamado. Adiante, vemos Deus abençoar profundamente o ministério de Jonas em Nínive, a ponto de toda a cidade converter-se ao Senhor, mediante sua pregação (cf. Jn 3.5-10).

Igrejas adoecidas

Outro exemplo que podemos citar é o da igreja de Éfeso, descrita no Apocalipse. Ela havia esfriado em seu amor para com Deus, por isso a ordem divina foi para que houvesse arrependimento e retorno às primeiras obras. Agora, veja o que disse Deus, caso essa igreja não tomasse tais atitudes: *“e, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas”* (2.5). Vamos supor que essa igreja tenha feito a opção de não se sujeitar à vontade de Deus; qual seria, então, a consequência disso? O Senhor retiraria a própria luz da igreja. Isso poderia significar, quem sabe, a ausência do Espírito naquele lugar, a perda do fervor espiritual ou até mesmo a falta de clareza dos propósitos divinos para aquela comunidade de cristãos. Éfeso seria a partir daí uma igreja ofuscada, sem vida, sem poder, sem qualquer influência onde vivia. Você sabe como eu, que existem igrejas assim em nosso meio: apagadas. Se elas fossem a qualquer momento deslocadas do seu lugar ou até mesmo arrebatadas, praticamente ninguém notaria a diferença. Estão apagadas, pois a luz já se retirou há muito tempo atrás. Éfeso corria o risco de tornar-se esse tipo de igreja.

Agora imagine-se como ministrador sendo convidado para fazer uma “campanha de libertação” numa congregação como Éfeso. Já

pensou? De que adiantaria a utilização de todos os métodos de libertação e cura, sendo que o problema desses cristãos nada tem a ver com tais coisas e sim com Deus? Quem tirou a luz da igreja foi o próprio “Senhor da Igreja”. A responsabilidade é toda dele. Como, então, solucionar esse tipo de problema?^[4] Parece que 2 Crônicas 7.14 responde a esta pergunta: *“se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra.”* O arrependimento então, e o retorno ao primeiro amor, seria o único meio de reconciliar essa igreja com Deus, tornando-o favorável novamente a ela. Nada além disso resolveria o problema dos efésios.

Creio que esta última análise sobre a proveniência de algumas dificuldades colocadas pelo próprio Deus em nosso caminho, em decorrência de nossa desobediência, pode muito bem explicar o grande número de casos em que já tentamos todos os métodos possíveis e nada foi resolvido. Se em determinadas áreas de nossas vidas Deus já não está à frente, pelejando a nosso favor, seria o momento de refletirmos sobre isso e nos voltarmos correndo para os seus braços. O fato de o Senhor colocar, às vezes, obstáculos em muitos dos nossos caminhos pode, indicar que Ele quer que percebamos que fora da sua presença nada iremos conseguir. Isso me faz lembrar do episódio do filho pródigo. Quando quis deixar a presença do seu pai, ele o consentiu, respeitou sua vontade. Mas você viu a vida que aquele jovem passou distante do seu pai? Após consumir todas as suas forças e energias em um trabalho que não era o seu, envolvido naquilo que Deus não queria para a sua vida, dizem as Escrituras *e ele começou a passar necessidade (Lc 15.14)*. Em outras palavras, as coisas começaram a não fluir mais, estavam agora amarradas, sem qualquer apoio divino. Mas por que Deus permitiu tudo isso? Para que esse jovem caísse em si e se lembrasse de como era sua vida antes de sua queda. *Então, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores do meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome! (Lc 15.17)*. Veja que coisa maravilhosa: quem trabalha para o Pai, e no local onde Ele planejou, tem em fartura! As coisas fluem, acontecem naturalmente, o ministério vai para a frente! O que esse filho pródigo necessitava

naquela ocasião não era de um bom trabalho de libertação, nem mesmo renunciar a qualquer vínculo ou maldição, mas sim voltar para a casa do Pai, retomar o caminho outrora abandonado. E foi isso mesmo que ele fez: *E o filho lhe disse: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho” (Lc 15.21)*. Diante disso qual foi a atitude do Pai? Veja o texto: *Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou e, compadecido dele, correndo, o abraçou e o beijou (v. 21)*.

Como o nosso Deus é tremendo! Você já pensou se mesmo em desobediência Ele estivesse o abençoando e fazendo prosperar o seu caminho? Já imaginou se mesmo ocupando o ministério errado ou estando numa função que não é sua, Ele o fizesse prosperar? De jeito nenhum. Deus não vai incentivar qualquer caminho tortuoso que estivermos percorrendo. Tenho a plena certeza de que Ele permite, às vezes, que muitas áreas de nossa vida não venham prosperar, pois deseja que voltemos a Ele em atitude de arrependimento. Deus sempre estará de braços abertos, a nos esperar. Ele se alegra em nos dar novas oportunidades, o Seu perdão é mesmo infinito. Se você tem estado fora da presença de Deus, ou se tem ido em uma direção que Deus não autorizou e nem mesmo ordenou, volte correndo para os braços do Pai! Ele pode restaurar a sua vida e o seu ministério!

“O Diabo me Obrigou a Fazê-lo!”

Este é um grande perigo para muitos que começam a estudar o mundo espiritual assim como a esfera das ações satânicas. Muitos cristãos têm exagerado a atuação do diabo em suas vidas e circunstâncias. É comum para muitas pessoas culparem o diabo por tudo de ruim que lhes acontece, assim como pelos seus maus atos. A expressão “O diabo me obrigou a fazê-lo!” tornou-se bem popular na vida de muitas pessoas.

Quantas vezes deixamos de reconhecer nossos erros e nem mesmo os confessamos diante de Deus e do nosso irmão a quem ferimos por achar ou pensar que foi o diabo quem nos levou a ter tais atitudes. Culpar o Maligno por tudo, além de não resolver o nosso problema, pode em muito trazer prejuízos espirituais para nós. Fico, às vezes, preocupado com alguns irmãos que se

aventuraram no campo de libertação. Muitos deles tornaram-se fanáticos e extremistas. Só conseguem enxergar o diabo em tudo na sua vida. É um horror!

Lembro-me de um aluno que estudou conosco no curso anual oferecido pelo SECRAI. Apesar de durante todo esse tempo fazermos diversas advertências quanto ao perigo dos extremos e exageros, parece que nesse caso não houve jeito. Fui passar um fim de semana na casa desse irmão, mas, misericórdia! Ele só falava no diabo! Eu já não aguentava mais. Acho que foi o fim de semana que em toda a minha vida mais escutei sobre o diabo. Fiquei pensando em como ele não conseguiu entender nada do que tencionávamos passar-lhe por meio de nossas diversas matérias no curso. E aí está um forte perigo na batalha espiritual: quando alguém começa a se preocupar demais com as obras do Maligno. Há pouco escutei uma frase interessante de um escritor: “O diabo se agrada tanto de um cético como também de um feiticeiro!” Isto é verdadeiro. Quem fica exagerando a ação de Satanás (ou omitindo-a), acaba incorrendo numa estratégia criada por ele mesmo! Deus não deseja isso de nós. Nossa atenção deve estar voltada exclusivamente para o Senhor Jesus. É claro, estamos em guerra, mas essa guerra vai ser vencida por meio de nossa comunhão com o Senhor, e não tornando-nos obcecados pelo Reino das Trevas.

A responsabilidade do homem

A mania de justificar-se dos seus erros teve seu início no Éden. Quando Deus perguntou a Adão se ele havia comido da árvore que lhe ordenou que não comesse, veja a sua resposta: “*A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi*” (Gn 3.12). Adão está aqui responsabilizando tanto a mulher como até mesmo Deus – “A mulher QUE ME DESTES”. Ele está dizendo: “*Senhor, foi esta mulher que o Senhor mesmo me deu. Ela me tentou, e eu cedi!*” Depois Deus, então, perguntou à mulher: “*Que é isso que fizeste?*” Respondeu a mulher: “*A serpente me enganou, e eu comi*” (3.13). Veja só como as coisas acontecem: Deus pergunta a Adão por seu erro, mas ele aponta o dedo para a mulher. Deus também pergunta a Eva sobre o seu erro, e ela agora aponta o dedo para a serpente. E a pergunta é: por que a serpente também não apontou o

dedo para ninguém? Simplesmente porque não possuía dedo! Talvez, se o tivesse, teria apontado também. Isto é apenas uma brincadeira, mas com um fundo de verdade.

O que quero ressaltar aqui é a incapacidade de nossos primeiros pais em reconhecer sua responsabilidade pelo seu erro. Eles poderiam ter dito: “De fato, Senhor, erramos; o fracasso é nosso!” Mas não é isso o que vemos. Cada um tentou montar a sua defesa, e no final a culpa foi cair novamente nas costas do diabo – “A serpente me enganou!”

É interessante que embora Deus reconheça que a serpente teve uma participação ativa no episódio que levou Adão e Eva à queda, Ele não isenta nenhum dos dois em sua responsabilidade no ato. Ambos foram julgados e receberam as consequências do seu pecado. Em outras palavras, Deus disse assim: “Embora a tentação tenha partido da serpente, vocês cederam a ela! São por isso responsáveis pelo que fizeram!” A Adão o Senhor disse:

“Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás” (3.17-19).

Eva também foi sentenciada pelo seu pecado:

“Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará” (3.16).

Evidentemente, a serpente também foi julgada: *“Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais*

domésticos e o és entre todos os animais selváticos: rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida. Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (3.14 e 15).

Finalizando, eu poderia dizer que embora o diabo seja o Tentador, a escolha de acolher a tentação ou não sempre será nossa. Por isso, quando dizemos “O diabo me obrigou a fazê-lo!”, isto só demonstra nossa dureza de coração em não reconhecer nosso pecado diante de Deus.

“Todos os problemas do homem são espirituais!”

Quando alguém faz uma afirmação como esta, eu sempre a escuto com sérias restrições. Será mesmo que todos os problemas do homem partem apenas da esfera espiritual? Este livro foi escrito para demonstrar que não. Já destaquei no primeiro capítulo, que Jesus fazia muito bem a separação entre os problemas de origem física, psicológica e espiritual; e para cada um deles tinha um procedimento específico. Veja também em 1 Tessalonicenses 5.23: *O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo*. Observe na passagem acima como a Bíblia concebe o homem: composto de corpo, alma e espírito. Se estas esferas são separadas, embora funcionem de modo interligado, fica evidente que podem, de modo particular, influenciar nosso comportamento em cada uma de nossas atitudes, de maneira positiva ou negativa, dependendo de como se encontrarem.

Outra passagem que ressalta esta distinção nas partes constitutivas do homem está na Epístola aos Hebreus 4.12: *Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração*. Mais uma vez, a passagem é clara: alma e espírito são esferas distintas e podem até ser divididas. Isso nos leva a concluir que muitas vezes podemos estar lidando com problemas que tenham origem na alma ou no espírito, sendo assim problemas psicológicos ou espirituais. Afirmar, então, que todas as dificuldades humanas sejam estritamente espirituais ou demoníacas denuncia um grave desconhecimento das passagens bíblicas que afirmam justamente o contrário. Quais seriam as consequências de

atribuirmos a origem de todos os problemas apenas ao mundo espiritual? Na minha opinião, além de nos tornarmos limitados em nossa abordagem, corremos o risco de não ajudarmos adequadamente muitas pessoas que virão até nós. Infelizmente, para alguns ministradores, é como se o homem fosse tão-somente um ser espiritual, sem corpo e sem alma. Se realmente assim fosse, a expressão “Todos os problemas do homem são espirituais!” estaria mais do que correta. Mas não é isso que vemos nas Escrituras.

Uma ilustração do perigo de uma visão espiritual do homem é o testemunho de um irmão conhecido que já por muito tempo milita no ministério de libertação. Ele veio compartilhar comigo que, durante muitos anos, não entendia por que em alguns casos a libertação pouco podia fazer em prol de alguns tipos de pessoas. Dúvidas fervilhavam em sua cabeça. Apesar de levá-los a renunciar pactos passados, quebrar maldições etc. parece que nada adiantava. Até que ele começou a envolver-se com o ministério *Veredas Antigas*^[5] e lá começou a perceber que muitas coisas que as pessoas carregam em suas vidas são provenientes dos seus corações feridos e machucados por traumas do passado. Em outras palavras, esse meu amigo, que outrora entendia o homem apenas como um ser espiritual e que seus problemas tinham origem única nos ataques do diabo, aprendeu que ele é também um ser psíquico, ou seja, possuidor de uma alma, que às vezes é a grande responsável por muitos dos seus problemas quando encontra-se abatida. Veja o que ele me disse: “Agora consigo entender por que casos de problemas emocionais não foram resolvidos numa sessão de libertação. Libertação e cura são duas coisas diferentes.” Concordei plenamente com ele.

2 - Problemas físicos confundidos com os espirituais

Antes de introduzir nossa comparação entre as esferas física, psicológica e espiritual, convém dizer que este é um campo que constantemente atrai a atenção do diabo. Se ele é o pai da mentira, deve ser também o pai da confusão. Como temos dificuldade para diferenciar estas esferas! Às vezes, um problema que é físico, pensamos ser espiritual; outras vezes, é um ataque do diabo em nossa mente, mas encaramos tudo como se fosse psicológico. Já em outras situações, acusamos o diabo de algo que não tem nada a ver. Qual é a consequência de tudo isso? Talvez o fato de muitas vezes não conseguirmos resolver nossos problemas, e em decorrência disso vivenciamos uma série de crises. É claro que, diante de tudo isto, o diabo pode aproveitar-se de cada uma dessas situações, contribuindo para que permaneçamos na ignorância.

Agora, quais são frequentemente as confusões que podem ocorrer na distinção do físico e do espiritual? Analisaremos este assunto em alguns tópicos.

Enfermidades Físicas

Parece que tudo estava indo muito bem. A fé mais do que nunca inabalável, o testemunho cristão igualmente, a frequência aos cultos da igreja era também ininterrupta, mas, de repente, algo mudou. Uma sensação estranha de mal-estar, desânimo, dor e outras alterações no funcionamento do corpo. Quando você menos esperava, um problema de enfermidade. Geralmente estes são tempos em que maior dificuldade nos sobrevém de cultivarmos nossa vida espiritual como fazíamos anteriormente. É comum nos depararmos com as limitações de nosso próprio corpo debilitado. A oração parece não fluir como antes, o desejo de ir aos cultos igualmente, as coisas parecem não estar indo lá muito bem.

Um problema que simplesmente afeta o físico pode ser compreendido como algo espiritual, principalmente se interpretamos toda enfermidade como fruto da ação maligna contra nós. Para

piorar as coisas, é geralmente nessas ocasiões que o diabo pode se aproximar para jogar uma série de coisas em nossa mente, muito embora nossa fraqueza seja simplesmente uma questão física.

Algumas acusações são típicas: “Está vendo? Deus o está castigando com essa doença porque você é inaceitável... Você cometeu um pecado imperdoável!” Outras vezes, ele pode dizer: “Veja como sua comunhão com Deus está fraca! Você nem ora mais como antes... Deus está muito aborrecido com você.”

Uma debilidade física pode muitas vezes ser confundida com algo espiritual. Entretanto, nem toda enfermidade deve ser confundida com um ataque do diabo contra nós. Muitas delas são consequência de um desgaste físico ou de algo que não está permitindo que o corpo funcione adequadamente. Às vezes pode ser má alimentação (déficit nutricional proteico-calórico), uma disfunção hormonal, deficiência de vitaminas, estresse e outras situações clínicas que podem comprometer o funcionamento dos diversos aparelhos e sistemas que compõem o corpo humano. Outra coisa deve ser ressaltada: um período prolongado e debilitante de enfermidade pode também nos dar a impressão de fraqueza espiritual e de distanciamento de Deus. Quase todos nós já testemunhamos isso.

Mas o cristão pode mesmo enfrentar uma enfermidade? Acredito que sim. Houve tempo em que predominou em nosso meio uma teologia que dizia ser quase um grande pecado o cristão tornar-se enfermo. O argumento era o encontrado em Isaías 53, onde se diz que *pelas suas pisaduras fomos sarados*. É verdade, eu creio como diz a Bíblia: Cristo levou sobre Si todas as nossas doenças e enfermidades! Não devemos mesmo aceitá-las passivamente. Temos uma promessa em relação à cura. Mas muito diferente é afirmarmos que nunca ficaremos enfermos e que sempre que alguém enfrentar um problema como esse é por falta de fé no que Cristo fez por ele. Não seria esta uma ideia exagerada? Veja bem: do mesmo modo que Cristo levou nossas enfermidades, Ele também não levou sobre Si os nossos pecados? Sim, Isaías diz que *Ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades* (v. 5). Agora, eu posso afirmar que nunca mais pecarei porque Ele levou sobre Si todos os meus pecados? É possível nunca pecarmos até a volta de Cristo? O apóstolo João nos

responde deste modo: *Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós (1Jo 1.8)*. No meu entendimento, não deveríamos aceitar em nossa vida tanto o pecado como a doença, pois Jesus já levou sobre Si tudo isso, na cruz; isso, porém, não quer dizer que nunca ficaremos enfermos ou que nunca pecaremos. É preciso ter em mente que, para ambas as coisas, temos a cruz como resposta: podemos ser sarados e perdoados!

Que o cristão pode ficar enfermo e que isso, necessariamente, nada tem a ver com um ataque do Inimigo, é demonstrado por dois episódios na Bíblia. O primeiro deles refere-se ao conselho de Paulo dado a seu filho na fé, Timóteo. Veja o que ele diz: *Não continues a beber somente água, usa um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas frequentes enfermidades (1Tm 5.23)*. O apóstolo não diz: “Meu filho, o diabo o tem atingido em cheio com essas enfermidades, por isso fortaleça-se na sua fé e repreenda-o com grande autoridade, no nome do Senhor!”. Foi isso que Paulo orientou Timóteo a fazer? De modo nenhum. Ele entendeu que, no caso específico, tratava-se de um problema simplesmente fisiológico e que não deveria ser confundido com algo espiritual. A fé do jovem se fazia operante, e em nada estava o Inimigo atingindo-o. Paulo o orientou a que apenas tomasse um pouco de vinho para, com isso, ajudar nos seus constantes problemas estomacais.

Em último lugar, podemos nos lembrar das palavras de Paulo aos Gálatas, quando lhes explicou o motivo que o levou à sua cidade: *E vós sabeis que vos preguei o Evangelho a primeira vez por causa de uma enfermidade física. E, posto que a minha enfermidade da carne vos foi uma tentação, contudo, não me revelastes desprezo nem desgosto; antes, me recebestes como anjo de Deus, como o próprio Cristo Jesus (Gl 4.13 e 14)*. Veja como de modo bem natural o apóstolo expõe o seu problema. Ele disse que foi estar com esses irmãos da Galácia por causa de uma enfermidade, e, apesar disso, foi recebido como se fosse o próprio Cristo. Talvez se Paulo fosse recepcionado por algumas igrejas atuais, muitos diriam: “Puxa vida, Paulo roda este mundo todo curando tantas pessoas, mas ele mesmo não tem fé para ser curado!”, ou quem sabe diriam: “É... Paulo não deve estar com sua vida correta diante de Deus, ou então

o diabo deve estar atingindo-o furiosamente.” Nada disso. Não era esta a visão. O problema de Paulo não foi interpretado como algo espiritual, como se estivesse fraco na fé ou então sob o ataque do diabo. Sua dificuldade era simplesmente de ordem física.

Quadros de Anemia

O professor Haroldo Jacques define a anemia como “uma doença que afeta o número e/ou a qualidade dos glóbulos vermelhos no sangue. A função principal dos glóbulos vermelhos é transportar oxigênio dos pulmões para todos os tecidos do corpo. Neles há uma substância chamada hemoglobina, à qual o oxigênio se liga. A anemia resulta em menos oxigênio transportado e liberado para os tecidos. Se a anemia é intensa, pode trazer graves consequências e mesmo a morte”.^[6]

A anemia também consta na lista dos problemas originados do físico que podem ser confundidos com o espiritual. Vejamos quais são suas causas: dieta alimentar deficiente, dificuldade do organismo em absorver determinadas vitaminas, sangramento excessivo (hemorragias, período menstrual prolongado), dentre tantos outros. Agora, alguém que está anêmico apresentará quais sintomas? Veja alguns deles: dificuldades de respiração, fraqueza, cansaço, dificuldade de concentração, perda de energia, vigor e disposição para fazer as coisas.

É importante agora associarmos estes sintomas ao dia-a-dia do cristão, pois eles podem afetar sua caminhada espiritual e ministerial. O cristão anêmico, então, não somente terá desânimo para ir ao trabalho ou realizar determinadas atividades (como limpar casa ou lavar o carro – coisas que fazia anteriormente com grande facilidade), mas também pode ficar desanimado em levantar-se para ir à igreja, orar e ler a Bíblia. Os sintomas da anemia (cansaço, perda de vigor, indisposição etc.) não apenas afetarão nossas atividades seculares, mas também espirituais. Qualquer um de nós que esteja com um quadro de anemia, se não soubermos do problema que enfrentamos nem como ele pode debilitar áreas de nossa vida, pode começar a pensar: “Puxa vida, aquele vigor que eu tinha para ir à igreja, orar, evangelizar etc. parece estar acabando. Deus deve estar se afastando de mim.” Ou então o diabo pode se

aproximar e dizer: “Sabe por que você anda tão desanimado e não consegue mais se concentrar na leitura da Bíblia? É porque não passa de um pecador. Deus não está querendo mais nada com você!”

Um exemplo interessante foi citado pelo Dr. Martin Lloyd Jones, que, além de teólogo foi também um médico inglês. Veja a sua experiência:

“Lembro-me de uma ocasião, há uns vinte e cinco anos, em que recebi a carta de uma senhora pedindo-me que a ajudasse e que desse atenção ao seu caso. Disse que estava sentindo esse tipo de coisa que estive descrevendo – essa espécie de apatia, interesse menor, incapacidade para fazer as coisas. Ela estava numa verdadeira agonia espiritual, achando que as coisas estavam indo muito mal. Ela ouvira falar de certo pregador bem conhecido, que se dizia perito nas questões psicológicas e espirituais, e lhe escrevera; e que durante meses ele estivesse tratando dela por correspondência. Contudo, a senhora, longe de melhorar, piorou. Quando a encontrei, num relance vi que ela estava com anemia perniciosa. O resultado da sua anemia foi que ela perdeu a energia e a capacidade de concentração. Uma pessoa não pode ter anemia perniciosa e continuar sendo vibrante, vigorosa, viva e entusiástica. Pois bem, se você tentar ajudar um cristão que está padecendo de anemia perniciosa e que não está recebendo tratamento médico, simplesmente lhe dizendo que redobre os seus esforços e procure ter pensamentos belos e positivos, não somente não o estará ajudando, mas estará sendo cruel com ele, estará agravando o seu problema. Naturalmente, tudo que aquela senhora precisava era receber tratamento usual da anemia perniciosa; e se recuperou completamente deste modo.” [7]

Aqui está então mais um problema simplesmente de ordem física que pode ser confundido com algo espiritual. Nesse caso, o que geralmente fazemos é interpretar sintomas provenientes do físico, como se fossem puramente espirituais. Aqui é o corpo que não anda

bem, mas acabamos por atribuir tudo ao espiritual: entendendo que nós é que estamos fracos e desanimados na fé. As coisas tendem a piorar neste caso, quando não buscamos ajuda médica, pois em nossa mente está fora de cogitação a origem física de nossa dificuldade. É claro que agindo desta maneira não conseguiremos resolver o que está nos afetando, assim como acontecia inicialmente com aquela senhora atendida pelo Dr. Lloyd Jones, no exemplo citado anteriormente.

Estresse

O problema do estresse parece ter alcançado muitas pessoas dentro do meio cristão. Fico pensando que o que denominamos como “desânimo espiritual” na vida de alguns não se trata muitas vezes de esgotamento físico e emocional. Quando o cristão já se encontra no limite de sua reserva de energia, devido à sua intensa carga de trabalho, seja isso no trabalho secular ou na igreja, pode manifestar os sinais do estresse. Este problema que tornou-se crônico na sociedade moderna, e que também está presente dentro das nossas igrejas, tanto entre os membros como entre os líderes, possui as mais diferentes causas. O excesso de trabalho ou fortes mudanças sofridas por nós (divórcio, perda de emprego, morte de um ente querido etc.), tensões prolongadas provocadas por problemas familiares ou no trabalho, e até mesmo aquelas constantes cobranças que podemos fazer a nós mesmos, ou seja, a mania que muitas pessoas têm de estar em todo momento se culpando e se achando indignas perante Deus e todos os demais, tudo isso gera o estresse.

Os sintomas apresentados por alguém com estresse são os seguintes: estafa, fraqueza, dificuldade para raciocinar e memorizar, desânimo, enfermidades físicas (depressão do sistema imunológico com propensão às doenças infecto-contagiosas), perda de interesse sexual, alteração do apetite que vai de inapetência (falta de apetite) até gula, alteração de humor (depressão), e finalmente, pode perder o interesse em tudo. Vejamos como tudo isso pode manifestar-se na vida do cristão em seus exercícios ministeriais e espirituais. Já pensou nisso? Pode apresentar desânimo na leitura da Bíblia assim

como na oração. Sua indiferença pode manifestar-se até mesmo em seu envolvimento com as atividades da igreja.

Agora, alguém que de fato vive a sua fé com sinceridade e intensidade, engajado nas atividades da igreja, quando se apercebe com todos esses desânimos e fraquezas, geralmente o que faz? Qual é sua reação imediata? Infelizmente, muitas pessoas passam a se cobrar mais ainda. Sem que percebam, passam a exigir do seu organismo mais do que ele pode oferecer. No entanto, tem-se um problema que anteriormente não havia: devido ao estresse, o corpo não está mais dotado de tanta energia como antes. Às vezes, até aquela última reserva de que dispunha já foi gasta, e aí, caro leitor, é que infelizmente muitos têm chegado ao esgotamento geral. Muitos cristãos estão à beira do precipício.

No seu livro *Distúrbios psicológicos e a vida contemporânea*, James C. Coleman adverte também que o sentimento de culpa é altamente conflitivo e conduz o indivíduo a um estado de tensão psicológica. Coleman explica que, numa situação de tensão, o organismo produz hormônios para dar estruturação no enfrentamento do problema, seja ele real ou imaginário. Na contínua mobilização emocional, haverá uma excessiva liberação de hormônios, e isto pode afetar o cérebro e diversos órgãos do corpo, assim como causar um desgaste do sistema nervoso.^[8]

O mesmo autor ainda afirma: “Todos nós, sob tensão excessiva e contínua, nos tornaríamos psicóticos.”^[9] Veja a que ponto pode levar uma crise emocional.

O antropólogo David Kornfield nos dá uma indicação interessante das três fases do estresse: “a) a etapa do *alarme*, quando nosso corpo se apronta para o desafio. Fazemos o possível para logo resolver o estresse, mas, não conseguindo, passamos para a segunda etapa; b) a etapa da *perseverança*, quando resistimos ao estresse, mas não conseguimos manter toda a energia física e emocional que tivemos na primeira etapa. Se não conseguimos resolver o desequilíbrio a esta altura, passamos para a Terceira etapa; c) a etapa do *esgotamento*, quando passamos a experimentar uma queda emocional. Se não conseguimos alívio, isso passará a afetar os órgãos do corpo, levando à doença e apressando a morte”.^[10]

São necessários prudência e discernimento. Do ponto de vista espiritual, se o nosso desânimo e desestímulo com as coisas de Deus tiver como causa o estresse, não vai adiantar qualquer esforço demasiado de nossa parte. Aliás, qualquer esforço indevido que fizermos poderá até piorar as coisas. Acho que não adianta também fazermos jejuns prolongados, campanhas de oração, subirmos um monte e até passarmos a ler muito mais a Bíblia. Creio que nesse momento nada disso será a vontade de Deus para sua vida, caso esteja enfrentando tal problema. Sabe o que você tem a fazer? Tirar um bom descanso. Às vezes, terá até mesmo de diminuir o seu tempo de oração, meditar em trechos mais breves das Escrituras e também se afastar de cargos da igreja por tempo indeterminado. Pode ser também que seja necessário dormir um pouco mais, fazer bons exercícios físicos, tomar boas vitaminas e até consultar o médico. Procure nesse tempo não se envolver com os problemas das pessoas, tentando resolvê-los, pois isso pode trazer mais desgaste a você. Tenho plena certeza de que Deus estará com você durante todo esse processo e renovando suas forças físicas e mentais. Este é um tempo em que nossos irmãos poderão nos sustentar muito mais com suas orações do que nós mesmos.

Em suma, o que estou querendo dizer é: num período em que detectamos o estresse em nossas vidas, ao invés de nos sobrecarregarmos ainda mais, vamos aliviar as cargas sobre nós. Aliás, vamos deixar essas cargas aos pés de Jesus. Veja o que Ele nos diz: *“Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve”* (Mt 11.28-30). A ordem do apóstolo também deve ser levada a sério: *Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina* (1Tm 4.16). Parafraseando, Paulo nos diz: “Cuide de você e também da doutrina!” O nosso problema é que, às vezes, queremos cuidar apenas da doutrina e não de nós, ou vice-versa. Mas aqui, onde estou enfatizando o perigo do estresse, alerta para a importância de tomarmos cuidado com nossa saúde e com nossa integridade física.

Fico às vezes preocupado com líderes e pastores conhecidos meus que, no labor de suas intensas atividades ministeriais, acabam num constante estresse, tendo alguns de tomar até medicações controladas. Recentemente tomei conhecimento de que a líder de uma igreja, que sufocada por tantos afazeres ministeriais, acabou se esgotando física e emocionalmente. Então, após procurar um médico, foram constatadas três lesões no seu cérebro, isso em decorrência do seu estresse prolongado. Já pensou nisso? Será que essa é a vontade de Deus para nossas vidas? Cansaço, enfado, estresse e, às vezes, até medicações psicotrópicas para repor o desgaste da mente? Acho que não. Não é essa a vida abundante que Cristo nos ensinou em João 10.10.

O problema da culpa

Enquanto escrevo sobre esse assunto, reflito sobre a minha própria vida, pois procuro sempre estar atento ao meu nível de desgaste físico e emocional. Hoje faço isso devido aos tempos difíceis que já passei, lutando internamente. Minhas dificuldades deviam-se às constantes culpas e exageradas cobranças que fazia a mim mesmo. Eu não conseguia passar um dia sem me acusar por falhas na minha vida. As pessoas sempre me viam como um santo, mas eu me achava o mais miserável pecador. Era terrível a vida que eu estava vivendo! Lembro-me de uns anos atrás em que quase não conseguia orar, devido a tantas acusações na minha cabeça. O Acusador me rondava por todas as partes. Como foi importante para mim a leitura do livro *O despertar da graça*, de Charles Swindol (Bom Pastor Editora). Foi maravilhoso descobrir que Paulo teve crises muito semelhantes às minhas, e elas estão descritas em Romanos, no capítulo 7. Quando Deus começou a me falar por meio dessa leitura, o meu coração se animou. Em diversos trechos, Paulo se diz um miserável pecador, *a fim de que, pelo mandamento, se mostrasse sobremaneira maligno, porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro e sim o que detesto*. Puxa! Este testemunho de Paulo muito me causou admiração, pois vi que ele também passou por momentos tão ruins como os que eu estava atravessando. Apesar de ser um grande homem de Deus, achou-se muitas vezes o mais carnal de todos.

Era assim que eu também me sentia, e, às vezes, nem conseguia orar por causa disso. No final do capítulo 7 de Romanos, Paulo, no auge da sua crise, exclama em tom de desespero: *Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? (v. 24).*

Neste momento, o apóstolo estava agonizando por sua condição de pecador perante um Deus santo. Paulo estava consciente de que nada havia de bom nele mesmo. Mas, parece que o apóstolo parou um instante e silenciou em seu coração, aguardando uma resposta do Senhor ao seu estado tão agitado e confuso. De repente, algo veio à sua mente. Posso até imaginar o que Deus lhe disse: “Paulo, tire os olhos de você agora mesmo! Você nunca conseguirá chegar até mim por causa de sua justiça, pois Eu sou um Deus santo, mas, calma, há uma esperança! O meu Filho, Jesus, foi para a cruz para que você se tornasse agradável a mim. Os seus pecados podem ser perdoados agora mesmo! Você terá, a partir deste instante, sobre si e também perante mim, não a sua justiça, mas a própria justiça do meu Filho! Por meio dele, e somente por meio dele, você terá perfeita comunhão. Olhe então não para si mesmo, mas para Aquele que é o autor e o consumidor da sua fé: Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo!”

Logo após ter mais ou menos a compreensão destas coisas que acabo de expor, o apóstolo foi capaz de exclamar alto e bom som: *Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor (v. 25)*, e no verso seguinte afirmou: *Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus (Rm 8.1)*. Veja que coisa maravilhosa: a compreensão de Jesus Cristo, assim como a sua obra na cruz, foi suficiente para livrar Paulo deste ciclo de culpa, e também para ensiná-lo que por mais que se esforçasse para agradar a Deus, sempre acabaria em crise e culpas profundas. Muito melhor é confiar na justiça de Cristo e deixar que ela mesma nos purifique progressivamente, por meio da obra do Espírito Santo em nós. A Bíblia chama isso de santificação.

A mesma compreensão de Paulo também me livrou de muitas de minhas culpas e acusações. Graças a Deus, embora ainda seja um pouco exigente comigo mesmo (as pessoas de vez em quando ainda reclamam), tenho plena certeza de que não sou mais aquele Alcione que vivia se cobrando de tantas e tantas coisas. Chega! Eu

disse a mim mesmo: Ou eu confio na cruz de Cristo ou vou acabar morrendo doente! Simplesmente decidi confiar na cruz de Cristo. Com isso consegui descobrir três coisas: que minha vida de santificação ficou bem melhor, liberei-me de muitas cobranças indevidas e vivo muito melhor com Deus, comigo mesmo e com os meus irmãos. Legalismo, nunca mais! Em nome de Jesus.^[11]

As Dificuldades da Velhice

Veja o que diz o salmista em uma de suas orações: *Não me rejeites na minha velhice; quando me faltarem as forças, não me desampares (Sl 71.9)*, e mais adiante também exclama: *Não me desampares, pois, ó Deus, até à minha velhice e às cãs (v. 18)*. O que há de comum nessas duas petições por parte do salmista? Pelo que percebo, há no seu coração o receio de que, quando estiver velho, sua presença será dispensável para Deus. É como se temesse o distanciamento do Senhor em detrimento de sua idade avançada. Isso também pode acontecer com outros cristãos sinceros. Devido às limitações do seu corpo, podem começar a alimentar em seu coração uma série de receios. Mas não creio que seja deste modo que Deus nos veja. Não devemos nos preocupar: Deus não vai abandonar nenhum filho dele que o serviu durante toda a sua vida em um “asilo espiritual”. Pelo contrário, há fortes promessas de Deus para esta etapa da vida pela qual iremos passar.

Muitos cristãos, chegando a uma determinada idade, passam a perceber que não são os mesmos de antes, ou seja, não possuem mais o mesmo vigor, a mesma força, o mesmo entusiasmo, raciocínio aguçado e outras coisas mais. Ao pegarem a Bíblia para ler, já não conseguem entendê-la tão bem quanto antes, ou notam alguma dificuldade para concentrar-se na leitura dos textos sagrados. Alguma coisa diferente (mas natural) parece estar acontecendo. Diante de tudo isso, alguns pensamentos vêm de sobressalto: “É... eu não sou mais como antigamente. A minha força e o meu vigor não são como anteriormente. Talvez eu esteja mesmo mal com Deus, e também sendo atacado pelo diabo...” E assim pode suceder-se um ciclo quase interminável de culpas, cobranças

desnecessárias e acusações do Adversário. Passamos a achar como o salmista: que em nossa fraqueza Deus já não está presente.

Veja que mais uma vez um problema simplesmente físico (neste caso, a velhice) pode ser novamente espiritualizado. Por que o salmista está pedindo que Deus não o rejeite em sua idade avançada? Talvez porque sinta que a ausência de vigor nessa fase da vida implica ausência de vigor espiritual. Aqui é o corpo que não está mais tão vitalizado como antes, mas o problema ganha conotação espiritual: pensa-se numa estagnação espiritual. Observe mais uma vez a confusão que podemos fazer.

Se analisarmos alguns casos ou estivermos vivendo a Terceira idade, verificaremos que algumas mudanças naturais acontecerão: a concentração pode ficar mais debilitada, lapsos de memória ocorrem com maior frequência, o vigor físico tende a diminuir, há um declínio na coordenação muscular, menor capacidade para enfrentar tensões emocionais, bem como mudanças na aparência física. Todos esses processos são normais e fazem parte do ciclo de nossas vidas. Nascemos, crescemos, tornamo-nos adolescentes, jovens, adultos, casamo-nos, envelhecemos e, finalmente, caso o Senhor Jesus não venha nos arrebatando primeiro, partiremos deste corpo físico para estarmos eternamente com o nosso Deus. Não há, então, como evitarmos a velhice, como muitos querem. É evidente que ninguém deve se render diante de suas limitações, quando elas surgirem. De modo algum! Foi o salmista mesmo quem disse, referindo-se aos justos: *Na velhice darão ainda frutos, serão cheios de seiva e de verdor (92.14)*. Então, há aqui uma promessa de Deus para nós, um renovo está reservado para essa fase da vida. No entanto, não vamos pensar que esse renovo implicará ausência completa dos sintomas de uma idade avançada, mas sim que Deus nos dará força em meio às nossas fraquezas. Ele nos dirá as mesmas palavras que ministrou ao coração de Paulo: *A minha graça é suficiente para você, pois o meu poder é mais forte quando você está fraco (2Co 12.9 – BLH)*. E nós responderemos como o apóstolo: *Porque, quando estou fraco, aí sim é que sou forte (v.10 - BLH)*. Aleluia!

As Tentações da Carne

Até aqui estive abordando a esfera física num sentido literal, ou seja, dificuldades que podemos passar com o nosso corpo material. A palavra grega para falar do corpo como matéria é soma. Este termo faz referência ao nosso organismo dentro do aspecto biológico. Não há nenhum problema com nosso corpo, e ele não se constitui em um inimigo nosso. Pelo contrário, veja a afirmação de Paulo: *Acaso não sabeis que o vosso corpo (soma) é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? (1Co 6.19)*. E o apóstolo conclui, dizendo: *Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo (soma) (v. 20)*.

Nosso corpo, então, em vez de constituir-se em algo nocivo, é o lugar onde o Senhor habita e por isso deve ser muito bem cuidado. Digo isso por já ter visto vários cristãos fazerem uma confusão enorme a respeito desse assunto. Veem o corpo como fonte da maldade e de suas tentações para o pecado. Alguns, beliscando-se, dizem: “Esta carne não vale nada! Tem mesmo de morrer!” Mas vamos com calma! Não é esta carne que tem de morrer. Ela, pelo contrário, precisa ser alimentada, precisa de descanso e estar funcionando bem, pois será com ela que viveremos e serviremos ao nosso Deus. Precisamos manter nosso corpo saudável. Talvez seja por isso que Paulo disse ao seu filho na fé, Timóteo: *Tem cuidado de ti mesmo (1Tm 4.16)*.

Neste sentido, qual é a carne que deve morrer, segundo as Escrituras? É a nossa natureza humana decaída desde o Éden. Esta natureza não é material e, sim, inerente ao homem. Como nós mesmos sabemos, ela é comumente chamada na Bíblia de “carne”, que em grego é sarx. Sobre ela o apóstolo nos diz: *Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne [sarx], não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo (Rm 7.18)*. Escrevendo aos gálatas, Paulo também nos ensina que, (...) *a carne [sarx] milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne [sarx], porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer (Gl 5.17)*. Em outras palavras, nossa carne é inimiga de Deus, e ela precisa morrer, se é que queremos viver na presença de Deus.

Quando Moisés pediu para ver a glória de Deus, veja a resposta que Deus lhe deu: *Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do SENHOR (...) Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá (Ex 33.19 e 20)*. Se estivermos mesmo dispostos a ver a glória de Deus, o resultado final será a nossa morte! Nossa carne terá de morrer. As coisas terão de ser agora do jeito de Deus, e não do nosso. E como isto é verdadeiro: quanto mais nos aproximamos de Deus, percebemos ainda mais que a nossa carne vai morrendo. Nosso desejo maior passa a ser em agradar a Deus e não mais a nós mesmos. E assim, quanto mais agradamos a Deus, mais Ele se alegra em nos agradar. É maravilhoso!

Você já percebeu como temos dificuldade para reconhecer nossas tentações carnis? Parece, às vezes, ser muito mais fácil culpar o diabo por algo do que reconhecer certas fraquezas que ainda possuímos. Isso me faz lembrar um irmão que aconselhei faz algum tempo. Ele estava sendo seriamente tentado sexualmente. Durante um tempo, compartilhou comigo o seu problema, mas sem que eu pudesse expor minha opinião, de ímpeto ele me disse: “Pastor, essa tal de Pomba-gira é terrível! Como ela tenta a gente!” Veja só como são as coisas! O problema abordado por ele não era de sua responsabilidade, mas sim da Pomba-gira, pois, afinal de contas, era este demônio que o estava tentando a pecar. Contudo, veja o que a Bíblia nos ensina:

Ninguém ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta. Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte. (Tg 1.13-15)

Parafraseando, Tiago afirma: quando você é tentado não fique procurando arrumar bodes expiatórios, pois a sua cobiça é que está em ação! E ainda há algo mais terrível: algumas pessoas daquela época afirmavam que o próprio Deus poderia estar tentando-as a pecar. Agora, raciocine comigo: se eles culpavam até Deus por suas

inclinações perniciosas, imagine então o que não faziam em relação ao diabo? É a velha “síndrome de Adão e Eva após a queda”: “A mulher que TU ME DESTES me deu do fruto”, “A SERPENTE ME

ENGANOU, e eu comi”. O incrível é que essas justificativas continuam em plena operação até os dias de hoje. O homem, de fato, não mudou!

Assuma suas responsabilidades!

A história de culpar o diabo por coisas que em muitos aspectos ele nada tem a ver motivou até mesmo a crítica de alguns historiadores seculares, como Elaine Pagels e Alberto Cousté, contra os cristãos.^[12] Chegaram a definir Satanás como um tipo de “bode expiatório”, por meio do qual os cristãos isentam-se de suas culpas e mazelas. É claro que, dentro de nossa perspectiva cristã, o diabo é uma personagem real e atuante em nosso mundo. Mas precisamos concordar com alguns desses estudiosos que, na verdade, a palavra “Satanás” se tornou na boca de muitos crentes uma boa desculpa para os seus pecados. Quando adulteram, a primeira coisa que dizem é que caíram numa cilada do diabo e que este lhes deu uma rasteira; mas nem sequer mencionam sua responsabilidade no ato! Quando alguém rouba, não é porque é ladrão, mas sim porque o espírito de roubo entrou na jogada. No caso da mentira, é o espírito da mentira, e assim segue-se um ciclo quase interminável de justificativas, onde, no final de tudo, mais uma vez, quem levará a culpa é o diabo. Às vezes, é difícil você escutar: “Pastor, eu errei. Caí em pecado, cedi à tentação. O Maligno atuou, mas eu sou o responsável. Perdoe-me, em nome de Jesus!” Quem fica acusando o diabo em demasia esquece-se de que um dia terá de prestar contas ao Senhor por todas as suas obras feitas aqui na Terra. Não adianta, então, ficarmos nos autoiludindo para sempre. Teremos de prestar contas de tudo a Deus.

Finalizando, acredito, como você, que existem espíritos de prostituição, mentira, roubo etc., mas você deve ficar sabendo de uma coisa: eles só passam à atuar na medida que cedemos-lhe lugar por meio da nossa carne não crucificada. Em primeiro plano, prostituição, lascívia, roubo, fofocas, invejas são coisas procedentes da carne. É isso que Paulo escreve aos gálatas: *Ora, as obras da*

*carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias (Gl 5.19-21). Não vamos uma vez mais culpar o diabo por algo que é de nossa responsabilidade. Antes de repreendê-lo, diga como Paulo: *Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim (Gl 2.19 e 20).**

Quando a Falha é Humana

Este tópico ainda tem a ver com a nossa carne (Sarx). Aqui, eu gostaria de falar especificamente sobre certos procedimentos errados, equivocados, dos quais somos autores e uma vez mais tentamos espiritualizá-los. Gostaria de citar dois casos. Tenho um amigo pastor que, assim que comprou seu carro, praticamente todo mês batia com ele. O caso ficou conhecido na igreja. Sua fama começou a espalhar-se. Agora, o mais interessante: o carro era ungido todas as vezes que saía da oficina, e junto com isso uma poderosa oração de guerra espiritual, onde então os espíritos de morte, acidente etc. eram repreendidos. Apesar disso, nem bem os dias se passavam, novamente recebíamos a notícia de uma nova batida. Esse meu colega não sabia mais o que fazer!

Lembro-me de que um dia fomos juntos fazer algo no centro da cidade. Pela metade do caminho, imagine o que aconteceu de novo (o carro havia saído da oficina há uma semana). Uma nova batida. Embora neste episódio ele não estivesse errado, pois foi atingido pelo carro de trás, durante todo o trajeto ao seu lado, eu percebia quanto este colega era barbeiro. Ele não sabia dirigir mesmo! Fiz questão de lhe dizer: “Caro irmão, o seu problema não é o diabo, e talvez nem mesmo adiante ungir o carro periodicamente. Você precisa aprender primeiro a dirigir. Senão, não tem jeito! As batidas continuarão.” Graças a Deus, hoje ele é um bom motorista, e, até onde sei, parou de bater com seu carro. Deus seja louvado por isso!

Esta experiência pode mostrar que, às vezes, algo está acontecendo por uma responsabilidade nossa. Uma falha puramente humana. O diabo pode, é claro, aproveitar-se dessas brechas, mas precisamos reconhecer que a brecha somos nós que deixamos!

Outro caso aconteceu em uma igreja. Li esta história em um livro, e ela é verídica. O pastor que a relatou disse que um dia chegou em seu escritório um irmão desesperado com o que estava acontecendo na sua igreja. Ninguém mais sabia o que fazer. Ele contou que sua congregação estava em fase de construção. Entretanto, havia um “espírito de roubo” que não parava de atuar no local. Por diversas vezes, foram roubados materiais de construção. O pastor da igreja convocou a todos para uma semana de jejum e oração, quando então repreenderiam o “espírito de roubo”. Entretanto, nem bem concluíram a campanha de oração, mais uma vez o local foi alvo de roubo. O autor do livro contou que então foi convidado para ir até a igreja e orar pelo local, o que fez de boa vontade. Chegando lá, para sua surpresa, percebeu algumas coisas muito interessantes: primeiro, que a igreja ficava num local deserto, sem nenhuma casa por perto. Segundo, não havia muro e, sendo assim, os materiais de construção ficavam expostos. Terceiro, não havia luz; tudo era uma completa escuridão. Por último, não havia um vigia no local. Diga-me uma coisa: será que agora dá para entender por que o “espírito de roubo” não foi repreendido, apesar das várias intercessões? Chega a ser cômico, você não acha? Em uma situação como esta, não é necessária nem a ação do diabo. Qualquer ladrão que passasse por ali iria efetuar o roubo de livre e espontânea vontade (sem qualquer interferência diabólica). Veja o que Jesus diz: *Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, FURTOS, falsos testemunhos (Mt 15.19)*. Quem estava, então, efetuando o roubo naquela igreja não era o “espírito do roubo”, mas sim pessoas que tinham no seu coração o desejo de furtar, o que numa situação como esta não havia nada que as impedisse.

Agora, veja que interessante. Este pastor e escritor conversou com esse irmão e lhe aconselhou algumas coisas: que colocassem um poste de luz ao lado da igreja, que construíssem um muro e que também pusessem um vigia para ficar à noite no local. Após serem tomadas estas providências, a igreja, conseqüentemente, não sofreu mais desse mal. O “espírito de roubo” nunca mais voltou. Veja mais uma vez como um problema puramente da carne, de responsabilidade do homem, pode ser espiritualizado a um ponto

tão crítico como este. O diabo, é claro, agrada-se profundamente dessa ignorância.

3 - Problemas psicológicos confundidos com os espirituais

Este capítulo aborda a esfera da alma e as constantes confusões que fazemos entre ela e o campo espiritual. Tais dificuldades já haviam sido até justificadas pelo escritor da Epístola aos Hebreus, quando escreveu: *Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a ponto de dividir alma e espírito (4.12)*. Aqui está claro: será necessário um discernimento aguçado, plenamente baseado na Palavra de Deus, para que possamos distinguir entre as manifestações da alma e do espírito. Agora, por que ambas as esferas são difíceis de serem discernidas e diferenciadas? O fato é que, além de serem subjetivas e imateriais, suas manifestações podem ser semelhantes. Saber se alguém está agindo no espírito, ou movido pela alma, muitas vezes pode ser algo que exigirá um forte conhecimento da Palavra de Deus, assim como o uso do dom de discernimento de espíritos, mencionada por Paulo na sua Primeira Carta aos Coríntios (cap. 12).

Antes de entrarmos no assunto propriamente dito, seria importante neste ponto fazermos uma rápida análise destas esferas que temos aqui comentado. No seu livro *O poder latente da alma*, Watchman Nee faz nos um breve comentário sobre as partes constitutivas do homem:

“O que é o espírito? Aquilo que nos faz conscientes de Deus e nos relaciona com Ele é o espírito. O que é a alma? É aquilo que nos relaciona com nós mesmos e nos dá a autoconsciência. O que é o corpo? Aquilo que nos leva a estar relacionados com o mundo. C. I. Scofield, em sua *Bíblia de Referência*, explica que o espírito dá consciência de Deus; a alma, a autoconsciência, e o corpo, a consciência do mundo.”^[13]

A alma também, segundo muitos autores cristãos, tem sido vista como dividida em intelecto, vontade e emoções. Além de nos dar a autoconsciência, ela nos possibilita o relacionamento uns com os outros de modo coerente e saudável. Mas é evidente que também pode adoecer, e, quando isso acontece, alguns sinais tornam-se patentes. Meu alvo, agora, é discutir alguns problemas advindos da alma, que têm sido confundidos com males espirituais. Vejamos isso em alguns pontos.

A psicologia tem contribuições?

Os cientistas são honestos em reconhecer que ainda conquistaram bem pouco conhecimento sobre a mente humana. A própria psicologia, como campo de estudo

científico, tem apenas cem anos de idade. Muitas coisas ainda permanecem misteriosas, carecendo de maiores esclarecimentos. A máquina humana é muito complexa, principalmente em se tratando da mente.

Um fato a ser reconhecido é que a Palavra de Deus não traz muitas informações sobre o funcionamento da psique humana. Por se tratar de um Livro que tem como alvo primordial trazer a revelação de Deus ao homem, a Bíblia não se atém tanto a outros assuntos que parecem ter sido deixados para que o homem os estudasse, fazendo, é claro, uso do seu intelecto dado pelo próprio Deus. Aqui, vale lembrar o comentário do Dr. Gary R. Collins, quando reflete sobre o mesmo assunto:

“Será, porém, que a Bíblia foi realmente escrita como um manual de aconselhamento? Ela trata de solidão, desânimo, problemas conjugais, tristeza, relações entre pais e filhos, ira, medo e inúmeras outras situações de aconselhamento. Como a Palavra de Deus, ela tem grande e duradoura importância para o trabalho do conselheiro e as necessidades dos aconselhados, mas não reivindica ser (nem é esse o seu propósito) a única revelação de Deus sobre a ajuda às pessoas. Na medicina, no ensino e noutros campos de assistência ‘centralizados na pessoa’, a humanidade teve permissão para aprender muito a respeito da criação de Deus por meio da ciência e do estudo

acadêmico. Por que a psicologia deveria ser, então, destacada como o único campo que nada tem a contribuir com a tarefa do conselheiro?”^[14]

David Seamands, no seu livro *Cura das memórias*, endossando o pensamento de Collins sobre a contribuição da psicologia ao conselheiro cristão, afirma:

“Minha própria experiência neste plano ensinou-me que não existe esfera onde o trigo e o joio tenham sido plantados mais próximos um do outro do que na psicologia. Por estar ainda em sua infância, esta ciência acha-se infestada de toda espécie de novas teorias e abordagens emergentes. Só bem recentemente os discernimentos e verdades provadas da psicologia estão sendo integrados com um método verdadeiramente cristão de aconselhamento. É importante reconhecer que toda verdade é a verdade de Deus, esteja ela na ceia do Senhor ou no tubo de ensaio do laboratório. Mantemos nosso equilíbrio fazendo passar continuamente todas as verdades através da peneira da Palavra de Deus.”^[15]

Em outras palavras, não existe uma verdade sequer no universo que não pertença a Deus ou que dele não se tenha originado. Ele é o Criador de todas as coisas. Quaisquer descobertas que tragam a lume uma verdade sobre qualquer aspecto do universo só pode provir de Deus.^[16] Neste sentido, então, as ciências podem em muito contribuir para a vida humana.

Em suma, o que estes autores querem é afirmar-nos as contribuições que os conhecimentos da psicologia podem trazer ao conselheiro cristão em sua tarefa de lidar com problemas advindos da mente humana.

Casos Misteriosos

O fato é que ainda conhecemos bem pouco sobre a alma do homem e como se dá seu funcionamento interno. Aqui pode estar também um campo onde podemos fazer uma série de confusões, pois sabemos que a esfera da alma, quando está enferma,

assemelha-se em muito aos problemas relativos ao campo espiritual. O que quero dizer é que às vezes uma coisa que por nós foi julgada como espiritual, apesar de toda sua estranheza, pode ter fundo psicológico. E aqui entramos na área dos transtornos psicológicos. Antes de detalhar propriamente o assunto, deixe-me ilustrar com um caso que atendi recentemente, e veremos que as coisas são mais complicadas do que imaginamos.

Há pouco tempo, recebi em meu escritório um casal que estava passando por problemas que muito lhes estava angustiando. A questão girava em torno de um problema da esposa. Shirley (este não é o nome verdadeiro), desde que teve seu primeiro filho, passou por um período de depressão pós parto e, logo depois, começou a ter estranhos pensamentos homicidas em relação a ele. As ideias que vinham à sua mente para matá-lo começaram a ser frequentes, a ponto de ficar com medo de estar sozinha com ele em casa e, então, algo de terrível acontecesse, caso perdesse o controle de si. Seu esposo, depois de saber disso, ficou atônito. O médico da família foi procurado, e também cuidados psiquiátricos foram tomados por meio de medicações controladas. Entretanto, o problema não se resolveu.

Os pensamentos homicidas continuaram, e o desespero de Shirley também. Após ter estado com vários líderes e pastores, que tentaram ajudá-la por meio de sucessivas sessões de libertação, ela e seu esposo vieram até mim.

Ao tomar conhecimento do caso, fiquei chocado com o que ouvi. Conhecendo algumas pessoas que já haviam tentado ajudá-la, fiquei pensando no que mais eu poderia fazer. Procurei identificar algumas áreas espirituais, mas parecia que nada se encaixava muito bem em um quadro de endemoninhamento; aliás, pelo que me lembro, Shirley nunca teve nem sequer qualquer envolvimento com ocultismo ou espiritismo. Mas mesmo assim acabei levando-a a fazer algumas orações comigo. Até onde pude, levei-a a fechar qualquer possível porta que tivesse aberto no passado para o Adversário.

Os dias se passaram, e logo seu esposo procurou-me para dizer que os problemas de Shirley, apesar de menos intensos, continuavam. No meu coração veio algo: encaminhe-a a um

psicólogo cristão. E foi o que fiz. O seu caso foi tratado durante oito meses, e, apesar de ter diminuído bastante seus pensamentos homicidas em relação ao filho, seu marido há pouco veio me dizer que ela ainda sofre algumas dificuldades, apesar, é claro, da melhora.^[17]

Estou citando este caso, que ainda não foi plenamente solucionado, na tentativa de demonstrar algumas coisas: primeiro, não somente no caso desta mulher, tenho me deparado com outras situações onde, apesar de toda a estranheza do problema, ele não foi extinguido com as sessões de libertação. Dentro deste item, gostaria de fazer uma observação. Geralmente o evangélico de hoje, quando se depara com os problemas do homem, guarda dentro de si uma regra, por meio da qual julga todas as dificuldades que lhe são apresentadas: “Tudo que é estranho, esquisito e que eu não posso explicar só pode ser coisa do diabo!”

Nesses dez anos trabalhando com pessoas com os mais diversos problemas espirituais, tenho descoberto que nem tudo que é esquisito e estranho procede do diabo. A nossa mente pode com certeza produzir muita coisa estranha e misteriosa, e precisamos levar isso em consideração. Aí pode estar a razão do nosso fracasso em alguns de nossos aconselhamentos: tentamos resolver problemas psicológicos (que confundimos como espirituais) usando armas e munições puramente espirituais, e, no final de todo o nosso esforço, infelizmente, acabamos com uma sensação estranha de impotência, silêncio e mistério. Ficamos muitas vezes encucados: “Puxa vida, já fiz de tudo com essa pessoa, já apliquei tudo que sei sobre libertação, e por que o seu problema não foi resolvido?” Às vezes estes questionamentos ficam mesmo sem resposta. O caso de Shirley pode nos advertir de que estamos diante de um ser humano complexo e que precisa ser analisado com todo o cuidado e discernimento espiritual. Como eu já disse: o homem não é só espírito, e por isso os seus problemas não são apenas espirituais. O homem possui também uma alma e um corpo, e ambos, conforme já comentei, podem adoecer. Quando isso acontece, precisamos entender como se manifestam os problemas de cada esfera, para então buscarmos de Deus uma resposta para cada caso.

Distúrbios Mentais

Meu objetivo agora é o de fazer uma rápida descrição de alguns tipos de problemas da mente que podemos confundir com ataques do diabo. Esta é uma tarefa de muita responsabilidade, conforme afirmou o psiquiatra alemão Alfred Lechler:

“Fazer distinção entre a opressão demoníaca e a doença mental, porém, não é muito fácil. Por um lado, muitas pessoas envolvidas estreitamente no trabalho com doentes mentais refutam categoricamente a possibilidade da existência de qualquer forma de influência demoníaca. Alegam que o problema pode ser facilmente explicado pela psicologia profunda ou pela psicopatologia. Por outro lado, muitos obreiros cristãos são favoráveis ao ponto de vista de que, por trás de todo fenômeno anormal, relacionado com a vida emocional e espiritual de uma pessoa, há uma influência demoníaca. Devemos, portanto, procurar distinguir, com a maior clareza possível, a diferença entre a doença e a operação demoníaca.”^[18]

Se você concordar com a definição de que a nossa alma é formada pelo intelecto, pela vontade e por emoções, chegará a uma conclusão importante comigo. Veja bem, se a nossa alma estiver saudável, é fácil concluir que nossos pensamentos estarão se ordenando adequadamente, assim como nossa vontade e emoções, não é mesmo? Mas, e se a nossa alma estiver enferma e em um estado de alteração, como acha que ela vai se portar? É simples: os pensamentos ficarão desordenados, e assim estarão também nossas emoções e vontade. É desta forma que alguém se encontra com um transtorno psicológico/emocional. Pode ser um caos total. É evidente que existem graus de desarranjo mental, e cada estágio pode manifestar sintomas específicos.²⁰ Vamos, então, fazer uma análise sucinta de cada um.

Segundo James C. Coleman, professor de psicologia da Universidade da Califórnia, é preciso que consideremos em cada distúrbio mental a interação de fatores orgânicos, psicológicos e

sociais. O fator orgânico (biológico) tem sido um dos principais causadores, sobretudo em decorrência de alterações bioquímicas que podem ocorrer no organismo, ou no cérebro, mais especificamente. Aqui posso mencionar a hereditariedade, o tipo orgânico, o funcionamento errado das glândulas endócrinas ou de outros sistemas do corpo, bem como vários tipos de patologia cerebral. Estas alterações físicas podem por si só provocar transtornos nas emoções, nos pensamentos e na conduta da pessoa. Aqui, então, o distúrbio psicológico tem origem em alguma deficiência orgânica da pessoa. Mas Coleman faz uma interessante observação: “Sob condições favoráveis de vida, tais deficiências podem não aparecer, mas sob tensão é possível que o indivíduo esteja mais predisposto a perturbações em processos neurofisiológicos e, por isso, ao desenvolvimento de reações psicóticas.” Falando ainda dos fatores psicológicos em relação às doenças mentais, o pesquisador faz o seguinte comentário: “Desde a época de Bleuler, os psiquiatras e psicólogos deram ênfase cada vez maior às experiências patogênicas iniciais de crianças que depois se tornaram esquizofrênicas. Tais experiências provocam imaturidades e ‘pontos fracos’ na constituição da personalidade, falta de capacidades necessárias e deformações na opinião que o indivíduo tem a seu respeito e a respeito do seu mundo. Essas crianças com dificuldades psicológicas encontram sérias dificuldades para enfrentar as tensões da adolescência e da vida adulta” (p. 401). Os fatores etiológicos de cada tipo de doença mental precisam ser avaliados por profissionais das áreas psiquiátrica e psicológica. Em alguns casos, os fatores biológicos parecem ter importância fundamental; em outros, os fatores psicológicos ou psicossociais parecem predominar. A importância relativa aos diferentes fatores varia muito de um paciente para outro.

Esquizofrenia

Este quadro está incluso em um grupo de reações psicóticas, onde o indivíduo se vê afetado nas suas relações com o mundo concreto, ou seja, perde o sentido da realidade e torna-se incapaz de distinguir entre as experiências reais e imaginárias. Geralmente a esquizofrenia é acompanhada das seguintes características:

percepção de objetos que não existem (alucinações), audição de vozes que somente ela escuta (pode conversar horas a fio com essas vozes), tem seus pensamentos desestruturados (pensamentos sem uma sequência lógica. Ao mesmo tempo em que reclama do pai, passa a falar do Presidente da República, por exemplo), pode ter mania persecutória (“Todos neste bairro estão contra mim”), e ainda mostrar um grande distanciamento emocional do resto da sociedade (voltando-se para o seu próprio mundo).

Agora, como podemos diferenciar um quadro de esquizofrenia de um problema de possessão? Primeiramente, é preciso que entendamos que não só um esquizofrênico, mas todo indivíduo que padece de um problema mental, ao ser confrontado espiritualmente, não mostrará qualquer indício de reação contrária. Você poderá confrontar as mais diversas potestades em sua vida, mas, se estiver apenas debilitado em sua alma, permanecerá neutro e às vezes até indiferente à sua oração. Mas, no caso de alguém atingido pelos demônios, as coisas tornam-se diferentes. A oração vai incomodar os espíritos ali alojados, e eles rapidamente reagirão de modo contrário, tentando muitas vezes impedir a libertação da pessoa. Em segundo lugar, tanto os pensamentos como a fala de um esquizofrênico são por demais confusos, sem qualquer sentido lógico, o que não acontece com uma pessoa possuída pelo demônio. Comentando sobre isso, nos diz Lechler:

“As palavras de um doente mental não passariam de uma série de declarações ilógicas e absurdas, que ele poderia continuar a repetir para si mesmo horas a fio, ou ainda, de tempos em tempos, poderia manter conversação com objetos que lhe aparecem, usando as mais esquisitas expressões e afirmando as ideias mais absurdas. Tais manifestações afastam imediatamente a possibilidade de possessão, pois uma pessoa possessa, embora possa estar agitada e até mesmo inclinada à violência, terá pensamentos lógicos.”^[19]

Outro sintoma que às vezes deixa os ministradores confusos é a percepção de vozes. Tanto esquizofrênicos como endemoninhados escutam vozes; entretanto, é bom que se saiba que este fenômeno

é bem mais comum e também mais frequente na vida do esquizofrênico. Mais uma vez precisamos usar o critério da lógica para julgar a proveniência dessas vozes. O esquizofrênico pode escutar coisas das mais variadas: alguém que morreu falando com ele; manter um diálogo constante com “John Lennon” (foi um caso que trabalhei), escutar algo dizendo que ele precisa fugir, correr, cantar bem alto dentro de um ônibus etc. Em síntese, o conteúdo das vozes chega a ser bem absurdo; e as pessoas ao redor geralmente percebem isso. Já num quadro demoníaco, o sentido das vozes tem lógica. Uma pessoa oprimida pode escutar: “Saia desse culto, aí não é seu lugar”, “Não adianta, você não será liberto”, “Rasgue essa Bíblia, não a leia” etc. As vozes, então, têm uma natureza oposta à fé cristã. Em síntese: se as vozes forem demoníacas, elas tentarão conduzir a pessoa para longe de Deus, mas se elas são resultado de processos anormais da mente, falarão meramente coisas estranhas e absurdas, sem qualquer relação imediata com as questões espirituais.

Histeria

Nos casos de histeria, a pessoa pode representar uma doença ou algum tipo de padrão comportamental neurótico, objetivando fugir de alguma responsabilidade ou por não querer enfrentar uma situação traumática. No contexto religioso, a simulação de uma possessão pode ser uma boa defesa psicológica para resolver algum problema, evitar uma situação ou chamar a atenção para si. Este mecanismo é inconsciente (muitas vezes ela se acreditará possuída mesmo), e os fatores que o motivam geralmente são dos mais complexos. Talvez uma história de rejeição e carência afetiva possa explicar muitos desses casos, quando então o indivíduo precisa utilizar-se de comportamentos dos mais bizarros para atrair a atenção e o cuidado dos outros para si.

Como podem ocorrer esses casos de pseudo possessão? Muitas vezes, os histéricos são extremamente sugestionáveis e podem manifestar sintomas e reações que lhes são aludidas. Lechler diz:

“Se uma pessoa impressionável e, particularmente, se for mulher (a maioria das histerias dá-se entre as mulheres), está num ambiente em que se fala muito sobre o diabo, demônios e

casos de possessão, ou se um caso de possessão está sendo comentado pelos seus amigos, ela pode ser facilmente tomada pelo medo de também cair nas mãos do diabo. E pode até começar a imaginar que ela própria está possuída.”

Por outro lado, há outras situações em que a pessoa pode sentir um forte desejo inconsciente de ficar possuída pelo diabo na frente das pessoas, para com isso chamar a atenção dos outros para si. Pode começar a contorcer-se no chão, gritar, xingar e agir mesmo como se fosse o próprio diabo ali incorporado. Se for feita uma tentativa de exorcismo e também lhe for perguntado o nome dos demônios que estão ali, o histérico dará respostas precisas e correspondentes ao que imagina que os demônios dariam naquela ocasião. Como você pode ver, os casos de pseudo possessão são, às vezes, difíceis de serem diferenciados dos casos reais.

Entretanto, há de se observar algumas coisas. O histérico em uma crise não possui força sobrenatural como geralmente pode acontecer num caso de endemoninhamento. Outra coisa importante é que o histérico gosta de dar os seus pitis quando em público, mas nunca sozinho. Ele requer público, quer chamar a atenção para si. Por isso precisamos discernir se a pessoa que estamos ajudando (e não conseguindo solucionar o caso) não padece de uma carência fora do comum, pois isto explicaria por que o “demônio” não sai. Seu alvo é continuar a atrair a atenção dos outros; ficar boa equivale a não ter mais esse “cuidado especial”. Uma coisa também importante é sabermos se a pessoa já teve envolvimento com o espiritismo ou com coisas do gênero. Caso nunca tenha tido contato com forças diabólicas e o seu passado seja repleto de traumas e rejeições, isso só fortalecerá mesmo a probabilidade de o seu problema ser puramente psicológico.

Paranoia

Este é um termo utilizado pelos especialistas em saúde mental para descrever um quadro onde a pessoa padece de um sentimento de desconfiança e suspeita altamente exagerada e injustificada. A paranoia pode ser discreta e a pessoa afetada conviver razoavelmente bem com os outros ao seu redor, no entanto, pode

agravar-se e chegar a ponto de incapacitar uma pessoa no seu convívio social. Mas como pode se dar isto na prática e como diferenciar uma paranoia mental de uma espiritual? Vejamos alguns pontos. Primeiramente, sabemos que as pessoas atingidas pelos demônios também podem ter a sensação de perseguição. Sentem que há, por exemplo, alguém em casa observando-a, uma presença estranha no quarto e demônios que estão tentando prender sua vida espiritual. Muitas pessoas que vêm do espiritismo são até mesmo ameaçadas por essas entidades, pressionando-as a retornar aos seus antigos vínculos. Estas características são indicativas da ação maligna.

Mas como ocorre uma paranoia de fundo mental? Como nos outros casos, ela vem carregada de um conteúdo ilógico e absurdo. Em casos mais graves, alguém pode estar assistindo a um programa de televisão, por exemplo, e de repente vir à sua mente a ideia de que o apresentador disse algo diretamente para ela. É engraçado, mas é exatamente isso. Acha-se agora perseguida por ele. Outras vezes o paranoico pode começar a pensar que todos na sua cidade ou bairro estão contra ele, e então trancar se amedrontado, em casa. Em síntese: nos quadros psíquicos de paranoia, sempre haverá um conteúdo de estranheza e incoerência com os fatos. O que não acontece quando existem demônios atuando, onde até outros que estão por perto (familiares vivendo na mesma casa) percebem também os efeitos da opressão.

Obsessão

Nos quadros de reações obsessivo-compulsivas, a pessoa reconhece a irracionalidade do seu comportamento, entretanto parece obrigada a pensar e a fazer algo que não deseja. Tudo isso pode dar-se em nível psíquico. Mas é importante pontuarmos que, nos quadros espirituais, sintomas obsessivos também podem se manifestar. A titulação “obsessão demoníaca” tem sido dada por autores, como Mark Bubeck, para falar de casos em que a pessoa também já não tem controle sobre um pensamento que geralmente desemboca em uma ação bizarra. Mais uma vez: como saber se uma obsessão é demoníaca ou psicológica? Por incrível que pareça, sondando, reitero o conteúdo lógico das ideias e dos

comportamentos. O diabo sempre procurará afastar as pessoas de Deus e conduzi-las ao pecado e à destruição. Nessas obsessões espirituais, o indivíduo pode, por exemplo, ter o desejo de matar uma pessoa; sua obsessão tornou-se o ódio de todos os homens. Não consegue tirar mais isso da cabeça. Ou então alguém já casado pode olhar para uma mulher e, de repente, sentir-se fascinado por ela, a ponto de não conseguir mais tirá-la da cabeça, não conseguir dormir direito, até, finalmente, ter seu casamento destruído. Um ímpio pode se ver repentinamente com ódio dos cristãos, ou talvez dos judeus, sem nenhum motivo justo para isso. Estes podem ser exemplos de obsessões de fundo demoníaco.

Mas como ocorre nos quadros psicológicos de obsessão? A pessoa pode ter compulsões para lavar as mãos, ser criterioso em demasia com horários (por exemplo, horário de acordar: 6h50; tomar o café: 7h10; ir ao trabalho: 7h45; etc.), tomar banho diversas vezes por dia (algumas pessoas chegam a tomar até cinquenta banhos em um só dia.), fazer exatamente sete vezes o laço da gravata antes de ficar satisfeito etc. Atendi certa vez uma pessoa que tinha compulsão para ficar apertando diversas vezes o interruptor de luz de sua casa. Não gostava disso, mas sentia um forte desejo. Entretanto, no decorrer do aconselhamento percebi que ela tinha sérias deficiências em sua vida emocional. Precisava ser ajudada. Então, as características de uma obsessão psíquica são carregadas de incoerência, muitas vezes parecem não ter nenhum sentido espiritual.

Epilepsia

“O termo epilepsia deriva da palavra grega que indica ‘acesso’ e é agora o nome aceito. Epilepsia é uma perturbação do sistema nervoso, caracterizada por perturbações no ritmo de descargas elétricas do cérebro. Geralmente está ligada a episódios repentinos e repetidos de obscurecimento ou perda de consciência. O episódio específico, ou ataque, pode apresentar várias formas, e isso depende da natureza do estímulo precipitante, da região do cérebro em que se inicia a

perturbação, bem como da gravidade e da amplitude da descarga”.^[20]

O tipo mais comum de epilepsia e também mais confundido com o problema da possessão é o *grand-mal*: grande doença. Ele ocorre em 60% dos casos e caracteriza-se pela perda da consciência, a musculatura torna-se enrijecida, os maxilares ficam cerrados, os braços estendidos, as pernas abertas, e a pessoa se inclina para a frente ou tomba para o chão. No momento do ataque, pode gritar ou gemer, mas isso não indica qualquer sensação de dor. Sua aparência pode ficar mais escura, depois pálida, pode então morder a língua, espumar pela boca, evacuar e urinar involuntariamente. Geralmente, depois de um minuto, os movimentos convulsivos se tornam mais vagarosos, os músculos aos poucos vão relaxando, e a pessoa começa a voltar à normalidade. Algumas voltam rapidamente à consciência depois de um desses ataques, já outras caem em sono profundo, que pode durar desde alguns minutos até várias horas.

Em rápidas palavras, o que se pode fazer para ajudar uma pessoa que está iniciando uma crise de epilepsia? Primeiro, deite a pessoa imediatamente e procure afrouxar suas roupas, se estiverem apertadas. Garanta a respiração posicionando sua cabeça para a frente. É importante não tentar evitar as contrações, mas afaste qualquer mobília que esteja por perto. Para evitar que a pessoa morda a língua, coloque um lenço dobrado entre suas arcadas dentárias. Após o ataque, não permita que ela se levante logo. Deixe-a dormir descansar por um tempo. Se o ataque se deu longe de sua casa ou na rua, tente contatar uma ambulância para levá-la ao hospital.^[21]

É certo que os ataques demoníacos, ou seja, quando uma pessoa está tomada por forças malignas, muitas vezes mostrará sinais ou características epilépticas. Existem mesmo possessões com características epilépticas. No entanto, não é correto afirmarmos que todo ataque convulsivo é fruto da ação de demônios, ou seja, dizer que a pessoa no momento da crise está possuída. Isto seria um grande exagero. Existem alguns pontos que podem nos ajudar nesta diferenciação. Num caso de epilepsia, o uso de drogas pode

causar um efeito instantâneo, fato que não ocorre em alguém possuído por demônios. Outra coisa é que uma epilepsia pode ser diagnosticada pelo eletroencefalograma (exame que registra a atividade elétrica do cérebro), mas um mal espiritual quase sempre não tem diagnóstico clínico-laboratorial claro (na maioria das vezes). Na epilepsia também o ataque, em geral, dura até quinze minutos, e depois disso algumas pessoas voltam imediatamente à consciência e outras caem num sono profundo, chamado “sono recuperador”. Já nas possessões demoníacas, os ataques podem levar horas a fio e, depois de o demônio ser expulso, imediatamente a pessoa volta a si, completamente lúcida, sem a necessidade do sono recuperador. Outra coisa também importante é que os ataques epiléticos podem ocorrer de modo inesperado, em qualquer lugar, sem nenhuma ligação espiritual (na rua, subindo uma escada, na escola, no centro da cidade etc.). Já as manifestações demoníacas quase sempre ocorrem durante uma confrontação espiritual: durante uma oração ou num culto cheio do Espírito Santo (embora algumas crises normais de epilepsia possam acontecer dentro da igreja). E finalmente, o Dr. Alfred Lechler também nos adverte: “Além disso, existe um bom número de cristãos que apesar de sofrerem de epilepsia, vivem uma vida cristã genuína”.²⁴ Existem pessoas cristãs que já passaram por todo um processo acurado de libertação e mesmo assim não ficaram livres das crises epiléticas. Isto só reforça ser o seu problema de ordem neurológica e não espiritual.

Temperamentos

Tim Lahaye²⁵ é da opinião de que já nascemos com um temperamento determinado, ou seja, esse é fruto de uma herança genética recebida de nossos pais. O fato é que o nosso temperamento é específico e nos diferencia dos demais. Somos diferentes uns dos outros e, é claro, todos nós já percebemos isto. Seguindo a mesma linha de pesquisa de Lahaye, existem pelo menos quatro tipos de temperamentos: sanguíneo, colérico, melancólico e fleumático. Vamos então analisá-los sucintamente.

O sanguíneo é aquele temperamento todo empolgado e que vive ao sabor de suas emoções. Alguém com este perfil geralmente gosta de falar bastante, aproveita com facilidade as coisas da vida,

é amigo de todos, destacado, exagera verdades, gosta de contar piadas e, por isso, pode às vezes quase não ter inimigos. O sanguíneo é quase sempre conduzido por seus impulsos, ou seja, seu lema é sempre agir para depois pensar. Devido a isso, pode acabar tendo uma série de projetos não concluídos. Em síntese, ele é aquele indivíduo tipicamente extrovertido. Dentre os seus principais defeitos, podemos mencionar sua indiscipline e também sua dificuldade em concluir projetos iniciados.

Falemos do colérico. Este é um temperamento também extrovertido, mas nem tanto como o sanguíneo, é claro. Enquanto o sanguíneo deixa-se conduzir unicamente por suas emoções (o que empolga, ele faz), o colérico é guiado por sua vontade, que pouco se deixa desviar dos seus objetivos. Ele tem a fama de ser frio e seco. É também conhecido como aquele que possui “pavio curto”, pois quase sempre está explodindo em raiva contra os outros quando se vê afetado ou impedido em algum de seus planos. O colérico pode possuir um número enorme de inimigos e, dentro da igreja, é aquele que mais possui pessoas magoadas com ele, que um dia foram agredidas por suas palavras duras. Por outro lado é, um temperamento extremamente prático e consegue com facilidade executar tarefas que para os outros seriam de extrema dificuldade. O colérico é um líder nato. Dentre os seus principais defeitos, poderíamos citar a agressividade e a frieza nos relacionamentos.

Chegou a vez do melancólico. Este temperamento, juntamente com o fleumático, está incluído na lista dos introvertidos. O melancólico é um tipo de pessoa mais fechada no seu próprio mundo, possuidor assim de poucas amizades. É demasiadamente sentimental, ou seja, uma palavra dita com mais aspereza pode feri-lo profundamente. Possui uma natureza contemplativa, é amigo fiel, perfeccionista, amante das artes e extremamente inteligente. Na lista dos defeitos, podemos citar o pessimismo e as crises periódicas ou quase constantes de tristeza (daí a origem do nome melancólico).

Finalmente, o fleumático. Os indivíduos com este temperamento são conhecidos por seu pacifismo. Enquanto o colérico “dá um boi para não entrar numa briga e uma boiada para não sair”, o fleumático é o contrário: ele dá tanto o boi como a boiada para não

ter qualquer desentendimento com uma pessoa. É ainda de um temperamento conciliador, conselheiro, amigo fiel nas horas difíceis. Ao contrário do colérico e do sanguíneo, que são extremamente práticos e rápidos em suas ações, o fleumático quase sempre é conhecido por sua desmotivação. Sempre está temeroso por envolver-se em um novo projeto, e mesmo quando manifesta interesse, fica um tempo consideravelmente longo pensando se vai ou não fazer tal coisa. Os coléricos ficam bravos por causa da vagarosidade dos fleumáticos. Dentre as principais dificuldades deste temperamento, podemos citar o pessimismo e também sua resistência às mudanças (é conservador ao extremo).

Muito embora não tenhamos exclusivamente um desses temperamentos, mas também características dos outros, é coerente reconhecermos que geralmente um deles tende a destacar-se em nossas vidas. Ou somos sanguíneos, ou coléricos, melancólicos ou fleumáticos; com algumas características menos fortes dos outros. Entendendo qual é nosso temperamento predominante, passamos a nos compreender melhor e, assim, também ao nosso próximo (que pode ser nosso cônjuge, filho etc.). Conhecer a si mesmo pode ser uma ótima maneira de reconhecermos nossas fraquezas e assim também as limitações dos outros com quem nos relacionamos.

Uma esposa, por exemplo, após entender que seu marido é colérico, poderá compreender o porquê de sua dificuldade em ser mais afetuoso e sentimental com ela. O filho, após estudar os temperamentos, entenderá por que seu pai, sanguíneo, muda tão rapidamente em suas opiniões e decisões. Esta compreensão do comportamento do outro, a partir do estudo dos temperamentos, pode ser importante porque nos leva a ser mais pacientes com as dificuldades alheias. No entanto, é preciso evitar o erro de usarmos nosso temperamento como justificativa para nossas falhas e pecados. É comum vermos pessoas dizerem: “Mas, pastor (ou marido, filho, esposa etc.), eu não tenho controle...é o meu temperamento.” Isto é um terrível engano! O nosso temperamento pode explicar por que temos algumas reações que desagradam a Deus e àqueles que nos amam, mas não justifica. O que nos justifica é o arrependimento frente aos nossos erros e também

nossa atitude de humildade em reconhecermos: “Eu pequei! Senhor, por misericórdia, muda o meu jeito de ser.”

A utilidade do estudo dos temperamentos está no fato de que temos mais um instrumento para nossa santificação. Naqueles pontos positivos, podemos agradecer a Deus e assim também cultivar tais atitudes. Porém, nos pontos negativos, devemos clamar pela graça de Deus e também pelo poder santificador do Espírito Santo sobre as nossas vidas. É desejo do Pai celestial que sejamos santos. Só nos tornaremos conselheiros e ministradores eficazes caso essa santidade se manifeste em nós dia após dia. A grande bênção é que o nosso temperamento pode ser transformado por meio do Espírito Santo, que habita em nós. Mas, entenda bem, não mencionei a palavra “mudar”, mas sim “transformar”. O objetivo de Deus não é o de nos mudar, mas sim o de nos transformar. Veja o que afirmou Paulo: *E não vos conformeis com este século, mas TRANSFORMAI-VOS pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rm 12.2 – grifo nosso).*

Já ouvi muitas pessoas dizerem, após um tempo de conversão: “Puxa vida, como Deus é bom, quando me converti, eu era de temperamento sanguíneo. Agora, depois de trabalhado pelo Espírito Santo, tornei-me um melancólico.” Não! Nada mais longe da verdade. Se você nasceu com o seu temperamento, é porque Ele lhe foi dado por Deus. Foi assim mesmo que Ele o criou, do jeito que você é. O problema é que o pecado maculou o nosso jeito de ser e nos tornou pessoas com uma série de dificuldades internas. Mas o fato é que podemos ser sanguíneos, coléricos, melancólicos ou fleumáticos transformados pelo poder de Deus. Creio que esta é a vontade de Deus para nós.

Mas por que fiz referência aos temperamentos aqui neste capítulo? Porque, infelizmente, os cristãos costumam também confundir o que provém do seu perfil, enquanto pessoas, com problemas advindos da esfera espiritual. Vejamos isso em alguns exemplos. Deixe-me fazer primeiramente uma pergunta: se alguém vem até você pedindo oração, um irmão membro de sua igreja, queixando-se de ter tremenda dificuldade para falar a verdade e que por vezes acaba exagerando quando conta algumas de suas

histórias, qual é sua primeira reação como ajudador? Eu falo por mim. Se isso acontecesse uns anos atrás e eu percebesse que a pessoa era sincera no seu pedido de oração e também no desejo de abandonar seu pecado, a primeira coisa que faria seria orar por ela com estas palavras: “Espírito de mentira, eu ordeno agora: saia da vida dessa pessoa e não volte mais!” Muitas vezes agi assim, mas com o tempo fui percebendo que, em alguns casos, muitos desses “espíritos” não iam embora, apesar de minha oração e também do arrependimento da pessoa que vinha em busca de ajuda. Aprendi que existem áreas negativas e pecaminosas do temperamento, que somente com o tempo, por meio da ação do Espírito Santo coligado à cooperação do cristão, poderão ser vencidas.

Atualmente, após crescer um pouco mais no campo do aconselhamento, procuro ajudar pessoas como a que citei acima de um modo diferente. Além de confrontar o espírito da mentira e de conduzi-la ao arrependimento, pesquiso também o seu temperamento. Um indivíduo sanguíneo, como vimos, é tendente a este pecado. É uma fraqueza que carrega consigo, que precisará ser santificada pelo Espírito Santo.

Vejamos outro caso. Imaginemos que você atenda a um melancólico. Ele diz a você: “Amigo conselheiro, eu gostaria que orasse por mim. Sou uma pessoa muito pessimista e por diversas vezes me encontro com tristeza em meu coração. Sou muito isolado, por isso gostaria de ser diferente.” Penso que, em vez de precipitadamente repreendermos o espírito do pessimismo, da tristeza ou do isolamento, deveríamos sondar qual é o temperamento em questão. Vimos que essas características são inatas do melancólico. Além da oração de confronto, é claro, devemos nos preocupar em levar a pessoa a entender os pontos negativos do seu temperamento, e assim continuar buscando sua santificação e transformação em Deus.

Em situação semelhante pode estar um colérico. Confrontar o espírito da ira e agressividade de sua vida, visando com isso melhorar sua performance nos relacionamentos interpessoais, pode em quase nada resolver o problema. Os coléricos, assim como todos os outros, precisam ser transformados e controlados pelo Espírito Santo.

Após esta explanação, a conclusão a que chegamos é que nem sempre as características negativas de um temperamento correspondem à ação satânica sobre alguém. O maior risco que corremos, como conselheiros, quando não fazemos esta separação entre “temperamento” e “ação satânica”, é o de colocarmos pessoas frágeis e necessitadas de apoio e ajuda em grande confusão. Mas por que em confusão? A conclusão é lógica: “Se o pastor mandou embora o espírito da depressão, mas ele não se foi, é sinal então que continuo com esta potestade dominando minhas emoções.” E aí, só para piorar as coisas, vem o diabo e sopra no ouvido da pessoa: “O espírito maligno não foi embora devido ao fato de você estar em pecado, ou pode ser também que Deus não se interesse nem um pouco em aliviar seu sofrimento.” Pronto! Já está configurado um dramático quadro que teve origem em um discernimento errado entre o que vem da alma e o que vem das hostes malignas. As consequências podem ser drásticas.

Traumas Emocionais

Agora entramos em mais uma área que afeta o psicológico: os traumas emocionais. Para trabalhar com pessoas feridas em seus corações, o Senhor tem levantado instrumentos valorosos no campo de cura interior. Mas, como em qualquer outra área, muitos têm feito aqui algumas confusões.

É comum para um líder ser solicitado por alguém que lhe pede ajuda. O modo como compreende os limites de cada esfera que constitui o homem, irá interferir na maneira como ele agirá. Para exemplificar, vamos imaginar uma situação onde somos convidados a ouvir alguém no seu desabafo: “Caro irmão, estou sofrendo terrivelmente. Tenho tido crises constantes de depressão, de tristeza e às vezes tenho pensado até em me matar. Preciso de ajuda, ore por mim.” Diante de uma palavra como esta, qual é nossa primeira reação? Alguns rapidamente diriam: “Meu irmão, não fale isso, misericórdia! Isso está repreendido em nome de Jesus! O diabo está atacando-o, vou orar por você agora mesmo... Senhor, em nome de Jesus, quero repreender o espírito de morte e de suicídio na vida do meu irmão e que ele saia agora em nome de Jesus!”. Após esta

oração é dito à pessoa que está sofrendo: “Tome posse da vitória, Deus o abençoe!”

Mas, espere, não devemos adotar esse procedimento. É isso que tenho visto às vezes. Muitos não consideram que as emoções humanas são abaladas por situações ruins da vida, e muitas vezes é natural que sintamos tristeza, mágoa, desejos de vingança e até vontade de morrer, dependendo, é claro, da gravidade do problema por que estamos passando. Creio também que o diabo pode colocar pensamentos ruins na mente de alguém e conduzi-lo a um suicídio. Mas é preciso tomar este cuidado: se espiritualizarmos os problemas das pessoas a este ponto, correremos o risco de não ajudá-las com seriedade e verdade.

Ao ouvirmos um discurso tão depressivo como o que expus anteriormente, em vez de irmos logo confrontando o diabo, deveríamos perguntar: “Mas desde quando isso vem acontecendo? Você está vivendo algum problema na sua vida? Alguma coisa o abalou tanto a esse ponto? Estou aqui para ouvi-lo...” Pode ser que, após esta pergunta, escutemos o que realmente está perturbando a vida emocional dessa pessoa. Às vezes é a perda de um emprego de que tanto gostava, o término de um relacionamento, a perda de um ente querido, como o pai, a mãe, o cônjuge ou outra pessoa da família, e assim outras coisas poderiam ser faladas. Todas essas situações podem ter sido fatores que precipitaram um estado de profunda tristeza e depressão, como vimos.

Veja como os autores Peter Stratton e Nichy Hayes, no Dicionário de psicologia, definem trauma: “É uma experiência que, em virtude de sua intensidade e de sua imprevisibilidade, é danosa. A reação inicial é um choque que pode ou não ser seguido de recuperação. Freud chegou a acreditar que todas as neuroses eram causadas por traumas na infância que permaneciam não resolvidos no adulto. Na Medicina, o termo significa danos corporais causados por um objeto externo”.^[22] Tem sido comum para mim ver pessoas que carregam traumas terríveis há muitos anos. Nunca falaram sobre isso, algum nem mesmo para Deus. É algo angustiante que constantemente lhes afeta o coração. Chegam até a sonhar com isso. Esta foi a situação de Joice (este não é o nome verdadeiro), que um dia me procurou aflita em meu escritório. Joice tinha na época mais ou

menos quarenta anos. Quando veio conversar comigo, refletia nos olhos sua ansiedade e também a dificuldade para confessar-me o que queria. Ela começou dizendo-me: “O que vou lhe falar ninguém nunca soube, é um segredo que venho guardando por quase dezessete anos... nunca contei para ninguém, mas não suporto mais carregar tão terrível lembrança.” Joice iniciou contando-me que com pouco mais de vinte anos vinha sofrendo de uma série de problemas com o seu namorado, até que finalmente desmancharam o namoro. Ela ficou desolada. Os dias, no entanto, se passaram.

Certa ocasião, num momento qualquer de sua vida, achou que deveria ir a um médico ginecologista para fazer alguns exames de rotina. Chegando ao consultório, o médico lhe pediu que se deitasse para examiná-la. Entretanto, no decurso dos exames, sentiu que estava sendo aliciada (tocada indevidamente) por aquele médico. O fato é que Joice acabou se deixando levar por isso e, ali mesmo, naquele consultório, mantiveram relações sexuais. Após cometer seu grave erro, saiu daquele lugar desesperada e sem entender como teve coragem de fazer uma coisa tão precipitada e irresponsável. Para piorar as coisas, Joice começou a sentir que, com o passar dos dias, alguns sintomas típicos de gravidez começaram a aparecer. Ela voltou desesperada aquele médico que a havia aliciado e pediu que ele mesmo providenciasse os exames para saber se estava grávida. As providências foram tomadas, e dias depois, chegou o resultado do exame: Joice estava mesmo grávida! Ela me disse: “Pastor, foi terrível... eu não sabia o que fazer, o mundo havia desmoronado nas minhas costas, aquilo não parecia estar acontecendo comigo.” Diante do resultado de um erro, outro erro foi proposto para tentar amenizar as coisas: um aborto! E foi isso mesmo que aconteceu. O próprio médico aliciador foi quem também fez o aborto do embrião. O trauma havia se estabelecido.

Joice me contou sua história em lágrimas. Sua alma estava transtornada por esse evento tão terrível em sua vida. Era incrível vê-la falar de um trauma ocorrido dezessete anos atrás como se tivesse acontecido ontem! Ela estava afundada nos sentimentos de culpa, acusação e indignidade. Achava-se mesmo a pior de todas as mulheres. Mas as coisas não continuaram mais assim para ela. Deus agiria com grande poder. É incrível a eficácia que há nas

palavras de Tiago, quando ele escreve: *Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo* (5.16). Uma história como esta, oculta por tanto tempo, no momento que foi confessada, abriu as portas para o poder curador do Espírito Santo. Os benefícios da confissão são magníficos.

Após ter expressado toda essa dor, conduzi Joice a experimentar o poder curador da cruz de Cristo. Invocamos a presença do Senhor sobre essa situação terrível em sua vida. Foi tremendo ver o poder de Deus. Depois, levei-a a perdoar aquele médico e também a orar perdando a si mesma. Foi incrível! Você sabe quantas vezes me sentei com Joice para tratar do seu problema? Apenas uma única vez. Embora isso não seja comum na cura interior (pois a cura quase sempre é um processo), pude perceber que o fato de Joice ter aberto totalmente o seu coração para falar do seu trauma (e assim também Deus agir com muita graça e misericórdia), contribuiu grandemente para que a cura ocorresse com extrema rapidez. O Senhor seja louvado por isso!

Concluindo este tópico sobre os traumas emocionais, gostaria de frisar um ponto importante que tenho utilizado para diferenciar o que vem de uma alma ferida e o que pode ser oriundo da ação satânica. Primeiramente, ouça todo o problema da pessoa. Deixe que ela fale livremente, sem qualquer interrupção. Após apresentar a você seus problemas e principalmente os sintomas deles (é o que geralmente trazem para o aconselhamento), procure saber desde quando ela vem sentindo estas coisas: depressão, angústia, medo, culpa etc. Caso o problema apresentado seja fruto visível de uma situação traumática do passado (perdas, mágoas etc.), é bem provável que sua causa seja puramente emocional, e, sendo assim, precisará mesmo de uma cura interior. No entanto, caso o problema não apresente uma causa visível, ou seja, não haja um momento traumático em sua história, a partir do qual tenha se sentido dessa maneira, é possível então que tais sintomas sejam mesmo de origem espiritual, principalmente se essa pessoa tem ou teve envolvimento com o espiritismo ou coisas parecidas.^[23]

É evidente também que, às vezes, os demônios se aproveitam de coisas provenientes da alma para então intensificar mais ainda

esses problemas. Abordaremos isso mais adiante.

Bebidas e Narcóticos em Geral

Tanto a ingestão de álcool como o uso de diversas drogas tendem a trazer uma série de alterações no funcionamento do sistema nervoso do ser humano. O fato é que, se ignorarmos esses sintomas e o modo como podem manifestar-se no cotidiano de alguém, correremos mais uma vez o risco de espiritualizarmos um problema tipicamente físico ou emocional.

Primeiramente, quais são os sintomas de alguém embriagado pelo álcool? Ao contrário do que muitos pensam, o álcool não é um estimulante, mas um sedativo (calmante), que ataca e entorpece os centros cerebrais, reduzindo assim seu controle inibidor. Alguém alcoolizado pode manifestar dificuldades na coordenação motora e, assim, também terá seus pensamentos confusos. A pessoa pode até ficar inconsciente (em estado de coma), caso o nível alcoólico no sangue atinja 0,5%, e ainda, se as concentrações alcoólicas ultrapassarem 0,55%, poderá morrer. É bom lembrar que não é a quantidade de bebida ingerida que determina o grau da embriaguez, mas sim a quantidade de álcool consumida.

De maneira sucinta, as principais características de uma pessoa embriagada são estas: mau hálito, olhos injetados, fala difícil, perda do controle de suas ações, abandono dos hábitos de higiene. Algumas tornam-se ainda tristes, lamentando seus problemas, enquanto outras ficam tontas e vão dormir; já outras tornam-se irritáveis, desconfiadas e briguentas. É verdade que a grande maioria das pessoas que bebem muito manifestam euforia, tornam-se mais sociais e, assim, acham-se mais adequadas. Entretanto, sabe-se que o álcool pode ser nocivo à saúde em diversos aspectos, podendo levar a pessoa, inclusive, à dependência. Em alguns casos, na vida de pessoas que vivem o alcoolismo, podem ser desencadeadas reações psicóticas. Algumas podem ter alucinações (visão e audição imaginárias – por exemplo, podem ver pessoas, animais etc.); delírios (falsas ideias que se fixam na mente – por exemplo, podem gritar por socorro, coisas do tipo: “Alguém quer me matar!”); ataques de ira homicida (tentar matar alguém), e agitação, excitação, tremores nítidos das mãos, da língua e dos

lábios. Essas crises podem durar horas, ou até dias, dependendo do caso.

O estudo de todos esses sintomas é importante para sabermos como substâncias químicas como o álcool podem ser nocivas ao ser humano. O conselheiro de libertação precisa estar atento a todas essas manifestações físicas e emocionais causadas pelo álcool em uma pessoa, sobretudo no momento de sua crise.

Passemos agora a uma rápida análise dos sintomas que algumas drogas em geral podem produzir.

A morfina e a heroína, como produtos derivados do ópio, são comumente introduzidas no corpo por meio da ingestão, fumo ou injeção hipodérmica. Os efeitos psicológicos imediatos após a ingestão dessas drogas podem ser os seguintes: redução dos movimentos voluntários, diminuição do desejo sexual, tontura (mas não se perde a clareza dos pensamentos), alívio de dor, euforia e sensações de relaxamento. Todos esses efeitos podem durar de quatro a seis horas. Entretanto, após estar viciado nessas drogas, o organismo torna-se dependente delas. Quando os viciados nesses derivados não conseguem uma nova dose dentro de quatro a doze horas (em relação à dose anterior), começam a sentir o que pode ser denominado “sintomas da falta”. Embora esses sintomas possam variar, seguem mais ou menos esta sequência: bocejos, espirros, sudorese, anorexia (perda de apetite), inquietação, depressão, sensações de ruína iminente, fraqueza muscular e aumento no ritmo da respiração. À medida que o tempo passa, os sintomas de falta tornam-se mais graves: vômitos, diarreia, dores abdominais, nas costas, dor de cabeça muito intensa e fortes tremores. Neste período também pode haver delírios e fortes alucinações. Há o risco durante a crise de um colapso cardiovascular, podendo levar a pessoa à morte.

Falemos um pouco da cocaína. Ela é consumida sob a forma de pó, que é aspirado; embora também possa ser fumada ou injetada diretamente na corrente sanguínea. Os primeiros sintomas após o consumo são: alegria, ânimo, excitação e disposição. Estes efeitos podem durar até quatro horas. Entretanto, a sua falta pode levar a pessoa a ter certas reações, como: depressão, agressividade, ansiedade, alucinações e perda de controle. Com o tempo, o

usuário de cocaína manifestará queda no desempenho profissional, desintegração nas suas relações sociais e também um “rombo financeiro” devido ao seu alto custo, o que pode levá-lo a engajar-se em atividades ilegais, como mentir, roubar e até matar para conseguir mais droga.

A maconha, ao contrário do que é geralmente difundido, tem efeitos fortemente nocivos para o ser humano, tanto físicos como emocionais. A fumaça da maconha contém mais elementos cancerígenos que o tabaco, além de penetrar mais profundamente nos pulmões. Esta droga torna a pessoa distraída, esquecida, confunde sua noção de tempo, perturba os pensamentos e distorce a percepção e o senso da realidade. Como consequência, pode levar a pessoa a um baixo rendimento no trabalho e também na escola. Além disso, a maconha é porta de entrada que conduz o indivíduo àquelas drogas mais pesadas. A maioria dos viciados começa por ela.

Além de querer esclarecer os perigos tanto do consumo do álcool como das drogas, neste livro minha proposta visa colaborar com o nosso discernimento na diferenciação de quadros que podem ser confundidos. Aqui, então, quero deixar claro a importância de termos conhecimentos básicos sobre os efeitos tanto das drogas como do álcool sobre a vida de alguém que utiliza tais substâncias. É comum vermos pessoas (e, às vezes, pastores) confundindo casos de possessão ou influência satânica com o comportamento de pessoas que estão bêbadas ou drogadas. Os sintomas podem até ser parecidos, mas não se enganem: só se parecem mesmo. Mas a diferença é básica. Alguém possuído pelo demônio, assim está porque há um espírito maligno atuando, no entanto, no caso de alguém drogado ou alcoolizado, seu problema consiste na presença de substâncias alucinógenas no seu corpo que determinam todos os seus delírios e alucinações. Embora, é claro, o diabo se encontre presente e ativo nestes casos (pois seu alvo é destruir as pessoas), precisamos entender que as propriedades das drogas e do álcool podem, por elas mesmas, sem necessariamente haver qualquer interferência espiritual, produzir todos os efeitos drásticos que descrevi nas páginas anteriores.

Outra coisa importante precisa ser dita. Já que a libertação depende de uma entrega incondicional de nossa vida a Cristo, é melhor que não ministremos libertação ou aconselhamento a alguém que esteja dopado pelo uso dessas substâncias. É importante que esperemos a pessoa voltar ao estado de normalidade. É evidente que os efeitos das drogas e do álcool se misturam com a ação dos demônios sobre a vítima, entretanto é mais prudente não tentarmos expulsar os demônios de alguém de modo leviano e irresponsável, a não ser que a própria pessoa tenha condições para manter sua libertação. De outro modo, sujeitamos a pessoa a ter seu quadro piorado, conforme nos ensinou Jesus em Mateus 12.43-45. Caso a casa permaneça vazia (quando a pessoa não entrega sua vida a Cristo), sete espíritos piores virão para habitar ali.

Enquanto digo isso, uma história me vem à mente. É a de um missionário com quem estive trabalhando um tempo. Ele, um dia, foi fazer uma evangelização em uma casa, e, de repente, apareceu lá alguém alcoolizado. Ele, considerando que estar bêbado é o mesmo que estar “possuído pelo diabo”, começou a mandar todos os demônios daquele homem embora. Após suas orações, aquele moço ainda alcoolizado foi conduzido a aceitar a Cristo, e assim esse meu colega marcou de ir a sua casa no dia seguinte. Chegando lá, após apresentar-se, deparou-se com um grande problema: não foi reconhecido por aquele homem de quem tirou todos aqueles demônios e que foi conduzido a Cristo por ele mesmo. O missionário lhe disse: “Vim aqui, pois ontem você aceitou a Cristo e ainda ministrei sua libertação...” “Eu?”, respondeu o que estivera alcoolizado. “Mas nem me lembro de você. Eu não fiz nada disso. Nem sequer o conheço.” Meu colega ficou bastante constrangido diante da situação. Mas por que isso se deu assim? O fato é que a pessoa que ele ajudou no dia anterior, devido ao seu estado fortemente alcoolizado, não teve sequer condições de compreendê-lo enquanto ministrava. Porque estava inconsciente, não viu absolutamente nada do que se passou (a taxa alcoólica no seu sangue alcançou 0,5%). Erros assim poderiam ser evitados, se houvesse um maior conhecimento das esferas que aqui temos falado.

4 - Problemas espirituais confundidos com os físicos e os psicológicos

Diferentemente do Brasil, na Espanha é muito comum os grandes espetáculos das touradas. O toureiro, no meio de uma grande plateia, desafia aqueles fortes touros. Usando apenas um tecido vermelho, ele atrai a atenção do animal. Durante o espetáculo, o toureiro mostra ao touro o tecido, atíça-o e então este vem furiosamente contra ele. Só que ao perceber a chegada do forte animal, o toureiro esquiva-se e deixa que ele passe a seu lado (atingindo apenas o pano vermelho), e ainda arremete-lhe no lombo uma forte flecha. O touro fica mais bravo com isto, tenta mais uma vez pegar o desafiador, só que, apesar de todo esforço e fúria, não consegue atingir o seu real inimigo, mas apenas o pano vermelho que é usado para atrair sua atenção. Além disso, a cada tentativa, é acertada a flecha em seu corpo, até que finalmente, não suportando a quantidade de ferimentos, cai estirado ao chão, totalmente abatido.

Uma coisa inédita aconteceu recentemente na Espanha. Assistia isso em um programa de televisão. Em um grande espetáculo de tourada, ali estava novamente o toureiro pronto para dar um grande espetáculo àquela plateia presente. Finalmente, o touro foi solto na arena, e os olhos de todos ficaram fitos no que iria suceder-se. O toureiro, como de praxe, começou a atíçar o animal, mexendo o tecido vermelho. O animal, tomando impulso, partiu com grande ímpeto. No entanto, para surpresa de todos, algo inédito ocorreu. O touro, ao invés de arremeter-se contra o pano, foi ao encontro do toureiro e cravou-lhe no peito os seus chifres, matando-o. Isso foi incrível aos olhos de todos que assistiam ao espetáculo. Em cada coração havia perplexidade. Quem poderia imaginar tal coisa? Este episódio pode nos ajudar aqui em nossa reflexão.

Cuidado, as Aparências enganam!

Quantas vezes somos como aquele touro: miramos o pano vermelho do toureiro (que aqui é o diabo), mas o máximo que conseguimos fazer é passar de largo na resolução dos nossos problemas. Além, é claro, de recebermos uma punhalada nas costas dada pelo próprio Inimigo de nossas almas. Se nos deixarmos enganar pela aparência, ou seja, se ficarmos lutando contra aquilo que não é nosso inimigo, correremos o risco de adiante cairmos abatidos perante o nosso Adversário. Infelizmente, é isso que tem acontecido com muitas pessoas.

O apóstolo Paulo nos ensina em sua Carta aos Efésios: *porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes* (6.12). Não temos de lutar contra aquilo que apenas está sendo guiado pelo Inimigo (aqui o sangue e a carne), mas contra o que está por trás, ou seja, os principados e as potestades espirituais. São eles que estão segurando o tecido vermelho e nos dizendo: “Ei, venha, olha aqui o seu problema... venha pegar o seu marido... salário... patrão... pastor... ou, quem sabe, o próprio ministério...Venha!” E aí, muitas vezes, procedemos como aquele touro bravo e insensato, mas adiante o máximo que conseguimos é novamente uma pancada do diabo.

É precioso ter discernimento espiritual. Estamos numa batalha, e muitas vezes o diabo irá usar contra nós pessoas e situações do nosso cotidiano. Paulo diz aos Coríntios: *para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios* (2Co 2.11). É preciso, então, assim como aquele touro que entendia de “batalha espiritual”, mirarmos o nosso real Inimigo, e não o que ele tem procurado usar contra nós, e então nos arremetermos contra ele na autoridade do Senhor dos Exércitos, o nosso Deus!

Como Satanás pode atacar

A Bíblia diz em João 10.10: *“O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir.”* Esta é a missão do diabo desde a sua queda. Ele odeia o homem, pois este foi criado à imagem e semelhança do Criador, seu antigo Senhor. Entretanto, sou da opinião de que ele mostra se para cada um de uma maneira. Vai depender da pessoa,

da sua personalidade e também de sua formação. O diabo nunca aparece logo, como muitos o imaginam, de chifres, com uma capa vermelha, cauda e ainda fazendo uma careta. Nada disso. Esta é uma visão caricaturada que alguns cristãos da Idade Média tinham dele. Pode ser que, caso alguém o admita dessa maneira, ele possa até se manifestar assim, mas geralmente, primeiro, ele procura apresentar-se *como um anjo de luz* (2Co 11.14). Ele não é mais anjo de luz, mas Paulo diz que ele pode “transformar-se”, ou seja, dissimular sua personalidade perante pessoas que estão afastadas de Deus e, assim, enganá-las. Desta forma, ele tem procurado seduzir a muitos.

Para alguns, ele se apresenta como Nossa Senhora, o Senhor do Bonfim etc. Para aqueles que gostam do baixo espiritismo, se apresentará como um Preto-Velho, espíritos de crianças, Pombagiras; já para os afeiçoados a um espiritismo mais “sofisticado” e “racional”, pode apresentar-se como o Dr. Fritz, Bezerra de Meneses e tantos outros. No dizer do pastor Átila Brandão: “O cachorro é o mesmo; ele só muda a coleira!”^[24] Assim sendo, alguém pode caminhar a vida toda enganado, sem ao menos perceber com quem de fato está se envolvendo. O Pai da Mentira se encarregou de obscurecer seu entendimento durante todo esse tempo. João o denominou como *o sedutor de todo o mundo* (Ap 12.9).

A principal arma do diabo, então, é a mentira, o engano. Esta arma foi usada no Céu, quando ele mesmo persuadiu um terço dos anjos a se rebelarem contra o Senhor, e também no Éden, para que Eva comesse do fruto que Deus não havia permitido. Tendo em vista a proposta deste livro, que é fazer uma diferenciação entre as esferas que constituem o homem, iremos agora apontar algumas estratégias utilizadas pelo diabo em seus ataques.

Quando os ataques são indiretos

O nosso Inimigo, muito embora não nos conheça perfeitamente como Deus, nem sequer saiba o que se passa em nosso interior, pode estar constantemente nos rodeando (cf. 1 Pe 5.8) e, com isso, conhecer muitas de nossas áreas de fraqueza. Veja por exemplo, o episódio em Mateus 4, quando Jesus ficou quarenta dias e quarenta

noites no deserto, em jejum e oração. Depois disto, diz a Bíblia que Ele teve fome (v. 2). Esta tornou-se uma área de fraqueza na vida de Jesus. Ele estava debilitado em seu corpo físico. Agora, quando Satanás começou a investir contra Ele, onde foi que intensificou seu primeiro ataque? Exatamente onde Jesus estava vulnerável. Veja: *Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: “Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães”* (v. 3). Explique-me: por que Satanás não tentou atingir primeiramente Jesus na Sua mente, na família ou em outra área? Ele veio tentá-lo exatamente onde estava mais vulnerável. Mas nosso Senhor estava preparado, não havia brechas em Sua vida. Jesus usou Sua principal munição: a Palavra de Deus! Ele refutou o diabo, dizendo: *Está escrito: “Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”*. Não demorou muito para que Satanás se retirasse de sua presença.

O que é, então, um ataque indireto? É uma ação satânica que se dá a partir de um problema que está em curso de ação. Neste caso, não é o diabo que está causando diretamente a situação, mas ele atua por trás, intensificando sua gravidade. Cada dificuldade citada nos capítulos anteriores pode ser tomada pelo diabo como um ponto de apoio, caso não cuidemos, é claro. Não quero dizer com isso que toda vez que estivermos para resolver problemas teremos de apenas repreender ou atacar o diabo. Se assim pensarmos, ele poderá até nos enganar, levando nos a errar o alvo. Se atribuirmos a ele algo com que não tenha relação direta, não conseguiremos resolver nossas dificuldades. Precisamos reconhecer primeiramente, como já disse, a *origem* do problema. Veja se a raiz é física, psicológica ou espiritual. Caso seja física, procure tratar o problema como tendo origem nesta dimensão, e não em outra. Ou seja, se é estresse, descanse. Se for uma anemia, vá ao médico, para que lhe prescreva as devidas vitaminas e o ajude em sua dieta alimentar. Se a luta é com sua carne, coloque-a em sujeição a Cristo. Podemos estender isto que estamos falando para os problemas com origem na alma: doenças psicológicas, temperamentos, traumas etc. Se apenas espiritualizarmos esses problemas, correremos o risco de não resolvê-los em quase nenhum aspecto. Mas quero enfatizar aqui, fato de Satanás, em sua sutileza,

poder utilizar tais “brechas” contra nós mesmos. Isso seria um ataque indireto. Veja alguns exemplos a seguir.

Satanás pode oprimir alguém no seu temperamento. Ele pode impor sobre um colérico, devido às suas frustrações com o seu passado, uma personalidade extremamente agressiva e iracunda. Este exemplo me faz lembrar um caso que atendi alguns anos atrás. Edivar (este não é seu nome verdadeiro) tinha muita revolta no seu coração, só que chegou uma hora em que seu rancor ultrapassou todos os limites. Ele, por exemplo, saía para a mata e despedaçava animais (carneiros, cachorros etc.) com seus próprios dentes, querendo com isso desabafar suas profundas mágoas. Em quase todos os lugares que frequentava, arranjava briga. Era um horror! Mais tarde ele se converteu, mas mesmo assim não conseguia livrar-se do seu temperamento extremamente agressivo. Irava-se violentamente contra os outros e também contra sua esposa. Somente depois de sua libertação, mediante a confissão e a renúncia de uma série de vínculos passados e a expulsão dos espíritos de ira e agressividade, ele conseguiu sentir uma melhora considerável. Depois foi importante e necessário ministrar à sua alma para que houvesse cura e perdão. Este caso me ensinou, assim como muitos outros, que Satanás pode impor características suas e intensificar sentimentos e emoções negativas que já estão no coração das pessoas, fazendo com que elas quase não tenham controle sobre eles.

Outro caso muito interessante para mostrar como nosso Inimigo pode intensificar problemas já existentes em nossas vidas foi a experiência que tive em um retiro espiritual, quando fui convidado a ministrar na área de cura interior. Ensinei por volta de uma hora e logo depois propus que fizéssemos uma oração de cura para a alma. Iniciei pedindo ao Espírito Santo que sondasse aqueles traumas que vinham desde a vida intrauterina e, assim, prossegui orando pelas sucessivas fases do desenvolvimento. Deus começou a derramar o seu bálsamo curador sobre todos. Enquanto fazia a oração por todos, cheguei a uma parte em que pedi que o Senhor tocasse nos traumas sexuais. Incluí neste ponto aquelas pessoas que se sentiam culpadas por terem usado seus corpos de modo leviano e também as que haviam sido vítimas de abuso sexual. Orei

para que o Espírito Santo removesse toda culpa, dor e sentimentos de indignidade. Nesse momento, comecei a ouvi uma moça que do banco chorava copiosamente. Ela agonizava enquanto eu mencionava cada palavra em minha oração. Entretanto, chegou um momento em que o seu choro ficou um tanto estranho e ela começou a debater-se. Senti, pelo Espírito Santo, que a reação não era apenas fruto dos seus traumas, mas que a presença maligna estava ali também, atormentando a jovem. Orei com autoridade: “Em nome de Jesus, se houver também algum espírito maligno alojado nos sentimentos desta jovem, eu o repreendo agora: saia!” Imediatamente, ela caiu no chão, totalmente possuída. Graças a Deus ela foi retirada rapidamente daquele salão e em uma sala à parte foi liberta.

A lição que pude tirar desta experiência é que os demônios podem se alojar em traumas que cultivamos por muito tempo e que ainda não foram expostos ao Senhor e também a um conselheiro maduro. Essas feridas podem ser portas abertas para os demônios, que se empenharão para que a pessoa ferida sofra além do que realmente seria natural. Este é mais um exemplo de como os demônios podem intensificar um problema.

Eu poderia citar muitos outros exemplos para demonstrar como o diabo pode camuflar-se por trás de algumas situações não resolvidas em nosso cotidiano. Pode ser um problema familiar ainda não tratado, uma enfermidade física, uma luta financeira, áreas do caráter, do ministério e outras mais. Este parece ser seu alvo preferido: esconder-se atrás de situações não solucionadas. Ratificando esta ideia, Ray Stedman afirma que a maioria dos ataques infernais se dá mesmo de modo indireto.^[25] O diabo só está nos atingindo porque encontra ainda em nossa vida algum “ponto de apoio”, ou seja, áreas vulneráveis.

Quando os ataques são diretos

Enquanto nos ataques indiretos o alvo do diabo é não ser visto, agindo por meio de problemas já existentes, aqui seus ataques são oriundos dele mesmo e não necessitam de qualquer “base de apoio”. O episódio ocorrido em Gênesis com nossos primeiros pais é um exemplo de ataque direto. Não existia naquela ocasião

qualquer vulnerabilidade para o ataque satânico, ou seja, Adão e Eva não estavam passando por qualquer problema ou dificuldade, aliás não havia nem pecado. O diabo, então, foi diretamente com a intenção de afastá-los da orientação divina, dada logo ao serem criados. Sua principal arma foi a mentira. Ele, com sua sutileza e astúcia, conduziu Eva a duvidar da palavra de Deus. O Senhor havia dito: “Se vocês comerem da árvore do conhecimento do bem e do mal, certamente morrerão.” Mas a serpente foi incisiva: “É certo que não morreréis!” Em outras palavras, estava dizendo à mulher: “Não é bem assim. Deus está sendo muito duro com vocês. Não há nada de mais em comer daquela árvore.” Eva tinha diante de si duas palavras: a de Deus e a da serpente. Infelizmente, deu guarida a esta terrível seta e acabou caindo do seu estado de perfeição, levando consigo também seu companheiro Adão. Este pode ser um exemplo de “ataque direto”.

Na vida daqueles que vêm do espiritismo para Cristo, frequentemente encontramos exemplos de pessoas vítimas desse tipo de ataque. Os espíritos malignos, durante o tempo em que alguém os serviu, procuravam impor sua personalidade sobre ela. O diabo, que foi chamado na Idade Média pelo apelido de “o macaco de Deus”, por estar desde a sua queda tentando imitá-lo, procura assim como o Criador, expressar-se por meio das pessoas, manifestando assim seus frutos. Os demônios, então, adoram impor seus gostos, vontades e desejos sobre suas vítimas. A passagem do salmista pode ilustrar isto, quando, falando dos ídolos, afirma: *Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem e quantos neles confiam (Sl 115.8)*. Pessoas, então, que se envolvem com entidades espirituais, acabam por se tornar semelhantes a elas. Os exemplos são bem variados. Tenho percorrido várias igrejas e constatado, por exemplo, que pessoas que no passado envolveram-se com festas de Cosme e Damião acabam tendo compulsão por alimentos doces. Não estou aqui falando de um gosto comum por doces e balas, mas sim de um desejo estranho, exagerado e mórbido. Já vi alguns dizerem: “Eu gosto tanto de doce que, quando não tem em minha casa, pego a lata de açúcar e como colheradas deles.” Mas por que essas pessoas que envolveram-se com essas entidades podem manifestar essas compulsões? O salmista já nos alertou: *tornem-se*

semelhantes a elas os que as cultuam! O fato é que, ao envolverem-se com esses demônios, os tais se sentiram no direito de impor sobre eles seus gostos e desejos.

Os chamados “espíritos de crianças” (ou exus-mirins) adoram doces e balas e, por isso, quem tornou-se seu adorador, por meio da participação das festas e rituais, poderá manifestar suas vontades. Mas isso pode mesmo acontecer? Assim que conheci Virgínia, que hoje é minha esposa, ela sempre me falava de suas constantes e fortes vontades para comer alimentos doces. Após escutar suas queixas e interrogações em ocasiões diversas, perguntei-lhe se já havia participado das festas de Cosme e Damião. Ela respondeu que sim: “Todos de minha família éramos espíritas antes de nos convertermos. Por isso participei bastante dessas festas, e lá comia de todos aqueles doces.”

Apenas este comentário foi o suficiente para que eu a convencesse da importância de renunciar verbalmente a toda sua vinculação com aquelas entidades. E ela assim o fez, em oração juntamente comigo. Para minha surpresa, não demorou muito para que ela viesse até mim eufórica, dando-me seu testemunho:

“Alcione, preciso anotar numa folha de papel o meu testemunho e o que ocorreu comigo depois que renunciei minhas ligações com as festas de Cosme e Damião. Foi tremendo! Antes, eu via um pedaço de bolo ou de pudim e me dava uma vontade louca de comer. Mas não era apenas comer um pedaço, pois minha fome por doce era insaciável (comia sem querer parar) e eu perguntava a mim mesma por que gostava tanto de coisas doces. Agora, é incrível, eu mal consigo colocar um pedaço de doce na boca e já me sinto enjoada! Estou admirada comigo mesma. E ainda mais: consegui até perder alguns quilinhos! Aleluia!”

Virgínia me contou mais adiante algo que também me impressionou:

“Antes quando eu ia à igreja, a primeira coisa que sentia ao entrar no templo era enjoo e uma forte dor de cabeça. Isso acontecia todas as vezes que eu ia à igreja. Então, assim que surgiam esses

sintomas, simplesmente colocava uma bala na boca e a degustava. Sabe o que ocorria? Tanto a dor como o enjoo paravam imediatamente. Vinha já fazendo isso por anos, e passei até a achar que tivesse um problema de falta de açúcar no sangue, por isso a necessidade de comer algo doce para com isso normalize minha taxa de glicose.”

Finalmente, minha esposa concluiu dizendo: “Agora, quando vou à igreja, não sinto mais dor de cabeça nem mesmo enjoo. Não tenho mais necessidade de chupar balas durante o culto para resolver esse mal-estar, pois nem mesmo o tenho mais. Estou plenamente liberta da compulsão para coisas doces.” A cada dia ela fica mais admirada com sua libertação.

Muitos outros casos podem ilustrar como as entidades espirituais impõem diretamente sua personalidade sobre alguém. Isso é um ataque direto, pois tais características não fazem parte do temperamento da pessoa; são, assim, traços externos, provindos da personalidade demoníaca.

Essa forma de o Inimigo minar alguém em áreas de sua vida não possui meios intermediários, ou seja, problemas e fraquezas já estabelecidos por onde possa atacar. Jó, por exemplo, foi vítima de uma emboscada como essa. Por permissão divina, ele foi tocado diretamente pelo diabo em inúmeras áreas de sua vida. Paulo também, quando menciona o “espinho na carne” que disse ser um “mensageiro de Satanás”, dá-nos a informação de que também foi duramente atingido, e mais uma vez com a permissão divina (2Co 12.7-10). No dia-a-dia do cristão, este inimigo espiritual tentará nos atingir diretamente em áreas de nossa vida. Pode ser no âmbito da saúde, na relação familiar com o cônjuge ou com os filhos, ou até usando uma pessoa que admiramos para nos ferir com um comentário maldoso. Uma palavra abençoada pode muitas vezes nos dar um grande ânimo para fazer algo. Mas uma palavra maldita e cheia de malignidade pode nos prostrar ao chão e nos deixar totalmente enfraquecidos. Nesses casos, a especialidade do diabo é usar pessoas próximas a nós para nos atingir. Isso já aconteceu alguma vez com você? É bem provável. Ocorreu até com Jesus.

Em determinada circunstância, Jesus perguntou aos discípulos sobre o que as pessoas diziam sobre Ele, ou seja, quem era Ele? Vieram naturalmente várias respostas: um grande profeta, João Batista, Jeremias etc. Mas Jesus, dirigindo-se aos seus discípulos, perguntou-lhes: *“Mas vós(...), quem dizeis que sou eu?”* (Mt 16.15). Enquanto alguns ficaram a coxear, Pedro adiantou-se disse: *“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”* (v. 16). Jesus, surpreendido com sua palavra, inspirada pelo Espírito Santo, respondeu-lhe: *“Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus”* (v. 17). Naquele momento, todos ficaram admirados com o ocorrido e também pela forma como Pedro respondeu à pergunta de Jesus. Parecia quase um discípulo perfeito e em completa dependência do seu Mestre; mas, infelizmente, as aparências enganam. Pedro estava ainda debilitado em muitas áreas de sua vida e, por causa disso, abriu portas para a ação do Inimigo. Parece que, ao ouvir o elogio do Mestre, encheu-se de orgulho e pretensão desmedidos.

Um pouco adiante, não se havia passado talvez dez minutos do momento em que Pedro expressou a verdadeira identidade de Jesus e assim também sua missão como Ungido de Deus, o Mestre Se pôs a falar sobre as coisas ruins que teriam de Lhe acontecer para que se cumprissem as Escrituras: *Começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que Lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas cousas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto, e ressuscitado no terceiro dia* (Mt 16.21). Agora, gostaria que percebesse comigo a audácia do discípulo Pedro e como seu coração achava-se vaidoso: *E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: “Tem compaixão de Ti, Senhor; isso de modo algum Te acontecerá”* (v. 22). A partir deste versículo, notamos como Pedro acha-se diferente dos demais, pois por que chamaria o Mestre à parte para dar sua opinião? Seria ele superior aos demais? Era assim alguém tão mais espiritual que os demais discípulos, a ponto de não poderem escutar aquilo que falava a Jesus?

Esta foi a primeira “brecha” cedida por Pedro. Cinco ou dez minutos atrás, esteve falando inspirado por Deus, mas agora o Mestre discerne que a sua boca não está mais sendo um

instrumento do céu, mas do inferno! Veja como o discernimento espiritual de Jesus foi importante para isso. Ele dirige-se a Pedro e lhe diz, *Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das cousas de Deus e sim das dos homens* (v. 23).

Este fato ocorrido com Jesus foi um “ataque direto” por meio de um discípulo a quem tanto amava. Aqui, mais uma vez, Satanás quis persuadir Cristo a não enfrentar a cruz. Ele já estava prevendo que lá sua cabeça seria esmagada, conforme Deus lhe dissera assim que o homem caiu do seu estado (cf. Gn 2.15).

Um ponto importante que também chamou a minha atenção neste episódio foi o fato de Pedro uma hora falar movido pelo Senhor e logo depois, em pouquíssimo tempo, ser o porta-voz do diabo. Isso é de estarrecer. Tal coisa me faz lembrar as profecias de alguns irmãos que, às vezes, estão profundamente contrárias à Palavra de Deus. Porque em determinado momento foram usados por Deus, acreditam que todas as vezes que abrirem a boca certamente o serão uma vez mais. Tomemos cuidado! Pedro também pensou assim, mas se viu surpreendido com a advertência do Mestre de que naquela ocasião, estava sendo um instrumento do próprio diabo.

Nas igrejas, isso tem ocorrido com frequência. As pessoas temem, às vezes, mais a palavra de um profeta do que a própria Palavra de Deus! Isso é perigosíssimo, pois pode ser que uma hora o profeta esteja sensível à voz de Deus e fale realmente por Deus. Mas pode ser também que, em outra ocasião ele não esteja tão sensível a Deus. Passando por um momento difícil em sua vida ou talvez com suas emoções abaladas por uma situação da qual tome partido, pode abrir a boca, dizendo “Assim diz o Senhor...” quando o Senhor, de fato, não disse nada! Nesse caso, o profeta fala do próprio coração, talvez até movido por sua soberba, como aconteceu com Pedro.

É preciso, então, que nos guiemos acima de tudo pela Palavra de Deus, e quaisquer fatos ou profecias que contrariem a Palavra e também a direção que Deus já tem ministrado ao nosso coração devem ser rejeitados como tendo origem, possivelmente, naquele que é o pai da mentira. Não nos iludamos: se Pedro, cheio do Espírito, falou inspirado ao Senhor Jesus sobre sua própria

identidade e missão, recebendo do Mestre um forte elogio, mas pouquíssimo tempo depois tornou-se na própria boca do diabo, é preciso mesmo que julguemos todas as profecias pelo crivo da Palavra de Deus. Somente nela podemos depositar toda a nossa confiança, e por ela também somos advertidos: *Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora (1Jo 4.1).*

Resquícios do Ocultismo

É sabido de praticamente todos que estão envolvidos no ministério de libertação que pessoas advindas de fortes envolvimento com o espiritismo e com o oculto, ainda que convertidas a Jesus, podem permanecer com laços espirituais em suas vidas.

No meu livro *Saindo do cativo*,^[26] fiz uma abordagem histórica onde me propus mostrar como os cristãos dos primeiros séculos rapidamente perceberam essa realidade. Os indivíduos (novos na fé) egressos de práticas idólatras e feiticeiras eram conduzidos a uma oração de renúncia, em que verbalizavam seu completo desligamento de todas essas atividades. A prática da libertação e da renúncia aos vínculos do passado tornou-se tão importante para os cristãos primitivos, a ponto de se tornar uma etapa necessária para aqueles que estavam se preparando para o batismo. A Igreja com isso alcançou uma mentalidade: ninguém poderia ser batizado, isto é, incluído no corpo local, sem que estivesse plenamente liberto de todos os demônios. Assim sendo, as sessões de libertação tornaram-se frequentes na vida dos neófitos que almejavam o batismo.

Visando ratificar o que expus anteriormente, veja como é importante o comentário de Glen Hinson, que escreveu no seu livro, *Vozes do cristianismo primitivo*, um capítulo sobre o batismo, no qual aborda também a visão que os cristãos dos primeiros séculos tinham da libertação:

Por volta de 200 d.C., a igreja oferecia um programa intensivo que almejava preparar o cristão em seu combate espiritual contra os

principados e potestades. Por trás desse objetivo estava o seguinte raciocínio: antes de se tornar cristão, acreditava-se, o convertido era súdito de Satanás, sendo literalmente, e não apenas em teoria, mantido cativo. Isso era verdade em relação a todos os cidadãos do “mundo”, a esfera dominada por Satanás. O caráter e os hábitos desses cidadãos tinham sido moldados por poderes demoníacos; estavam servindo a Satanás em suas vocações e ocupações. Algumas vocações, particularmente, representavam os interesses de Satanás – feitiçaria, confecção de ídolos, corridas de cavalos, combates de gladiadores, prostituição, alcovitamento, ensino em escolas pagãs etc.

Quando uma pessoa se tornava cristã, deveria quebrar o jugo dos espíritos e não deixar nenhum vestígio do controle deles, para que ela pudesse se submeter totalmente a Cristo e participar em seu reino. O jugo de Satanás era tão firme sobre os mágicos, por exemplo, que no século III, o cismático bispo Hipólito, de Roma, não permitia sequer que eles recebessem instruções preliminares. No geral, entretanto, a igreja aceitava todos que quisessem mudar seus hábitos e ocupações, certa de que Cristo poderia verdadeiramente transformar a vida deles.

Mas, uma vez que a igreja aceitava um dos escravos de Satanás, investia com toda a sua força para libertá-lo dos espíritos.

A renúncia a “Satanás, sua pompa e seu serviço”, olhando para o Ocidente, verbalizava o rompimento; o reconhecimento de Cristo, olhando para o Oriente, completava a demonstração de uma total troca de fidelidade. Teatro, corrida de cavalos, caça, oração em templos de ídolos, adoração de ídolos, adivinhação, leitura de voos de pássaros, uso de amuletos e todas as outras coisas que pertenciam à “pompa” e “serviço” de Satanás tinham de acabar. Tais coisas, Niceta de Ramesiana explicou, “são as correntes da serpente, as quais são algemadas na alma das pessoas e as levam para a prisão do inferno”. Quando uma pessoa renuncia a Satanás, arremete as correntes para trás de suas costas na face do inimigo.

[27]

Há pelo menos três relatos bíblicos onde vemos a menção de pessoas vindas da feitiçaria tendo contato com o Evangelho. O primeiro caso é o da conversão de Simão, o mago (cf. At 8.9-25).

Ele já vinha por muitos anos praticando a feitiçaria e alcançando posição destacada em Samaria devido aos milagres que ali executava. No entanto, ao deparar-se com o evangelho de Jesus Cristo pregado por Filipe, o evangelista, e ainda mais com os grandes sinais efetuados por seu intermédio, quis também abraçar a mesma fé. Diz a Bíblia: *O próprio Simão abraçou a fé; e, tendo sido batizado, acompanhava a Filipe de perto, observando extasiado os sinais e grandes milagres praticados (v. 13).*

Os fatos se sucederam até que, finalmente, chegaram a Samaria os apóstolos Pedro e João, que ali estavam para ministrar a descida do Espírito Santo sobre aquela comunidade de cristãos que se formara. Entretanto, Simão, o ex-mago, ao ver-se mais uma vez exposto ao poder de Deus por meio da vida de Pedro e João, fez-lhes uma proposta indigna e um tanto equivocada: *Vendo, porém, Simão que, pelo fato de imporem os apóstolos as mãos, era concedido o Espírito (Santo), ofereceu-lhes dinheiro, propondo: “Concedei-me também a mim este poder, para que aquele sobre quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo” (vs. 18 e 19).* Os versículos adiante mostram a indignação de Pedro, que lhe fez em seguida uma severa exortação. O apóstolo ordenou-lhe que se arrependesse e, no final de sua palavra, disse algo que aqui me chamou a atenção: *“pois vejo que estás em fel de amargura e laço de iniquidade” (At 8.23).* Felizmente, ao término deste lamentável desentendimento, Simão rogou aos apóstolos em tom de humildade: *“Rogai vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes sobrevenha a mim” (v. 24).*

Geralmente existem duas linhas de pensamento em relação a Simão: a primeira é que ele não tenha mesmo se convertido, haja vista seu comportamento frente aos apóstolos, propondo-lhes dinheiro em troca do dom divino. Eu, particularmente, opto por outra perspectiva. É evidente que ele errou ao pedir tal coisa a Pedro e a João, mas existem três razões que precisam ser consideradas: primeiro, ele era um mago de grande fama, que largou tudo para seguir o Evangelho pregado por Felipe. Este homem poderia ter permanecido galgando a sua posição privilegiada em Samaria, mas decidiu romper com suas práticas. Em Segundo lugar, diz o texto sagrado que Simão abraçou a fé e foi batizado. Sendo assim, ele

confessou Jesus Cristo como o Senhor de sua vida, e Filipe teve discernimento suficiente para batizá-lo. Em último lugar, diante da dura exortação dada por Pedro, veja a sua atitude de arrependimento declarada no versículo 24. Isso pode demonstrar que Simão, apesar dos seus erros iniciais, por se tratar de novo na fé, oriundo da feitiçaria (onde obtinha lucros com seu ofício), apresentava fortes indícios de ter sido realmente alguém que tivera uma experiência de conversão.

Fiz menção ao caso de Simão porque a palavra de Pedro me chamou a atenção: *pois vejo que estás em fel de amargura e laço de iniquidade*. Se Simão realmente experimentou a conversão, é surpreendente Pedro ter-lhe dito que ainda assim estava carregando laços perniciosos em sua vida. Isso pode igualmente demonstrar para nós que pessoas egressas de práticas espíritas e feitiçarias (embora já convertidas) podem ainda manifestar no seu viver diário indícios de prisões e laços espirituais, que precisam urgentemente ser quebrados.

Na Bíblia, o segundo caso de um feitiçeiro em contato com o Evangelho é o de Elimas, também denominado o mago (cf. At 13.4-12). Os registros de Atos nos informam que Paulo, em sua atividade missionária, esteve percorrendo várias cidades. Atravessando uma ilha, chegou a Pafos. Nesse lugar, Paulo encontrou um homem de grande cultura e inteligência, também procônsul, chamado Sérgio Paulo. O apóstolo começou a evangelizá-lo, e ele muito se interessou pela Mensagem. Entretanto, um mago de nome Elimas começou a colocar uma série de obstáculos à conversão de Sérgio Paulo, e isso se deu a ponto de Paulo interromper sua atividade e imprecá-lo uma forte palavra de juízo: *Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor? Pois agora eis aí está sobre ti a mão do Senhor, e ficarás cego, não vendo o sol por algum tempo. No mesmo instante, caiu sobre ele névoa e escuridade e, andando à roda, procurava quem o guiasse pela mão (vs. 10 e 11)*. Diante desse fato milagroso e inusitado, o procônsul Sérgio Paulo rendeu sua vida a Cristo, crendo maravilhado no poder de Deus.

É evidente que a Bíblia não faz qualquer menção a uma possível conversão de Elimas, após ser castigado por Deus daquela maneira. O que quero frisar, fazendo uma relação com o caso anterior de Simão (também mago no passado) é sua dificuldade em acatar a mensagem do Evangelho. Parece mesmo permanecer sobre os feiticeiros um forte domínio do diabo. Isso se deve, com certeza, aos pactos realizados no passado.

Finalmente, temos o relato da conversão em massa de muitos feiticeiros da cidade de Éfeso (At 19.18-20). Todos os efésios estiveram impressionados com o poder de Deus na vida de Paulo, pois milagres e curas miraculosas manifestavam-se por meio do seu ministério. Veja o que diz a Escritura: *Muitos dos que creram vieram confessando e denunciando publicamente as suas próprias obras. Também muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo os seus livros, os queimaram diante de todos. Calculados os seus preços, achou-se que montavam a cinquenta mil denários (vs. 18 e 19).* Com certeza, esse foi um episódio tremendo naquela cidade e como a igreja de Cristo (assim como os céus) deve ter-se alegrado com esse momento. Entretanto, um fato que uma vez mais chamou minha atenção na conversão desses feiticeiros foi a atitude que tiveram de queimar toda literatura ocultista do passado. Mas, perguntamos: por que a necessidade disso, visto serem agora novas criaturas? No meu entender, já havia um conhecimento prévio de que todos esses objetos poderiam servir de laços e ligações com os seus antigos senhores; por isso, era imprescindível sua destruição. Veja o que diz Deuteronômio 7.25: *As imagens de escultura de seus deuses queimarás a fogo; a prata e o ouro que estão sobre elas não cobiçarás, nem os tomarás para ti, para que te não enlaces neles; pois é abominação ao Senhor teu Deus.* Sendo assim, alguns vínculos pré-cristãos, mesmo após a conversão, deveriam ser destruídos pelos que estiveram na feitiçaria.

Pois bem, o meu objetivo em mencionar esses casos nas Escrituras, de feiticeiros que tomaram contato com o Evangelho, mas que tiveram de queimar livros e objetos ocultistas e ainda tratarem com laços de iniquidade (conforme vimos na palavra de Pedro a Simão, o ex-mago), foi para mostrar que em situações onde pessoas fizeram alianças com os falsos deuses será necessário

anular especificamente esses vínculos. Isso também pode ser visto nas práticas de libertação e renúncia feitas nos primeiros séculos cristãos, com os novos na fé que se preparavam para o batismo, conforme os comentários do Dr. Hinson.^[28]

É importante dizer também que aqueles indivíduos egressos dessas atividades místicas e ocultas, quando vêm para Cristo, trazem consigo alguns resquícios e amarrações. O que pode indicar tais perturbações? Vejamos: primeiramente, diversas enfermidades físicas podem continuar a perturbar o neófito, como dores constantes de cabeça, queimação no corpo e principalmente nas pernas, enjoos constantes, náuseas, dor e “peso” na coluna, problemas estomacais frequentes e outros.^[29] Além disso, pode-se ter extrema dificuldade para ler a Bíblia, podendo todas as vezes que pegá-la ser acometido de sono e também sofrer dificuldades em permanecer acordado nos cultos, muito embora à noite tenha insônia. É exatamente assim que acontece.

Outras pessoas podem ter visões de animais, vultos, sentirem-se perseguidas (como se alguma coisa as estivesse observando dentro de casa) e podem escutar vozes perturbadoras, dizendo lhes coisas do tipo: “Não tem jeito para você”, “A Bíblia não é verdadeira”, “Não acredite nesse pastor” etc. É comum também que algumas sintam a presença das entidades malignas às quais serviram no passado, tentando-as de todas as maneiras, às vezes até com fortíssimas ameaças (“Não volte mais a essa igreja, senão você vai morrer!”). Há casos também de cristãos que ainda são influenciados em seus gostos, vontades e temperamentos pelos demônios com que fizeram os pactos antigamente.

Muitos outros sintomas poderiam ser mencionados, mas esses já bastam para dar uma ideia de como pessoas já convertidas a Cristo podem ainda carregar alguns resquícios do velho homem, conforme ensinou-nos Paulo, *no sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano,..., e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade (Ef 4.22 e 24)*. Creio plenamente que a libertação espiritual pode fazer acelerar em nós o processo de santificação.^[30]

Prisões na vida sexual

Todos os sintomas descritos no item anterior, como estando presentes na vida de pessoas que vieram do ocultismo ou espiritismo, mas que ainda não renunciaram a tais práticas, podem mesmo ser confundidos com problemas provenientes do físico e também do psicológico. Mas não nos enganemos: somente se parecem. O que temos visto é que, após uma ministração de libertação, onde tratamos sério com a confissão desses pecados a Deus e assim também com a renúncia verbal de todos esses antigos pactos, é que esses sintomas podem desaparecer imediatamente, permitindo que o cristão caminhe sem qualquer laço com seu passado. Os exemplos do que tenho aqui testemunhado são os mais diferentes.

É importante que se diga que não apenas os resquícios de quem veio do espiritismo ou do ocultismo podem ser confundidos, mas também pessoas que no passado mergulharam fundo em práticas sexuais ilícitas podem ter também uma série de complicações e sequelas, que às vezes podem ser consideradas como naturais ou tão-somente providas da carne. Entretanto, em nossas experiências, temos visto pessoas profundamente escravizadas pelo diabo na sua sexualidade, às vezes presas terrivelmente a parceiros sexuais do seu passado ou até vítimas de fortes compulsões para a perversão sexual. Isso se deve às legalidades dadas ao Inimigo que ainda não foram devidamente canceladas por meio da oração.

O apóstolo Paulo escreve aos Tessalonicenses, falando da importância de santificarmos o nosso próprio corpo, que é santuário do Espírito Santo, e nos exorta a nos abstermos da sensualidade e da prostituição. Veja o que ele diz:

Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição; que cada um de vós saiba possuir o próprio corpo em santificação e honra, não com o desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a Deus; e que, nesta matéria, ninguém ofenda, nem defraude a seu irmão; porque o Senhor, contra todas estas cousas, como antes vos avisamos e testificamos claramente é o vingador, porquanto Deus não nos chamou para impureza e sim para a santificação.

Dessarte, quem rejeita estas cousas não rejeita o homem e sim a Deus, que também vos dá o seu Espírito Santo (1 Ts 4.3-9).

Nesta passagem, o apóstolo nos traz sérias exortações quanto à nossa pureza sexual, que se forem cumpridas à risca podem nos livrar de qualquer prisão ou domínio satânico nesta área. Quando Paulo fala no versículo 3 sobre prostituição, a palavra grega é porneia, termo que pode indicar “toda forma de abuso do sexo”. Sendo assim, é preciso que repudiemos toda forma ilícita do sexo, seja adultério, fornicação, incesto, homossexualidade, bestialidade, sexo anal e outras anomalias. O sexo foi criado por Deus para nos proporcionar prazer, e também, é claro, para que perpetuemos nossa posteridade sobre a Terra, permitindo assim que haja vida no planeta e mais filhos de Deus que O adorem, pois foi com este fim que fomos criados. Mas é preciso atentar para uma coisa: este dom de Deus, que é o sexo, quando administrado fora dos padrões divinos, pode nos levar a uma verdadeira escravidão. É neste caminho que muitos têm enveredado, e infelizmente até cristãos, conhecedores da verdade divina. Mas o apóstolo nos adverte: “Esta não é a vontade de Deus! O Senhor deseja a vossa santificação. Ele quer também que tenhamos uma sexualidade sadia, não mais moldada pelos padrões do mundo, conforme ‘os gentios que não conhecem a Deus’.

Temos aqui nesta passagem aos Tessalonicenses pelo menos três instruções quanto ao sexo: primeiramente, devemos viver de modo santo, abstando-nos da prostituição, ou seja, de toda forma errada de praticar o sexo. Em segundo lugar, é preciso que saibamos possuir o nosso próprio corpo, “em santificação e honra”. Isto quer dizer, que pessoalmente, devemos repudiar aquelas coisas que promovem um auto prazer carnal, que, ao final de tudo, pode nos escravizar. Aqui estamos fazendo menção a um perigo que, às vezes, podemos estar vivendo: uma vida sexual particular, secreta e escravizante, que nos torna objeto de nosso próprio prazer. Mas a que estou me referindo?

Existem práticas que demonstram quando alguém não está sabendo possuir o seu próprio corpo. Uma delas é a masturbação (pois leva-nos à fantasia sexual) e também à pornografia (por meio

de revistas, vídeos, internet etc.). Essas práticas, além de viciarem, vão contaminando a mente a um ponto tal que o indivíduo pode se ver de repente dominado por fortes compulsões pervertidas. É preciso, irmãos, não andarmos conforme os rudimentos deste mundo nem mesmo sob o controle de nossas paixões. A esposa ou o esposo deve concentrar suas energias sexuais em benefício do seu cônjuge, e não fora desse círculo. O jovem deve pedir graça ao Senhor para que seja preservado das impurezas do mundo e no tempo de Deus, se casar com aquela que o Senhor mesmo preparou para ele. O fato é que ambos, solteiros ou casados, precisam estar prevenidos em relação à escravidão sexual e com as artimanhas do diabo em querer perverter essa área em nossa vida.

Fico impressionado, às vezes, com a quantidade de pornografia e sensualidade presentes em nossa nação. Não é à toa que somos considerados um dos países mais sexólatras em todo o mundo. Neste sentido, o Brasil é também um dos maiores exportadores de sexo pervertido para outros países, e isso é uma terrível realidade para nós. Tal coisa só reforça a ideia de que há sob o nosso território, fortes principados de perversão sexual, que estão contribuindo para que haja uma degradação constante do sexo. É preciso redobrar nosso cuidado, pois todos podemos ser vítimas em potencial desses espíritos caso nos descuidemos.

O mundo constantemente tem apelado para nós e tentado nos fazer imitar os seus padrões, mas a Igreja precisa ficar alerta e não se deixar moldar pelos valores deste século. O fato de termos ultimamente tantos líderes (inclusive muitos pastores) sendo enredados nas malhas do adultério, serve para nos alertar quanto a este perigo. Fomos chamados para fazer diferença! O apóstolo Paulo já havia nos advertido quanto a esta tarefa dos cristãos: *Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rm 12.1 e 2)*. Paulo está aqui mais uma vez suplicando que andemos conforme a vocação para a qual fomos chamados: sermos santos como o nosso Deus é santo!

Retomando as lições do texto da Primeira Epístola aos Tessalonicenses, no capítulo 4, podemos dizer, em terceiro lugar, que devemos respeitar os limites de nossa sexualidade assim como da outra pessoa com que estamos nos relacionando (namoro, noivado ou casamento). Após falar da prostituição, ou seja, da maneira errada de administrar o sexo, Paulo também nos ensinou: *ninguém ofenda nem defraude a seu irmão: porque o Senhor, contra todas estas cousas (...) é o vingador, porquanto Deus não nos chamou para a impureza e sim em santificação (vs. 6 e 7)*. A palavra “ofender”, em grego, é *iperbainein*, e pode ter os seguintes sentidos: “ir além”, “ultrapassar os limites”, “tirar o melhor que puder de alguém”. Ofender aqui quer dizer então “ultrapassar os limites tanto de nossa sexualidade como da pessoa com quem nos relacionamos”. Isto é pecado! A ofensa sempre vem em conjunto com a defraudação (*gr. pleonektein*) que tem o sentido de “querer mais”, “ter mais do que é devido”, “tentar ganhar egoisticamente”. Quando não sabemos controlar o nosso próprio corpo, mas o deixamos por conta da lascívia, corremos o risco de ofendernos e defraudarmos alguém. A nossa sexualidade tem um limite: o limite de Deus!

É claro que o Senhor quer que desfrutemos ao máximo o prazer que Ele mesmo nos proporcionou por meio sexo. Mas entenda bem: toda prática sexual prazerosa, fora do padrão do Criador, é escravizante, ofensiva e pode ferir profundamente a pessoa com quem nos relacionamos. Isto que estou dizendo serve tanto para os jovens solteiros como para os casados. No caso dos solteiros, é imprescindível que busquem a graça de Deus (e também vigiem) para que cultivem um namoro santo e sem manchas. É evidente que todos sabemos das dificuldades que o jovem possui para se manter ileso num relacionamento, ou seja, sem cometer qualquer deslize ou exagero no seu contato com aquele que pode ser seu futuro cônjuge. Mas dois ingredientes são fundamentais em um relacionamento de namoro, que vise o casamento, para se evitar as quedas: oração e vigilância. Quanto a isso Jesus já havia nos alertado: *“Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26.41)*. Já que a carne é fraca, só existem duas maneiras de policiar-nos: orando e

vigiando. É importante que o casal esteja constantemente em oração e meditação da Palavra, e também, é claro, que evite aquelas situações que podem fazer reviver as tentações da carne.

Não só o jovem solteiro pode ultrapassar seus limites em um relacionamento, mas também o casado. Como um pastor conselheiro, não são poucas as vezes que ouço de esposas que se sentem lesadas por seus maridos. É uma constante defraudação. Sem querer entrar aqui nos pormenores, pois não é meu objetivo neste livro, toda forma de ato sexual que se choca com os princípios do seu cônjuge, praticado somente para agradar ao outro ou movido por submissão imposta, pode ser ofensivo. O limite do outro precisa ser respeitado. O amor é altruísta e sempre procura não primeiramente a sua felicidade, mas a do outro. Qualquer pessoa movida por sua paixão egoísta, que não leva em consideração os princípios de Deus e também os do seu cônjuge, pode estar comprometendo profundamente seu casamento. Os limites foram criados para serem respeitados: primeiramente os de Deus, e depois os do seu esposo ou esposa. Em quarto e último lugar, levando em conta as considerações de Paulo aos Tessalonicenses, podemos dizer que, para Deus, o sexo é algo tão sagrado, e o nosso corpo igualmente, que Ele mesmo se coloca como o vingador sobre aqueles que quebrarem Seus princípios. Depois de falar do pecado que é ofender e defraudar alguém, alerta-nos Paulo: *porque o Senhor, contra todas estas cousas, como antes vos avisamos e testificamos claramente, é o vingador (v. 6)*. O próprio Deus, então, se encarregará de nos disciplinar caso não tratemos de honrar tanto o nosso corpo como também o da pessoa com quem podemos estar comprometidos. O apóstolo conclui sua mensagem, dizendo: *porquanto Deus não nos chamou para a impureza e sim para a santificação (v. 7)*.

Como o nosso Deus é tremendo! Ele nos criou com limites e nos deu toda orientação na Sua Palavra, para que vivêssemos sem qualquer prisão em nossa vida. Quem desobedecer os princípios estabelecidos nas Escrituras pode, além de tantas outras coisas, acabar preso sexualmente. Temos aconselhado muitos “prisioneiros sexuais do passado”, ou seja, pessoas que um dia mantiveram o ato sexual com alguém fora do casamento, mas apesar de os anos

terem se passado, nunca conseguiram livrar-se dessa pessoa, seja no pensamento ou nos sentimentos. É uma ligação estranha e misteriosa. Estão presos por um “laço de alma”. Veja o que Paulo disse aos Coríntios: *Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne (1Co 6.16)*. O sexo, então, é colocado aqui não apenas como um ato físico ou emocional, mas também “espiritual”, pois pode unir duas pessoas espiritualmente. É mesmo uma aliança! Por isso, deve ser praticado somente dentro do casamento e com a pessoa que Deus reservou para você, nunca fora dele.^[31]

Eu ministrava um seminário, juntamente com minha equipe, em uma igreja fora do meu Estado. Foi uma experiência muito interessante. Quando chegamos a uma parte onde levamos toda a igreja a confessar os pecados sexuais e, assim, também instruímos a todos que orassem verbalmente, renunciando e desligando se dos parceiros sexuais do passado (fazemos isso com muito sigilo, sem expor ninguém), de repente uma jovem começou a chorar muito. Um membro de minha equipe foi tentar ajudá-la e ela, após a oração, aparentemente mostrou sinais de melhora. Entretanto, quando chamamos as pessoas à frente para que fizéssemos uma oração geral por todos, percebi que essa jovem chorava copiosamente.

Chamei duas intercessoras e nos dirigimos sigilosamente até ela. Perguntei-lhe: “O que está havendo? Não está conseguindo orar?”, e ela me respondeu: “Eu estou presa a um ex-namorado que tive no meu passado, não consigo orar me desligando dele.” Então eu lhe disse: “Mas você sabe que essa ligação é prejudicial, está machucando muito e não levando-a a lugar algum.” “É verdade”, disse ela, “mas eu não consigo orar, eu não quero me desligar dele, apesar de saber que isso não vai me levar a qualquer lugar.” Ela continuou: “Eu entreguei minha alma a ele.” “Mas como?”, perguntei. “Fizemos um pacto. Disse-lhe que minha alma lhe pertencia, e ele também afirmou que sua alma me pertencia...”.

Ao ouvir o que Carine (este não é o nome verdadeiro) me dizia, percebi a gravidade do caso e que ela estava presa pelo diabo em sua alma. Havia um pacto entre ela e seu antigo parceiro. Pedi que

uma intercessora colocasse a mão em seu coração e então orei: “Pai, em nome de Jesus, eu quebro todo laço de alma e declaro expulsos todos os demônios do coração desta jovem. Pai, que o Senhor a liberte neste momento e traga sobre ela o teu bálsamo...”. Depois levei-a a repetir comigo outra oração: “Pai, em nome de Jesus, eu, Carine, quero declarar o meu desligamento e também renuncio quando disse que minha alma pertencia ao Vinícius (este não é seu nome verdadeiro). Em nome de Jesus, retomo minha alma e também libero a alma do Vinícius. Também peço perdão por ter mantido relações sexuais com ele...” A partir deste ponto, Carine foi tomada pelo Espírito Santo em sua oração. Ela caiu de joelhos e começou literalmente a gritar: “Senhor! Perdoa-me por ter entregue minha alma ao Vinícius. Perdoa-me, Senhor! A minha alma Te pertence. Eu sou Tua, Senhor. Eu quero servir-Te. Aleluia, aleluia!” Fiquei emocionado.

Carine foi tomada pelo poder de Deus e, de repente, ela se levantou, batendo palmas e pulando de alegria na presença do Senhor, completamente embriagada pelo Espírito Santo. Estava plenamente liberta. Todos começaram a glorificar o nome do Senhor e foram contagiados por aquela alegria. Ao final desse seminário, vários foram visitados e batizados com o Espírito Santo. Foi uma experiência tremenda!

Se você também possui qualquer ligação de alma com parceiros sexuais do passado, prossiga esta leitura. Mais adiante, darei algumas orientações para a sua completa libertação.

Heranças espirituais

“Este menino é igualzinho ao pai (ou à mãe!)” é o exemplo comum de uma frase popular que indica a observação que pessoas fazem quando há semelhança do comportamento de um filho em relação a seu pai ou mãe. São frequentes, às vezes, nossos questionamentos sobre porque há em nossa genealogia determinados problemas que se repetem misteriosamente. Parece mesmo que determinadas famílias possuem uma espécie de “ponto fraco”, ou seja, alguma coisa a que quase todos parecem estar sujeitos. Você já percebeu que em algumas é bastante frequente os casos de divórcio? Há pouco, ouvi de um senhor em um aconselhamento: “Na minha

família, são inúmeros os casos de separação e, infelizmente, no meu caso, já estou no terceiro casamento e também caminhando para o terceiro desenlace.”

Em outras famílias, o problema é o desregramento sexual, onde quase todos parecem ter sérias fragilidades nesta área. São inúmeros os casos de homens e mulheres casados com envolvimento extraconjugais, jovens ganhando a vida na prostituição, filhos mulhereiros, primos envolvidos sexualmente etc. Já há outras famílias onde parece haver sobre elas uma “síndrome de pobreza”, onde todos, praticamente, não conseguem nada na vida. Desde os tataravôs, o histórico de fracasso financeiro é o mesmo. E assim a maioria parece ter dificuldade para crescer na vida, tanto profissional como financeiramente.

Podemos citar também os casos de famílias assoladas por uma doença, onde a grande maioria se vê tragada ou afetada por ela. E, finalmente, para não alongar tanto a nossa lista, podemos lembrar aquelas linhagens marcadas pela violência. Tenho recebido nos meus aconselhamentos pessoas com um terrível histórico familiar de homicídios. É interessante que, em alguns casos, tenho descoberto ancestrais antiquíssimos que foram, quando vivos, senhores e senhoras de escravos. É comum também ouvirmos aquelas tradicionais frases: “Não mexa com os (sobrenome da família)”, onde entendemos que os que carregam tal sobrenome de uma estirpe sanguínea podem em potencial desenvolver uma personalidade violenta.

Ficamos a nos perguntar: “Como uma família pode iniciar este ciclo terrível de pecados que vai se transferindo de um para outro? Esta “lei da herança do mal” foi determinada pelo próprio Deus. Veja em Êxodo 20.5: *“porque eu sou o SENHOR teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem, e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.”* O fato é que os pais não só podem receber sobre si mesmos a influência dos seus atos, mas também doar às suas gerações “bons” ou “maus comportamentos”.

“Bênção” e “maldição” são termos bíblicos usados para descrever essa herança espiritual que os pais transferem aos filhos. Se

obedecermos, nossa linhagem será abençoada, mas, caso desobedeçamos, não somente nós, mas também nossos filhos sofrerão a consequência de nossos atos. A maldição, então, sempre tem como causa a quebra da lei de Deus. Agora, o que é uma maldição? No meu livro *Heranças do passado*, faço uma análise extensa dos diversos termos que aparecem nas Escrituras para descrever em que consiste uma maldição. Mas a expressão principal é *arar* (hebraico). Ela aparece, por exemplo, em Deuteronômio 27 e 28, quando, após Moisés falar das bênçãos advindas da obediência, passa também a relatar as maldições que podem vir sobre alguém que sai do caminho de Deus. Veja a passagem: *“Maldito serás tu na cidade, e maldito serás no campo. Maldito o teu cesto e a tua amassadeira. Maldito o fruto do teu ventre”* (Dt 28.16-18), e assim segue uma série de imprecizações.

A palavra “maldição” (*arar*), no seu sentido mais original, significa: “prender com encantamento, cercar com obstáculos, deixar sem forças para resistir”.^[32] Sua função específica seria “imobilizar o desenvolvimento de uma pessoa em uma ou mais áreas de sua vida”. Leia completamente o texto de Deuteronômio 28 e verá que uma maldição tem o poder de “fechar portas” e impedir que a pessoa progrida em seus caminhos. Usando os exemplos de casos citados anteriormente, podemos então dizer que ela pode interferir nos casamentos de uma família, nas finanças, na saúde, na sexualidade, etc. Se a maldição opera deste modo, a bênção divina faz exatamente o oposto.

“Bênção”, em hebraico, é *barak*. Em qualquer dicionário de Teologia, você poderá ver que os estudiosos são unânimes na definição desta palavra: bênção é o poder espiritual que Deus dá a alguém para prosperar, multiplicar, ser fecundo, crescer, ter longevidade etc. Tudo que tem a ver com “portas abertas” é sinônimo de bênção. Então ela faz prosperar as diferentes áreas de uma família: casamentos, finanças, trabalho, sexualidade, saúde e muitas outras.

Alguém exposto à bênção terá facilidade em fluir no que estiver fazendo, principalmente naquela área de sua vida onde a bênção o alcançou (cf. Dt 28.2). Mas quem estiver sob o jugo de uma maldição irá perceber com o tempo que quanto mais se esforça

mais vai caminhando para trás. Se a maldição foi estabelecida pelo próprio Deus, qual seria a sua função? Ela é um alerta quanto ao pecado. Por meio da maldição, Deus está denunciando que nossa aliança com Ele foi quebrada, seja por nós ou por algum de nossos antepassados. É preciso, então, que confessemos o pecado. Será necessário fechar a ferida que se abriu no coração de Deus, devido à iniquidade que tem acompanhado nossas gerações. A Bíblia ordena que confessemos não apenas os nossos erros, mas também as iniquidades de nossos pais. Veja duas passagens:

Aqueles que dentre vós ficarem serão consumidos pela sua iniquidade nas terras dos vossos inimigos e pela iniquidade de seus pais com eles serão consumidos. Mas, se confessarem a sua iniquidade e a iniquidade de de seus pais, na infidelidade que cometeram contra mim (...) então, me lembrarei da minha aliança com Jacó (...) e da terra me lembrarei. (Lv 26.39,40 e 42)

No dia vinte e quatro deste mês, se ajuntaram os filhos de Israel com jejum e pano de saco e traziam terra sobre si. Os da linhagem de Israel se apartaram de todos os estranhos, puseram-se em pé e fizeram confissão dos seus pecados e das iniquidades de seus pais. (Ne 9.1 e 2)

Concluindo, aqui está mais um problema relativo à esfera espiritual que muitas vezes pode ser confundido com algo psicológico ou físico. Embora seja importante saber que podemos também aprender comportamentos dos pais (e isto é evidente), há como foi exposto, um princípio espiritual que pode instalar-se sobre alguém e transferir-se para as gerações seguintes: o princípio da bênção e da maldição. Embora seja verdade que Cristo levou sobre si nossas maldições, segundo Gálatas 3.13, será importante orarmos apropriando-nos desta maravilhosa promessa alcançada na cruz! Adiante, mostrarei como isso pode ser feito.^[33]

5 Curando o físico, o psicológico e o espiritual

Como este é o último capítulo, gostaria de fornecer a você algumas orientações bíblicas para resolver dificuldades advindas do físico, do psicológico ou do espiritual.

O ser humano é muito complexo, e veremos que somente com a direção do Espírito Santo conseguiremos a solução de nossas dificuldades e também das pessoas que buscam auxílio. Muito embora seja importante lembrar as palavras de Larry Crabb no seu livro *De dentro para fora*: “Felicidade total e completa só no Céu!”^[34] Temos de ter consciência de que nossos problemas e dificuldades ainda podem persistir em algumas situações, pois ainda estamos em um corpo frágil e suscetível ao pecado. As pessoas também são imperfeitas, e o nosso mundo também o é. Assim sendo, somente quando alcançarmos a plena maturidade e perfeição, como criaturas, é que poderemos ficar totalmente livres das aflições diversas. Isto, é claro, dará-se apenas no Céu. O próprio Jesus nos alertou: “*No mundo tereis aflições*” (Jo 16.33). Ser evangélico, crente em Jesus, não nos livra de dificuldades. Quem vive ansiando que o Céu seja aqui, comporta-se como aqueles judeus da época de Jesus, que esperavam que o Reino de Deus se manifestasse aqui na Terra!

Se não podemos ficar livres de tudo que nos aflige, precisamos ter a convicção de que temos o nosso Deus, que está pronto a nos capacitar para enfrentar cada situação difícil. É evidente que não deveríamos estar mais carregando muitos pesos que ainda persistem em nossas vidas. Na cruz, o nosso Senhor levou sobre Ele nossos pecados, doenças, traumas, humilhações e maldições. Tais coisas não devemos levar mais. Ele, Jesus, é o “homem de dores”, capaz de tirar toda dor de nossas vidas. Só Nele devemos confiar e buscar respostas e soluções. É preciso que iniciemos nossa reflexão enfatizando a base a partir da qual todos os problemas têm sua solução: a cruz de Cristo. Se Jesus não tivesse morrido por nós, levado os nossos pecados, sofrido todas aquelas

humilhações e também levado todas as nossas maldições, seria inútil qualquer tentativa que visasse sarar o homem na sua totalidade. O profeta Isaías escreveu: *Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados (53.4 e 5).*

Inicie a leitura deste capítulo orando: “Senhor, por misericórdia, que eu seja instruído por Ti e conduzido 1em uma cura para a minha vida. Dá-me entendimento da Tua Palavra. Capacita-me com Teu poder e unção para que eu possa também sarar os doentes e libertar os cativos do diabo. Em nome de Jesus, amém!”

Curando o Físico

No capítulo onde abordei os problemas do físico, fiz uma separação entre carne (*gr. sarx*) e corpo (*gr. soma*). A palavra “carne” é comumente usada na Bíblia para descrever a natureza humana decaída, e isso desde o Éden. Já a palavra “corpo” faz referência ao nosso “corpo literal”, ou seja, nossa parte material. Em relação a ambos, podemos sofrer algum problema. O que fazer? Vejamos:

Oração de Apropriação

No caso das enfermidades físicas, nossa primeira tarefa é orar. Precisamos partir do princípio de que o Senhor deseja curar-nos, pois para isso foi que Ele levou sobre si nossas doenças e enfermidades. *Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre Si (...), e pelas Suas pisaduras fomos sarados (Is 53.4 e 5).* Esta profecia foi tão real e interpretada também de modo literal, que Cristo levou mesmo nossas enfermidades físicas (e não apenas espirituais), que nos Evangelhos, após Jesus curar uma série de enfermos e doenças, foi dito sobre Ele: *para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: “Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças” (Mt 8.17).* Aqui a passagem é clara: Jesus pode curar todas as enfermidades físicas.

Uma coisa surpreendente é que todas as pessoas que se chegaram a Jesus enfermas saíram curadas. Bastava que pedissem com fé e coração quebrantado que Ele as curava. O que Jesus não admitia era incredulidade e dureza interior. Em alguns lugares, Ele nada pôde fazer, devido à incredulidade do povo, e sabe de onde era esse povo? Da sua própria terra. Que coisa impressionante! Este era um grande problema. As pessoas de outras regiões, que não tinham profundos conhecimentos sobre Jesus, ao ouvirem do Seu poder e graça, logo rendiam-se quebrantadas aos Seus pés e eram curadas. Mas os que tiveram maior dificuldade em crer foram exatamente os que mais o conheceram: o povo de sua própria terra (cf. Marcos 6.1-6). É importante ressaltar que isso, às vezes, pode ocorrer conosco. Deparamo-nos constantemente com pessoas que vêm uma única vez na igreja e saem curadas de um problema que já estava sem solução. Mas, às vezes, nós, que conhecemos Jesus e nos acostumamos com Ele (assim como aquele povo), passamos a não nos impressionar tanto com o seu poder. Tornamo-nos incrédulos. Basta olharmos para as nossas igrejas (e também para nós). Às vezes, os mais antigos são os que menos fé possuem. É preciso, então, que cuidemos disso. Precisamos viver em novidade de vida, como nos ordena a Palavra de Deus!

O escritor da Epístola aos Hebreus nos ensina: *Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre (13.8)*. Ele continua operando milagres e curas em qualquer tempo e em qualquer época. Assim, vamos orar e pedir a cura do Senhor. Assim como Jesus curou a tantos, conforme descrito nas páginas dos Evangelhos, Ele também pode nos curar.

Alguém Orando por Nós

Deus tem diversas maneiras de atuar em nossa vida. No caso de doenças e enfermidades, Ele tanto pode usar nossa oração como também a oração de outra pessoa. Veja o que diz Tiago: *Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração. Está alguém alegre? Cante louvores. Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo,*

e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados (5.13-15). Na ordem de Tiago, ao enfrentarmos algum sofrimento, nossa primeira atitude deveria ser trancarmos a porta do nosso quarto e falarmos com Deus. Em segundo plano (e somente após orarmos pessoalmente a Deus), deveríamos buscar a ajuda de alguém que ministre sobre a nossa vida. O grande problema é que, às vezes, não nos acostumamos a andar na nossa fé, e assim, porque não temos buscado a face de Deus logo ao chegar o problema, corremos para o irmão mais próximo e dizemos: “Por favor, ore por mim.” Deus quer que primeiro O busquemos pessoalmente, para depois, então, pedirmos a alguém para orar por nós.

Depois de orarmos pela cura de uma enfermidade física e não virmos nenhum resultado, talvez Deus use alguém para ministrar em nossa vida. Busque então a direção do Senhor neste sentido.

Deus Pode Usar um Médico?

Um testemunho que muito me edificou foi o de um missionário africano que veio ao Brasil a convite de algumas igrejas brasileiras. Ele pertencia à Missão Kwa Sizabantu, na África do Sul, liderada por Erlo Stegen, um grande servo de Deus e poderoso instrumento no avivamento em seu país. Já por várias décadas Deus tem visitado a comunidade de Erlo Stegen com um grande avivamento e ele mesmo escreveu um livro, intitulado *Reavivamento na África do Sul*,^[35] no qual relata o modo como se deu a descida do Espírito Santo.

Esse missionário descreveu o que acontece em uma igreja e também na cidade quando Deus vem ao encontro dela. Foi uma palavra tremenda. Após seu testemunho, foi aberto um espaço para perguntas, e dentre as muitas que foram feitas um irmão quis saber sobre a cura de enfermidades e se lá também (onde estava havendo o avivamento), no caso de um cristão adoecer, eles apenas oravam ou também indicavam que se tomassem medicamentos. O missionário respondeu dando um relatório de algo que havia acontecido recentemente. Foram trazidas de outro país duas pessoas enfermas para que orassem. A primeira era um senhor de idade avançada, e a outra apenas uma criança. Ambos estavam com enfermidade fatal. Eles oraram pela criança e pelo senhor, e

imagine o resultado. O missionário disse: “A criança veio a falecer, mas a pessoa idosa foi completamente curada.” Isso pode aparentemente expressar uma grande incoerência, ou seja, poderíamos questionar: “Por que Deus não preservou a criança, que poderia ter toda uma vida pela frente, e levado a pessoa idosa, que já havia praticamente completado todos os seus anos?” Infelizmente, não sabemos. Só há uma resposta: a soberania de Deus. Ele está no controle de tudo, e se quisermos ao menos questioná-Lo, vale lembrar a palavra do apóstolo:

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro lhe deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as cousas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém. (Rm 11.33-36)

Respondendo à segunda pergunta, sobre o caso de algum cristão estar enfermo, se apenas orariam ou também consultariam um médico e assim tomariam remédio, disse: “Primeiro nós oramos crendo na cura que o Senhor pode operar. Agora, pode ser também que Deus decida operar por meio da medicação, e, assim, pegamos o remédio e oramos: ‘Pai, em nome de Jesus, eu oro abençoando este remédio e que ele possa trazer cura completa para minha vida, amém!’ Então tomamos o remédio.” Fica aqui, então, um conselho cheio de sabedoria e prudência.

Agora, evidentemente, sabemos que em muitas situações a intervenção profissional será necessária. Há casos em que somente o médico estará apto para orientar e determinar o tratamento adequado. No meu entendimento, o conhecimento que a medicina já alcançou do funcionamento do organismo humano é tão-somente o entendimento daquilo que Deus mesmo criou. O livro de Provérbios diz: *A glória de Deus é encobrir as cousas, mas a glória dos reis é esquadrihá-las (25.2)*. O que é a ciência senão a atividade de perscrutar o modo de funcionamento de tudo aquilo que

Deus maravilhosamente criou? Deus, então, usará tudo para Sua glória!

A Enfermidade Não Estaria em Sua Alma?

Uma descoberta que tem revolucionado os tratamentos médicos é que grande parte das enfermidades físicas possui origem em problemas não resolvidos em nossa alma. No seu Dicionário de psiquiatria, Robert J. Campbell afirma que “nenhuma doença física é inteiramente livre de influência psíquica, assim como até nos mais puros distúrbios psíquicos existem fatores orgânico-constitucionais”.^[36] Segundo Campbell, este dualismo entre alma e corpo não deveria existir, pois o ser humano é um todo indivisível. Quando uma esfera se vê afetada, as outras automaticamente sofrem as consequências. Aquelas doenças físicas com origem nas emoções humanas são denominadas *psicossomáticas*.

O fato é que uma informação como essa pode até mudar a maneira de orarmos. Podemos estar pedindo que o Senhor cure uma doença física, quando na verdade o problema da pessoa está na alma. Pode ser que sua enfermidade seja fruto de uma mágoa, de uma rejeição, ansiedade, culpa, sentimentos de vingança, medo e tantos outros. Nossa oração deve buscar do Espírito Santo uma orientação sobre a origem do mal que tem afligido as pessoas que nos procuram. Isso pode ser determinante. Um caso que muito me impactou foi contado pelo Pastor Jeshar Cardoso, presidente da Missão Evangélica Shekinah, um ministério interdenominacional muito abençoado, sediado em São Paulo. Veja sua experiência:

“Um fato que marcou para mim esta verdade (de que enfermidades físicas podem ter origem na alma) foi quando me pediram para orar, em Alphaville, São Paulo, por uma mulher que estava com câncer no útero. Era uma senhora de certa idade. Ao iniciar a conversa com ela, para saber se Jesus era o Senhor de sua vida, o Espírito Santo falou-me claramente que sua enfermidade era resultante de uma amargura. Conversei abertamente com relação a esta revelação, e entre lágrimas ela confessou estar profundamente magoada com sua filha casada,

devido a problemas que até humanamente falando teriam suas razões. Todavia ministrei a Palavra, onde Jesus ordena o perdão para nos livrarmos dos verdugos. Ela aceitou, e ajudei-a a orar em voz alta para que Satanás escutasse, e ela pôde então liberar 162 | o perdão para sua filha e, ainda mais, abençoá-la. Uma semana depois, recebi uma ligação telefônica a respeito dessa senhora. Tinha ido ao médico e não havia mais câncer.”^[37]

O Pastor Jeshar conclui seu relatório, dizendo:

“Deus quer curar a *causa* e não o *efeito*.”

Lidando com a carne

Aqui, neste ponto, eu não gostaria de delongar-me tanto, pois de alguma maneira já falei sobre como vencer a carne, no capítulo 3, onde este tema foi discutido. Mas gostaria apenas de propor uma estratégia que pode ser fundamental e talvez única, isto é, para aqueles cristãos que desejam viver vitoriosamente sobre a carne. Sem o que vou apontar aqui é impossível vencer este inimigo que tão intimamente nos espreita. Mas como vencer a carne? Só há uma maneira: ser cheio do Espírito Santo. É evidente que temos um número enorme de cristãos carnis dentro das igrejas, e, se não vigiarmos, o nosso nome pode ser o próximo da lista. As Escrituras nos advertem: “*Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia*” (1Co 10.12). Então, antes de apontar o dedo para alguém e dizer “Seu terrível pecador, sempre soube que não prestava!”, olhe para você mesmo e diga: “Senhor, tem misericórdia de mim, pois, se eu não vigiar, posso ser o próximo. Sustente-me Senhor, por Tua graça e misericórdia.”

O cristão só permanecerá de pé frente ao pecado caso esteja cheio de Deus, caso contrário nada adiantará. Não adianta ser um crente nominal, ir à igreja, ser batizado, ter cargos importantes, estar integrado na igreja há anos etc. Nada disso vai fazer com que tenha força sobre o pecado ou o diabo. *Se vivermos no Espírito, diz Paulo, jamais (satisfaremos) a concupiscência da carne (Gl 5.16)*. Mas, caso não andemos no Espírito, automaticamente começaremos a

andar na carne, ou você acha que existe meio-termo? É possível andar no Espírito e na carne ao mesmo tempo? De fato, não. O que acontece com o cristão que inicia a caminhar na carne? Veja o que diz Jesus: *todo o que comete pecado é escravo do pecado (Jo 8.34)*. Jesus, então, é claro: se você se sujeitar ao pecado, caso continue assim se tornará seu escravo. O pecado é um senhor cruel! Você pode sair lesado.

Agora, você já se perguntou por que Jesus venceu o pecado, nunca se sujeitando a ele? Já também pensou por que Satanás nunca conseguiu sequer atingi-lo em qualquer área de sua vida? Há um segredo nisto? Ser cheio do Espírito. Veja, por exemplo, em Lucas 4, quando ali nos é descrito o episódio da tentação. Diz a Bíblia que Jesus foi guiado pelo Espírito ao deserto *durante quarenta dias, sendo tentado pelo diabo (v. 2)*. Agora, qual foi o segredo para vencer a tentação? A resposta está no versículo 1: *Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi guiado pelo mesmo Espírito, no deserto*.

Mesmo o Filho de Deus não foi de qualquer maneira para o deserto a fim de guerrear contra o diabo. Ele estava cheio do Espírito. Isto foi fundamental para que obtivesse vitória. É interessante também o texto dizer “voltou do Jordão”, ou seja, após a experiência do Jordão, Jesus tornou-se pleno do Espírito. Mas o que ocorreu lá? Naquele lugar, Jesus Se humilhou. João Batista diz a Ele: *“Longe de mim isto! Eu é que preciso ser batizado por ti!”* Mas Jesus responde: *“Deixa por enquanto, porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3.15)*. Outra coisa: o Jordão não era dos melhores rios da época, e foi por isso que Naamã, o general leproso, relutou em entrar nele. Sua água era também barrenta. O fato é que, após passar pelo Jordão, o Espírito Santo veio sobre Jesus, enchendo-o completamente. Ele demonstrou verdadeira humildade.

Creio ser o desejo de Deus que algumas vezes “entremos no Jordão”. A palavra “Jordão”, em sua origem, significa: “decaimento”, “aquele que desce”. “Passar pelo Jordão” significa ter nosso eu crucificado, morto, completamente dissipado. Moisés quis ver a glória de Deus, mas veja o que o Senhor lhe disse: *“porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá” (Ex 33.20)*. Em outras

palavras, se quisermos mesmo progredir almejando contemplar a face de Deus, teremos de morrer. Será preciso descer ao Jordão, e, muitas vezes, já sabemos qual é o nosso. Quando o grande general sírio Naamã quis ser curado de sua lepra, a ordem do profeta foi: Desça ao Jordão! Naamã ficou indignado, pois na época havia tantos rios muito mais belos, em que podia banhar-se, para ser curado de sua lepra. Mas não! A ordem foi: Desça ao Jordão! Humilhe-se diante de Deus, só assim você será curado de sua chaga!

Jesus mostrou completa humildade em ir ao Jordão e lá se sujeitar à autoridade de João Batista para batizá-lo. Jesus reconhecia o princípio de autoridade. Depois disso, foi cheio do Espírito Santo. Em muitas outras passagens, vemos a plena sujeição do Filho ao Pai. Foi Jesus mesmo que disse: *“A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra”* (Jo 4.34). Se conseguirmos, da mesma maneira, nos sujeitar ao nosso Deus em humildade e submissão, teremos grandes vitórias sobre nossa carne. A oração também é fundamental. Foi o próprio Jesus que nos ensinou: *“Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca”* (Mt 26.41). Nossa súplica será uma maneira de nos fortalecermos diante das lutas. Agora, caso não equipemos o nosso espírito, automaticamente daremos ocasião à carne. Por isso é preciso renovar o nosso espírito dia a dia, por meio da oração, para que possamos, no poder de Deus, vencer todas as lutas e ciladas do diabo.

Finalizando, vai uma dica: ao invés de no início de todos os anos fazermos uma série de votos e promessas ao Senhor (“Vou deixar de fazer isso ou aquilo... serei dessa forma etc.”), comprometamo-nos com uma vida de oração. Vamos fortalecer-nos em Deus e na força do Seu poder. Tomemos toda a armadura de Deus, pois somente assim permaneceremos inabaláveis. É importante também meditarmos na Palavra de Deus e tirarmos um tempo diário para sermos edificadas por ela. Desta forma, seremos santificados. Se Jesus, cheio do Espírito, conforme disse Lucas, venceu todas as astutas ciladas do diabo, nós também poderemos igualmente viver uma vida vitoriosa na presença do Senhor. Avancemos então!

Curando o Psicológico

Dentre os problemas psicológicos abordados, mencionei, em síntese, as desordens psíquicas, os temperamentos descontrolados, o efeito das drogas e dos narcóticos em geral e também os traumas emocionais advindos de um passado demasiadamente sofrido e problemático. De maneira indireta, estive abordando nesses tópicos formas de lidar com cada um desses problemas, mas convém aqui fazer algumas recordações. Em relação aos diferentes distúrbios da mente, seria sábio de nossa parte (salvo algumas exceções) encaminhar a pessoa a um profissional da área psicológica ou psiquiátrica, de preferência um cristão. Alguém que entenda a dinâmica de uma mente adoecida, e assim possua meios terapêuticos e medicamentosos para o tratamento, pode em muito ajudar. Em relação aos temperamentos descontrolados, o caminho a seguir é o da santificação, onde o Espírito Santo vai estar dia após dia imprimindo em nós o caráter de Cristo. Em algumas situações, será necessário também, sobretudo quando há cristãos com fortes problemas no caráter, um forte acompanhamento pastoral. O fundamental é que a pessoa queira se ajudar e também ser ajudada. Um coração quebrantado, já dizia Davi, Deus não despreza!

Nos casos de pessoas com problemas de alcoolismo e drogas, um simples acompanhamento espiritual pode ser suficiente ou, às vezes, não. É claro que alguém com essas dificuldades terá também de ser assistido em área de libertação, assunto que abordarei mais adiante. Mas uma coisa que tem se mostrado fundamental são as casas de recuperação, sustentadas por diversas igrejas, onde obreiros cristãos se voluntariam para ajudar pessoas dependentes do álcool e das drogas. Os testemunhos de libertação e restauração têm sido inéditos. Além disso, o auxílio médico nesses casos pode ser fundamental. O pastor que assiste sua igreja deverá ter discernimento suficiente para saber como proceder nessas situações e se estará encaminhando tais pessoas para uma ajuda especializada.

Abordei rapidamente esses itens por julgar mais necessário uma reflexão sobre como poderíamos utilizar um aconselhamento voltado para a cura interior. Tratar eficazmente as feridas

emocionais das pessoas que vêm até nós pode ser de extrema importância. Aliás, se pensarmos mais comedidamente, veremos que, na maioria das vezes, são esses elementos emocionais nocivos e mal resolvidos dentro de nós que podem ser os grandes causadores dos males já citados: distúrbios psicológicos, temperamentos mal-ajustados, dependência de drogas, álcool etc. Embora aqui não seja meu objetivo aprofundar o assunto, pois para isso teria de escrever uma obra só sobre o tema da cura interior, mencionarei de modo sucinto algumas técnicas que têm-se mostrado eficazes no processo de ajudar pessoas a serem curadas em suas emoções.

Em síntese, dentro de minha visão, essas técnicas estão condensadas em duas, segundo nos informa Tiago: *Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia a súplica do justo (5.16)*. São elas: a confissão e a oração. Se soubermos explorar a confissão de uma pessoa que vem a nós em busca de ajuda e, igualmente, soubermos conduzi-la a um processo especial de oração, pedindo a cura do Senhor, acredito que teremos grandes resultados. Se em algum ponto do aconselhamento erramos, é porque exploramos demais a confissão e não sabemos como orar corretamente ou enfatizamos demais a oração, mas, em contrapartida, não paramos para ouvir adequadamente a pessoa nem mesmo a sua dor. Na minha observação, é geralmente isso que tem acontecido: os conselheiros de cura interior acabam incorrendo em um destes extremos. Ou tornam-se demasiadamente técnicos (e pouco espirituais) ou demasiadamente espirituais, sem, contudo, utilizar qualquer recurso técnico. Estes extremos não são bons. Vamos, então, dar uma rápida olhada nestes princípios de cura interior.

Ouçá a pessoa

No cumprimento da palavra de Tiago, quando alguém vem em busca de cura, ela deve confessar. Agora, como confessará se não conseguimos, às vezes, sequer ouvi-la? Precisamos aprender que aconselhamento não é a arte de falar, mas de ouvir. Escutar é fundamental. É importante saber que quando alguém vem a nós

procurando resolver seus conflitos ou obter cura para suas feridas emocionais, anteriormente, o que mais escutou quando solicitou ajuda foram os mais diferentes “conselhos”, em que alguns ajudadores (muitos apenas irmãos da igreja) quiseram resolver suas dificuldades por meio de simples palavras: “Faça isso ou aquilo... ou então tente mais essa alternativa etc.” É evidente que muitas dessas orientações partiram do coração de Deus para uma situação específica que a pessoa estava vivendo, e isso serviu de bálsamo para sua alma. No entanto, é preciso entender que em um aconselhamento, há uma forte necessidade de nós, como ajudadores, calarmo-nos e deixarmos a pessoa aconselhada colocar para fora todo o lixo interior que ainda carrega. O processo de cura interior tem seu início quando apenas ouvimos. Podemos afirmar, pelo menos inicialmente, que a maior necessidade que alguém possui quando busca aconselhamento é a de ser ouvido. Assim, exercitemos nossos ouvidos, pois, enquanto nos calamos, podemos ouvir a Deus e também a dor de quem nos solicita ajuda. O interessante também é que quando alguém fala está ao mesmo tempo *escutando a si mesmo* e, conseqüentemente, *conhecendo-se melhor*. O ato de ouvir, por parte do conselheiro, permite, por si só, que a pessoa assistida tenha uma maior compreensão dos seus dilemas e conflitos existenciais e, assim, consiga resolvê-los adequadamente. O ajudador maduro conduzirá seu cliente a tomar suas próprias decisões com base na sua própria realidade e na vontade de Deus para sua vida. Aqui, então, o conselheiro é apenas um *facilitador*. Falando sobre este mesmo assunto, veja o que Gary R. Collins diz no seu livro *Aconselhamento cristão*:

“É fácil ignorar tudo isto e escorregar rapidamente para a oferta de conselhos e falação excessiva. Isto impede o aconselhado de expressar realmente suas mágoas, esclarecer um problema por meio de conversa, partilhar todos os detalhes de uma questão ou experimentar o alívio que vem com o desabafo. Os conselheiros que falam muito podem dar bons conselhos, mas estes raramente são ouvidos e terão menos probabilidade de serem seguidos. Em tais situações, o conselheiro sente que não foi compreendido. Em contraste,

ouvir é um momento de dizer-lhe ‘Eu me interesso’. Quando não ouvimos, mas aconselhamos falando, esta é com frequência uma expressão da própria insegurança do conselheiro ou de sua incapacidade para tratar de situações ambíguas, ameaçadoras ou emocionais.”^[38]

Lembro-me de ter atendido uma jovem chamada Cláudia (este não é o nome verdadeiro). Ela estava ansiosa. Passou todo o tempo do aconselhamento discutindo e falando assuntos dos mais diversos. No entanto, o que Cláudia precisava dizer, não conseguiu. Quando venceu o seu horário, levantou-se para sair. Mas, de repente, voltou para a cadeira e me disse: “Alcione, eu preciso ainda lhe contar algo. Não estou conseguindo. É muito difícil falar disso...” Percebi que sua voz ficou trêmula, seus olhos lacrimejaram, e então começou a despejar uma série de palavras carregadas dos mais profundos sentimentos de tristeza, culpa e raiva de si mesma. Seu problema foi que, no passado, engravidou de um namorado, e por causa disso tomou medicações abortivas. Este fato levou-a a ter um segundo problema: devido às complicações, além de perder seu filho, ficou também lesada no seu útero e por isso, a partir de daí, não poderia mais ter filhos. A vida de Cláudia tornou-se um caos.

A culpa e a dor passaram a acompanhá-la desde essa época. Era um terrível fardo que pensou que carregaria pelo resto de sua vida. Imaginava que homem algum iria querê-la. Cláudia contou-me, inclusive, que se relacionou com um rapaz, e quando ela precisou confessar-lhe que não poderia ter filhos, foi traumatizante. Ele terminou o relacionamento.

Depois de Cláudia ter colocado para fora sua confissão, orei com ela pedindo o toque curador do Espírito Santo e percebi que ela saiu da minha sala muito mais aliviada. Acredite você que, além da oração, apenas esse desabafo foi suficiente para livrá-la do veneno que trazia guardado em sua alma. Disse-me dias depois que não seria necessário marcar mais sessões, pois se sentia completamente livre do seu trauma. Não demorou muito para que adiante encontrasse alguém de quem gostasse, e então se casou. Deus foi mesmo gracioso com essa jovem. Este caso pode ilustrar a importância do ouvir no momento do aconselhamento.

Faça as perguntas certas

A primeira coisa que devemos sondar na vida da pessoa que nos procura é o *motivo* que a trouxe. Ou seja, por que ela veio procurar ajuda? Quais as razões? O que gostaria que fosse resolvido? A partir das respostas, estabelecemos as queixas centrais e também nosso aconselhamento ganhará *direção*. Se for o caso de uma depressão, por exemplo, estaremos em busca dos fatores psicológicos subjacentes a tal quadro. Seja qual for o problema apresentado, é importante que saibamos de sua existência, e assim estaremos empenhando meios para saná-lo.

Podemos também, à medida que a pessoa vai falando e colocando para fora suas dores, tristezas e lembranças penosas, fazer algumas intervenções por meio de perguntas específicas. Essas perguntas objetivam aprofundar a confissão, pois poderá ser por meio delas que a pessoa ajudada conseguirá colocar para fora toda a emoção negativa que esteja enterrada. Por exemplo, após relatar algum fato penoso de sua história, podemos indagá-la: “O que esse fato representou para você?” Vamos imaginar que a pessoa esteja falando da morte do seu pai que tanto amava. Inicialmente, devemos permitir que ela fale desse episódio sem qualquer impedimento. Após certo período, podemos perguntar: “Diga-me o que a perda do seu pai representou para você?” Ouça ela vai dizer. Depois, podemos também indagar: “O que você sente enquanto fala de seu pai? (Escute) Isto a faz querer algo agora? (Escute) O que sentiu na época?” (Escute) Embora não tenhamos a total consciência, tais perguntas são profundamente terapêuticas e fazem um grande rebuliço no íntimo da pessoa ajudada. O lixo na alma está começando a ser retirado.

O objetivo principal de fazermos essas intervenções em momentos específicos da fala do aconselhado é de justamente permitir que ele tenha um contato mais estreito com suas emoções. Muitas pessoas tendem a tocar em determinados assuntos, e o fazem apenas com a razão, mas nunca com o coração. Isto porque nós, seres humanos, por natureza, procuramos evitar a dor. Falar com o coração dói. Por isso é mais conveniente reproduzir um discurso ou uma fala meramente racional sem qualquer emoção. Ninguém gosta mesmo de sentir dor. O problema é que tal atitude

impede-nos de liberar emoções adoecidas e de receber o toque curador do Espírito Santo.

Já presenciei pessoas contando casos e experiências das mais dramáticas, sem, no entanto, derramarem uma só lágrima. Alguns até riem, é impressionante. Mesmo que não tenham ciência disso, estão se protegendo daqueles sentimentos doloridos guardados em áreas de sua memória. É importante que aprendamos algo: são justamente essas lembranças de episódios ruins que ainda guardamos que podem estar atrapalhando o nosso desenvolvimento psicológico e impedindo de sermos pessoas maduras e sadias.

Esses problemas da alma são como pedras em nosso caminho, e nelas muitas vezes temos tropeçado. Acredito que no processo de cura interior o que o Espírito Santo faz é trazer esse conteúdo emocional adoecido à tona (mágoas, ira, culpa, vingança, medo etc.) por meio da confissão e da oração, para que seja expurgado do nosso coração. Esse processo é semelhante ao que acontece numa cirurgia, onde se retira um tumor que estava impedindo o bom funcionamento de um órgão. Este tumor pode ser comparado a uma lembrança dolorosa ou a um sentimento negativo, já guardado por muitos anos no íntimo de alguém.

Assim sendo, quando perguntamos “O que você sente neste exato momento enquanto fala sobre isso?”, ou então “O que esse fato representa para você?”, inicia-se um processo de retirada das emoções dolorosas presas à alma. É de suma importância que o conselheiro aprenda habilidades no ato de fazer essas intervenções.

Trabalhe por áreas

Nas entrevistas iniciais, geralmente a pessoa está tão aflita que não tem muito controle no conteúdo ou na ordem de sua confissão. Ao mesmo tempo em que está falando do pai, já passa para o filho, depois para a esposa, e assim, no final, ninguém mais sabe onde tudo vai parar. No começo do trabalho, é normal que isso aconteça, pois muita coisa ruim pode já estar guardada há anos ou décadas. Numa simples oportunidade de se expor, a pessoa procurará despejar tudo para fora de uma só vez. Sua confissão, então, poderá tornar-se bem desordenada.

Será necessário, no entanto, à medida que damos prosseguimento ao tratamento do caso, que tenhamos o hábito de delimitar as áreas de trabalho em cada sessão. Em vez de deixar a pessoa ir falando sem qualquer freio, devemos estabelecer algumas direções. Por exemplo, podemos propor: “Hoje vamos conversar sobre o seu relacionamento com o seu pai.” Aí, então, discutiremos como foi a infância ao lado do pai, o envolvimento, a amizade, os pontos positivos, negativos, enfim, tudo que diz respeito à figura paterna. Após aplicarmos todos os passos necessários para a cura da pessoa em relação ao pai (caso seja necessário, é claro), estaremos explorando outra área de sua vida: o relacionamento com a mãe, os irmãos, traumas conjugais, vida escolar, culpa, mágoas etc. Dentro desta linha de aconselhamento, estaremos trabalhando o indivíduo área por área, até que finalmente consigamos restaurá-lo por completo.

Em psicoterapia, sobretudo na terapia da Gestalt, procura-se também fechar cada porta. É como se houvesse em nossa vida círculos abertos que necessitam ser concluídos ou fechados. Aqui podemos nos referir a uma mágoa não perdoada, uma perda não assumida ou superada, um sentimento de rejeição que já carregamos há anos ou, quem sabe, uma lembrança passada que não suportamos nem mesmo mencioná-la. O acúmulo dessas situações inacabadas vai contribuindo para a formação de paredes que se erguem ao redor de nosso coração.

Falar com e não falar de

Você também já deve ter percebido que, nos aconselhamentos, as pessoas que vêm buscar ajuda sempre falam dos seus ofensores, dos seus familiares e de todos em geral de modo indireto, ou seja, na terceira pessoa. Isso naturalmente é o que deve acontecer, pois aqueles de quem comentam geralmente não se encontram presentes no aconselhamento. Então o discurso normalmente é este: “Meu pai abusou de mim, me feriu”, “Meu namorado um dia me traiu; eu não consigo perdoá-lo”, “Meu esposo me humilhou na frente dos amigos” etc. Apesar do grau da dificuldade, sobretudo quando falar de pessoas significativas traz forte dor emocional, o indivíduo ajudado geralmente consegue

colocar para fora suas reclamações e insatisfações. Mas em minha experiência passei a constatar algo: parece que o problema de alguém que foi ferido por outro, na maioria das vezes, só poderá ser completamente resolvido a partir do momento em que puder verbalizar toda sua dor diretamente àquele que o ofendeu.

Este princípio nos foi ensinado por Jesus em Mateus 18.15-17: *“Se teu irmão pecar (contra ti), vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste o teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano.”* Veja o que nos foi ensinado pelo Senhor: se você tem uma queixa contra alguém, se está ferido ou machucado, vá até essa pessoa e converse com ela. Acerte a situação, perdoe, e seja perdoado. Entretanto, precisamos ser sinceros em reconhecer que na maioria das vezes o que acontece conosco é que nos achamos falando para amigos ou irmãos daqueles que nos feriram, sem, no entanto, ter ido diretamente àquele que nos ofendeu ou magoou. Dependendo do modo como desabafamos, é natural que isto nos ajude por algum tempo, mas parece não arrancar o mal pela raiz. Ao invés de *falar de*, como diz o enunciado, é preciso *falar com*, ou seja, diretamente com aquele que nos feriu, assim como nos ensinou Jesus.

Precisamos considerar outro fato: nossa dificuldade em nos aproximar daqueles que nos causaram estragos emocionais. A própria ocorrência de termos sido lesados por uma pessoa por si só já nos distanciou dela. É como se *paredes* fossem erguidas dentro de nós (e também ao redor), tornando qualquer contato afetivo mais próximo com o ofensor como algo quase impossível. O que temos (e isto pode ser inconsciente) é sermos novamente feridos, e assim tomamos distância física e emocional daqueles que nos machucaram. O que fazer então? É difícil dizer a uma mulher que sofreu abuso sexual, por exemplo, que vá se encontrar com o abusador para que possa perdoá-lo. Isto chega a ser absurdo, a não ser, é claro, que tenhamos uma direção nítida do Senhor nesse sentido. Igualmente, dizer ao filho rejeitado ou profundamente ferido pelo pai que marque um encontro com ele para reconciliar-se,

também é complicado e constrangedor. Como, então, resolver esses casos em que a pessoa lesada não consegue aproximar-se daquele que a feriu (muitos não têm a mínima estrutura para isso), para então acertar a questão pendente? Será isso possível? O que vou propor aqui tem sido uma estratégia ensinada por alguns conselheiros de cura interior e que pode cumprir, pelo menos parcialmente, a palavra de Jesus em Mateus: *“Se teu irmão pecar (contra ti), vai argui-lo entre ti e ele só” (Mt 18.15).*

O que temos feito para colocar a pessoa ferida diante do seu ofensor é produzir uma situação de confrontação simbólica ou imaginária. Podemos, por exemplo, após ouvir bastante nosso aconselhado falar de suas mágoas, colocar à sua frente uma cadeira vazia e então dizermos a ele: “Veja se consegue imaginar essa pessoa sentada à sua frente, e após isto fale diretamente a ela tudo que acabou de me dizer: suas dores, mágoas, tristezas, lembranças doloridas, ou seja, tudo que gostaria de desabafar neste instante.” A esposa, em vez de continuar falando de todo o ódio que ainda guarda pelo marido (isto é “falar de”), se dirigirá à cadeira, imaginando-o sentado, e lhe falará diretamente todas essas coisas (isto é, “falar com”). Você pode questionar: “Mas isso realmente funciona? Não parecerá apenas uma simples fantasia da cabeça?” O fato é que tal estratégia pode ter um enorme efeito terapêutico sobre as emoções da pessoa a quem você está ajudando. Deixe-me ilustrá-lo com um caso.

Sandra (este não é o nome verdadeiro) foi uma pessoa que estive aconselhando devido a fortes sentimentos negativos que nutria em relação ao pai. Ela me falava de todas as coisas ruins que ele lhe causara. No transcorrer de nossa conversa, percebi quanto Sandra se sentia magoada com seu pai e do ódio que abrigava por ele. Seus olhos faziam transparecer toda a sua indignação e ao mesmo tempo a dor que estava presente em sua alma. “O meu pai não presta... ele é isso ou aquilo”. Pois bem, após ouvi-la por um tempo, percebi que ela já havia conseguido desabafar um pouco. Estava mais leve e controlada. Notei que seria uma boa hora para colocá-la em contato simbólico com seu pai. Imediatamente sentei-me ao seu lado e posicionei uma cadeira à sua frente. Disse a ela: “Sandra, será que seria possível você imaginar seu pai sentado nesta

cadeira?” “Mas como?” perguntou ela. “Estou querendo conduzi-la a um acerto simbólico com seu pai. Tente imaginá-lo sentado aqui na sua frente. Consegue?” “Sim”, respondeu. “Então tudo isso que acabou de me dizer em relação a ele, tente falar-lhe diretamente.” Atentamente, fiquei observando o que se sucederia. Sandra baixou a cabeça, olhou para a cadeira e ficou um tempo pensativa. De repente, olhou para mim e disse: “Alcione, eu não posso dizer essas coisas a meu pai. É muito pesado para que eu diga a ele.” Fiquei surpreso com seu comportamento!

Este relatório, assim como tantos outros, mostrou-me que uma situação criada em nossa mente pode ser tão verdadeira como se estivesse acontecendo na realidade concreta. Mesmo sabendo que o pai não se encontrava ali, Sandra não conseguiu proferir qualquer das palavras que anteriormente dissera sobre ele. Foi incrível. Muito embora, depois, conseguisse desabafar com o pai e perdoá-lo, utilizando este recurso.

O que quero dizer aqui é que podemos usar essa técnica, onde colocamos a pessoa em contato com seu ofensor (numa situação imaginária), e assim ela pode dizer a ele coisas que na realidade não teria condições e, às vezes, nem possibilidade de dizer. Não sei se você sabe, mas existem aqueles que guardam sentimentos ruins em relação a pessoas que já faleceram ou se mudaram para longe. Há até muitos casos onde o ofensor é que não está aberto para o diálogo. Evidentemente, na maioria das vezes quem não está preparado para um confronto real é a própria vítima, a pessoa ferida, pois se acha fortemente “protegida”. Nessas inúmeras situações e em outras que aparecerão, uma retratação simbólica, como a que expus anteriormente, numa sala de aconselhamento, pode em muito contribuir para a cura interior de alguém.

Concluindo, temos notado um fato interessante: a pessoa, após fazer este acerto simbólico, em que colocou para fora toda a sua dor, perdoou, e então foi ministrada pelo Espírito Santo, passa a ter condições, se for o caso, de ir até seu ofensor e ali liberar perdão e ser perdoada. É como se “as paredes do distanciamento” caíssem no momento do confronto. A consequência final de tudo é o cumprimento total da palavra de Jesus em Mateus. Milagres como esses, nós temos testemunhado inúmeras vezes. Por isso, quero

recomendar o uso desse recurso, pois com o auxílio do Espírito tem permitido a reaproximação concreta entre vítima e ofensor.

Oração pelas feridas

A oração deve ser uma prática contínua à medida que vamos trabalhando cada área da pessoa a quem ajudamos. Devemos pedir ao Espírito Santo que lave o seu coração e remova as feridas que estão enraizadas. Na oração, podemos levar a pessoa a entregar seus traumas ao Senhor, perdoar aqueles que a feriram e, assim, também receber o toque curador. As experiências têm sido as mais surpreendentes.

No meu entendimento, a cura interior é um processo psico espiritual, ou seja, devemos explorar muito bem a confissão (primeira etapa descrita em Tiago: *Confessai...*) e depois nos determos na oração (segunda etapa descrita em Tiago: *Orai...*). Em síntese, uma confissão bem-feita, com o auxílio do ministrador (usando as perguntas citadas anteriormente), pode possibilitar a saída de todo o lixo emocional guardado durante anos. É esse lixo que adoece a alma e o corpo, conforme eu já disse. Ele precisa ser expurgado. Mas, além disso, a ferida exposta precisa ser igualmente sarada. Para exemplificar estas duas etapas, imagine o caso de uma pessoa que tenha uma ferida no seu corpo. De modo simplificado, duas seriam as maneiras de proceder à cura. Primeiramente, lavamos bem o local e na medida do possível retiramos quaisquer objetos estranhos ao corpo. Este processo de “tirar a sujeira” é semelhante à confissão. Quando colocamos para fora nossas dores e rejeições, é como se estivéssemos lavando o local da ferida, retirando dali tudo que não presta. Agora, é preciso que em seguida faça-se a aplicação do remédio. Chegou a vez de o Espírito Santo aplicar o bálsamo para a alma, o óleo que pode sarar as feridas mais profundas. Por meio do profeta Jeremias, Deus exclamou: “Acaso, não há bálsamo em Gileade? Ou não há lá médico? Por que, pois, não se realizou a cura da filha do meu povo?” (8.22). Será que esta pergunta pode ecoar em seus ouvidos?

Repitamos a palavra de Tiago: *Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes*

curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo (5.16). Confessar uns aos outros e orar uns pelos outros? Mas para quê? O texto diz: *“para serdes curados”*. Em minha opinião, a confissão é o processo em que por meio de nosso desabafo, colocamos para fora todo o lixo que impede a alma de ser saudável; já a oração é o momento em que intercedemos junto ao trono de Deus, rogando o toque curador e o óleo santo para sarar as feridas. É também o momento em que conduzimos o aconselhado a um encontro inédito com o “homem de dores”, com aquele que “sabe o que é padecer”, Jesus Cristo de Nazaré, descrito em Isaías 53, para que na sua presença experimente a cura.

O Senhor Jesus, Emanuel (Deus Conosco), pode compreender toda a dor humana e se compadecer de nós. Veja o que diz a Epístola aos Hebreus: *Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo. Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados (2.17 e 18)*. Observe que palavra tremenda: porque Ele também sofreu, tornou-se poderoso para nos socorrer. Jesus, não somente na sua onisciência, mas também porque viveu e sentiu o que é a dor do homem, sabe e compreende muito bem quando nos achegamos a Ele clamando por nossa alma adoecida.

No seu livro *Cura das memórias*, David Seamands, falando também deste tempo especial de oração, comenta:

“Esse período de oração é justamente o núcleo central da cura das memórias. Por meio da oração, tem início o milagre da cura; sem ela, todo o processo pode tornar-se simplesmente uma forma de autosugestão, catarse ou terapia de sentimentos. Esse tempo especial de oração não deve ser ignorado, caso os resultados devam ser duradouros.”^[39]

Na etapa da oração, podemos trabalhar especificamente de duas formas: para cada episódio da vida da pessoa com que conversamos (pai, mãe, fase escolar, casamento etc.), podemos

tirar um tempo de oração, pedindo o toque curador do Espírito Santo, ou então fazemos uma oração mais geral, colocando o aconselhado diante de Deus, mencionando sua vida desde sua concepção, passando por todas as fases de sua história: gestação, nascimento, infância, adolescência, casamento, relacionamentos etc. Isto não implica regressão,⁴⁴ mas sim “uma oração pelas memórias doloridas”.

Particularmente, prefiro orar de modo e específico por todas as áreas da vida da pessoa (após conversarmos sobre cada uma delas), e assim conseguimos no final completar todas as etapas. A seguir transcrevo um exemplo de como pode ser uma oração de cura interior. Você pode utilizá-la em ministrações coletivas na sua igreja.

Orando pelas memórias doloridas

Pai celestial, nós Te agradecemos porque o teu Filho, Jesus, morreu não apenas pelos nossos pecados, mas também por todos os nossos sofrimentos e temores.

Agradecemos-Te porque Jesus Cristo pode tocar em cada memória traumatizada, dolorida, que tenha sequelas e curá-la com o bálsamo do Espírito Santo, pois a tua Palavra diz que “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente.”

Senhor, Tu sabes de tudo que nos diz respeito, até do que ocorreu antes do nosso nascimento. Muitos aqui, quem sabe, já vieram a este mundo abrigando um forte sentimento de rejeição e desamor. Eu Te peço, Senhor, cura todo trauma adquirido ainda na vida intrauterina, que tenha passado direta ou indiretamente do mundo externo, por meio dos pais, familiares ou outras influências que tenham sido peso de maldição ou de qualquer forma nos tenha influenciado negativamente. Em nome de Jesus Cristo, que toda palavra maldita contra nossa vida, ainda quando estávamos no ventre de nossas mães, torne-se sem efeito. Quebramos toda influência maligna sobre as áreas de personalidade, caráter e temperamento em nome de Jesus Cristo, e que sejam agora restauradas desde as origens e refeitas segundo o padrão do Senhor Jesus, em equilíbrio perfeito.

Muitas mães tentaram aborto, e o espírito de morte e rejeição tem atentado contra suas vidas, mas em nome de Jesus amarramos e rejeitamos esses espíritos malignos e ordenamos que, amordaçados, saiam e não voltem mais. Pedimos o Teu bálsamo curador sobre essas vidas.

Senhor Jesus querido, pedimos-Te que toques na base das nossas memórias sondando cada segundo de nossa vida desde os primeiros anos da infância. Algumas pessoas, quem sabe, foram separadas dos pais ainda bem novinhas por causa de doenças ou morte na família, e outras nunca receberam carinho e amor dos seus familiares. Outras foram abandonadas em orfanatos ou em instituições e precisaram ser adotadas. Senhor Jesus, ajuda-nos a sermos gratos pelos pais adotivos, pois eles são a expressão do Teu amor aqui na Terra.

Eu Te louvo, porque Tu dizes na tua Palavra: *Acaso pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu, todavia, não me esquecerei de ti (Is 49.15).*

Ó Senhor Jesus, o Senhor que tomou as crianças em teus braços e as afagou com tanto amor, dizendo: *Deixai que elas venham a mim, pois delas é o reino dos céus*, faz isto a cada um dos teus filhos, agora. Permite que sintamos a Tua aprovação e o Teu amor. Penetra no coração dolorido e angustiado de cada um de nós e preenche cada vazio do nosso ser. Dá-nos o amor que não tivemos. Remove do nosso ser toda mágoa, rancor, ressentimento e todo sentimento de desamor, rejeição, injustiça, decepção, frieza, rebeldia, em nome de Jesus.

Senhor, Tu sabes que muitas pessoas quando crianças foram solitárias por causa da destruição dos seus lares. De pais que se separaram, ou elas precisaram ser separadas deles por doença, morte, guerra, ou foram criadas com displicência e sem amor, mesmo os pais estando presentes fisicamente, estavam sempre ausentes afetivamente, deixando-lhes uma sensação de abandono, insegurança, rejeição e medo. Tira agora, Senhor, todo tipo de medo, todo pavor, todo pânico e todo horror, em nome de Jesus.

Peço-Te, Senhor, que toques nas memórias até a idade escolar. Acompanha cada um aqui no seu período escolar. Muitos se

sentiram profundamente envergonhados e fracassados nos estudos. Muitos se sentiram envergonhados por causa da raça, da sua condição social ou do seu físico. Eram pobres e não iam bem-vestidos, não tinham alimento nem material escolar, por isso se sentiram discriminados, envergonhados, com temor de falar em público e foram ridicularizados por colegas e professores. Pedimos-Te, Senhor, que removas de cada mente as dores dessas lembranças, pois cada um é importante para ti. Muitos rotulados de maneira negativa e carregam até agora o temor do fracasso e o medo de serem ridicularizados. Liberta-nos, Senhor, de todas as lembranças dolorosas e dessas mágoas profundas.

Senhor, que cada pessoa possa saber com convicção o que representa para ti, que é valiosa, que Tu disseste em Tua Palavra em Lucas 10.21: *“Ó Pai, Senhor do céu e da terra, graças te dou porque ocultaste todas estas coisas dos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado.”* Também disse Jesus: *“Alegrai-vos porque os vossos nomes estão arrolados no céu.”*

Toca agora, Senhor, nas memórias dos anos da adolescência. Nessa época, novos temores e inseguranças vieram, quem sabe insegurança quanto ao futuro, insegurança porque os pais se separaram ou morte de um deles.

Peço-te também, Senhor, que Tu retires toda sensação de vergonha, de tristeza, que muitos sentem em relação às experiências sexuais que aconteceram nessa época. Sentem-se sujos e incapazes de sentir o teu amor e perdão. Que o Espírito Santo de Deus esteja lembrando o que a Tua Palavra diz em Salmos 103.1-3: *Bendize, ó minha alma, ao SENHOR e não te esqueças de nem um só de seus benefícios. Ele é quem perdoa todas as suas iniquidades; e quem sara todas as tuas enfermidades”.*

Alguns, na idade da adolescência, sofreram abusos sexuais por colegas ou por adultos sem nenhum escrúpulo e estão profundamente marcados por esses traumas.

Que eles sintam na sua alma o que tu dizes no versículo 4: *“Ele é quem da cova redime a tua vida e te coroa de graça e misericórdia”.* Cura, Senhor, todo trauma por afrontas físicas, morais, sexuais;

retira toda revolta, todo ódio, toda desconfiança e suspeitas acerca dos homens. Coloca o Teu amor em nossas memórias.

A Tua Palavra diz, Senhor: *Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim, afasta de nós as nossas transgressões*. Alguns tomaram drogas e ficaram com a mente afetada. Em nome de Jesus Cristo, restaura agora essas mentes, para sentirem que Tu podes remir o passado e revertê-lo em bênção.

Senhor, que todos sejam inundados pelas águas curadoras do teu rio de misericórdia. Que sintamos realmente que as tuas misericórdias são a causa de não sermos consumidos; porque as tuas misericórdias não têm fim, mas novas são a cada manhã, e grande é a tua fidelidade.

Senhor, banha-nos e que estejamos imersos nas águas curadoras e restauradoras de Ezequiel 37, que sintamo-nos agora curados para liberar o perdão a nossos agressores. Ajuda-nos a perdoá-los como fomos perdoados por Ti, em nome de Jesus.

Senhor, toca agora nas memórias até a idade adulta. Houve nessa fase outros temores, frustrações, mágoas, decepções, injustiças, traições. Derrama do teu bálsamo, curando-nos, em nome de Jesus.

Alguns queriam ter feito curso superior, mas não conseguiram, outros não conseguiram exercer a profissão com que haviam sonhado tanto, e outros fracassaram constantemente nos negócios. Toca nessas memórias traumatizadas, doloridas, e cura as lembranças passadas.

Que possamos sentir que tu nos ama e que somos importantes para Ti. O teu conceito de sucesso é muito diferente do mundo e das ideias humanas, pois Tu dizes na Tua Palavra, em 1 Co 1.26-28, que *Tu não escolheste os sábios segundo a carne, nem os poderosos e os muito nobres. Mas Deus escolheu as coisas vis deste mundo e as fracas e as desprezíveis, para confundir e aniquilar as fortes e poderosas, para que nenhuma carne se glorie diante de ti*. Somos, portanto, Teus, feitos, em Jesus Cristo, sabedoria, justiça, santificação e redenção. Porque Jesus fez tudo por nós, e é tudo em nós, e Tu amas cada pessoa aqui presente.

Senhor querido, graças te damos pela Tua presença quando nos casamos. Para alguns, isto constituiu um novo e maravilhoso

começo. Para outros, foi um pesadelo. Senhor, remove também esse tipo de pesar de cada pessoa e Te coloques entre os cônjuges e os cure de qualquer desgosto ou mágoa que exista entre eles.

Ajuda-nos a perdoar nosso cônjuge por todas as mágoas que nos fez sofrer e pedimos perdão pelas mágoas que causamos.

Ó bendito Espírito Santo, derrama o amor ágape sobre os cônjuges agora, para que os nossos casamentos possam ser cristocêntricos e benditos diante de Ti.

Derrama o batismo do Teu amor (Rm 5.5) bem como entre nós amor-amizade e o amor romântico, que se expresse por meio de uma sexualidade saudável, dentro dos padrões da Tua palavra.

Que os casamentos sejam cada dia mais belos e que possamos, como esposo e esposa, desfrutar de uma experiência especial concedida por Ti. A Tua Palavra diz em Eclesiastes 4.10-12 que *o cordão de três dobras não se quebra; e quando um cair, o outro levantará*. Obrigado, Senhor, por este tempo contigo, e, se houver ainda qualquer outra coisa que eu não tenha mencionado, traze a tona agora mesmo, Senhor. Muito obrigado por tudo, Senhor. Eu lanço diante de Ti todos os meus traumas, medos, mágoas, ansiedades e culpas e Te peço que eu possa ficar livre de toda memória penosa do passado. Mais uma vez, agradeço-Te, Senhor, por tudo, em nome do teu Filho Jesus, amém!^[40]

Curando o Espiritual

De maneira geral, independentemente do problema de alguém ser oriundo do físico, do psicológico ou do espiritual, é importante que passe por uma ministração de libertação. A experiência tem mostrado que, às vezes, o Inimigo esconde-se ou pode até intensificar problemas já existentes em outras áreas. Sendo assim, até mesmo para que as fragilidades dessas esferas sejam restauradas, será necessário que a pessoa aconselhada esteja livre de toda influência satânica. Caso contrário, corre o risco de enfrentar fortes resistências espirituais.

Veja um caso: se alguém, depois de sofrer uma perda emocional (por exemplo, a morte de um ente querido), começar a apresentar sintomas de depressão, podemos entender que a sua reação é profundamente natural em decorrência dos fatos negativos que vem

enfrentando. Sua depressão é resultado de perdas, e por isso uma sensação de “vazio” tende a aparecer. No entanto, Satanás é por demais sagaz para aproveitar-se desse período de fraqueza e tentar impor sobre a pessoa um fardo mais pesado. Isto acontece com muita frequência. Refletindo neste caso específico, no episódio de uma perda, vamos imaginar que os anos se passam e a pessoa não consiga superar seu trauma e fixa-se num quadro depressivo. Inicialmente nossa resposta ao problema deve abordar especificamente a área de cura interior, pois sua dificuldade é provinda de um fato concreto: a morte de uma pessoa querida. No entanto, se Satanás durante esses anos conseguiu alguma brecha em sua vida, pode ser que tenha também se aproveitado dessa fragilidade, levando a pessoa a piorar em sua situação. É neste ponto que quero ressaltar a importância da libertação como anterior à cura interior, onde ministraremos retirando os pesos espirituais do diabo. Depois disso, haverá maior liberdade para tratar exclusivamente dos traumas emocionais.

Este exemplo que citei é muito comum. Em diversos casos de depressão que acompanhei (oriunda de fatos reais do passado), após uma ministração de libertação a intensidade da melancolia regrediu em até 50%. O que isso nos permite concluir? Que o problema da pessoa teve origem em sua alma; mas Satanás aproveitou-se desse fato e impôs sobre ela pesos ilegítimos. A Bíblia nos ensina que o ladrão veio para matar, roubar e destruir (cf. Jo 10.10). Será necessário, então, tirar esses laços do Maligno para que possamos ministrar com liberdade.

Tratando-se da cura espiritual, estarei abordando aqui alguns passos para a libertação pessoal. Indivíduos que no passado envolveram-se com toda forma de ocultismo, espiritismo, pecados sexuais e muitas outras coisas deverão passar por essas etapas. Devemos depender da orientação do Espírito Santo no trato com cada pessoa, e pode ser que muitas vezes ministremos diferentemente nos mais variados casos. Assim, não tome essas etapas como se fossem “passos”, mas dicas de como você poderá proceder no ministério de libertação.

Oração inicial

Podemos iniciar louvando a Deus pela presença do Senhor Jesus em nosso meio e por Ele ser verdadeiramente o nosso libertador. Toda a honra será dada a Ele. Precisamos dizer também em oração que nossa dependência é do Senhor e não estaremos fazendo nada com

nossas próprias forças. Não dependeremos da técnica, mas sim do Espírito. Vamos pedir também que sejam enviados anjos ministradores para estarem conosco durante toda a ministração e que eles nos protejam de qualquer retaliação. Oremos entregando a pessoa que estará sendo ministrada aos cuidados do Pai e que o Senhor nos revista de toda a sua armadura. Para isto, seria importante especificarmos cada peça (cf. Ef 6.12-20). Não devemos nos esquecer também de entregar cada um dos nossos familiares diante do trono da graça e pedir que eles estejam debaixo da cobertura do sangue de Jesus. Finalmente, podemos pedir a manifestação de todos os dons espirituais necessários.

Arrependimento e confissão

Nas ministrações de libertação, será fundamental o arrependimento e a confissão específica dos pecados passados e presentes. Podemos iniciar levando o ministrado a confessar e se arrepender de todos os pecados conhecidos. Se algo já foi devidamente confessado, não há necessidade de se fazer de novo. Mas, se ainda não foi, é importante que se faça. Em muitos casos, esse tem sido um momento de grande contrição perante Deus. É por meio da confissão e do arrependimento que o sangue de Jesus começa a limpar todas as partes sujas da pessoa e tirar todas as legalidades que outrora o diabo possuía. Em Atos 19, vemos os efésios, que anteriormente estavam envolvidos com as práticas mágicas, virem a Cristo, *confessando e denunciando publicamente as suas próprias obras* (v. 18).

Oração de renúncia

Agora é o momento onde se trata com as alianças feitas com os demônios no passado, por meio das práticas mágicas, espíritas, maçônicas, católicas, místicas e ocultistas. Pegue uma folha em branco e anote todas as coisas praticadas em outras seitas: votos,

rituais, amuletos, sinais no corpo, auto imprecções, cargos, segredos, juramentos, símbolos etc. Cada item deverá ser renunciado especificamente. Para se ganhar tempo, pode ser interessante que se faça a maioria das orações de arrependimento junto com a de renúncia. Para exemplificar, a seguir, apresento um modelo de oração de renúncia e arrependimento:

“Pai celestial, em nome de Jesus quero confessar estes pecados (cite cada um) e assim pedir o teu perdão para a minha vida. Também renuncio a esses pecados assim como todos esses vínculos que me ligaram a Satanás e a seus demônios (cite o pecado e o vínculo, um por um). Comando que todos os demônios que agiram em minha vida a partir dessas portas que abri que sejam repreendidos agora, em nome de Jesus, e nunca mais voltem.”

Oração de desligamento

Aqui podemos incluir o desligamento de parceiros sexuais do passado e também de relacionamentos inescrupulosos.⁴⁶ Primeiramente, acerca da área sexual, é preciso que se confesse todos os pecados sexuais a Deus (lascívia, sensualidade, fornicção, adultério, prostituição, masturbação, pornografia, homossexualismo, bigamia, incesto, bestialidade etc.), e então deve-se renunciar e desligar-se de todos os parceiros já tidos, citando nome por nome. É importante que se comece a desligar desde o primeiro envolvimento, pois ali é que a porta foi aberta. Às vezes, tudo começou depois de um abuso sexual na infância. É preciso cortar todo laço de alma entre a pessoa e o abusador e também as transferências ocorridas. Pode-se orar mais ou menos assim:

“Pai celestial, quero neste momento confessar todos os meus pecados sexuais e todas as vezes que entreguei ilicitamente o meu corpo aos espíritos de prostituição (confesse dando nome aos pecados). Quero nesta hora também renunciar e desligar-me no mundo espiritual de cada parceiro com quem me envolvi no passado (cite nome por nome – é importante que se comece

do primeiro). Declaro que meu corpo, minha alma e espírito estão separados dessas pessoas. Tomo a espada do Espírito e corto todas essas ligações. Ponho a mão em meu coração e entrego todas as partes dessa pessoa que estão em mim e devolvo tudo que é dela que ainda permanece em mim. E, finalmente, coloco o sangue de Jesus entre mim e cada parceiro sexual do passado, em nome de Jesus.”

Agora, no caso de pessoas que estão presas em sua alma a outras pessoas, será necessário igualmente haver uma oração de desligamento. Deve-se renunciar os juramentos (“Seremos amigos eternamente”; “Se não for meu namorado, não será de mais ninguém”, “Se morrer, morrerei junto com você” etc.), os presentes recebidos e entregues (estes deverão ser geralmente destruídos), objetos que sirvam de memorial da aliança e também todas as refeições feitas conjuntamente que fortaleceram o vínculo. Todos os demônios que estejam intermediando essa ligação de alma deverão ser expulsos em nome de Jesus. Podemos orar desta maneira:

“Pai celestial, neste momento quero pedir-Te perdão por ter envolvido me com essa pessoa (cite o nome), pois esse relacionamento foi de grande prejuízo para mim. Em nome de Jesus, quero renunciar toda aliança que estabeleci e também declarar o desligamento de minha vida dessa pessoa. Renuncio os juramentos (cite cada um), os presentes dados e recebidos (cite cada um), os objetos que estipulamos como memoriais de nosso relacionamento (cite cada um) e assim também renuncio a todas as vezes que fortalecemos nosso vínculo fazendo refeições juntos. Cancelo e expulso todos os demônios que se transferiram para minha vida assim como mando embora aquelas entidades que estiveram ligando minha alma à alma dessa pessoa (cite o nome). Eu te agradeço pela minha libertação, em nome de Jesus.”

Quebrando as maldições

Para a apropriação da quebra de maldições hereditárias, normalmente são cinco as etapas pelas quais a pessoa ministrada

deverá passar:

PRIMEIRA: faça um diagnóstico metódico acerca dos sinais de maldições que têm estado presentes na sua vida e na de seus familiares (incluindo todos os parentes). Anote os “sinais” mais repetitivos,^[41] como, por exemplo, prostituição, divórcio, enfermidades específicas, violência, mortes estranhas, falência etc.

SEGUNDA: reconhecer humildemente que sua vida e família podem estar sob o jugo de uma maldição.

Daniel reconheceu tal realidade.^[42]

TERCEIRA: confessar os pecados de toda a sua família, incluindo seus ancestrais, identificando-se com eles. Como já disse, Daniel, Neemias, Esdras, assim como todo Israel^[43] confessaram não só seus pecados pessoais, mas também os de seu povo e os de seus antepassados. Inicialmente, anote os padrões pecaminosos da família (caso não saiba, use a lista de Deuteronômio 27) e, então, leve a pessoa a confessar todos esses pecados ao Senhor. Será necessário tempo para que faça isso. Em Neemias 9.3, vemos o povo de Israel passando uma quarta parte do dia apenas para confessar os pecados. Isto nos ensina que não podemos lidar com nossos erros de qualquer forma.

QUARTA: tomar posse e declarar, conforme Gálatas 3.13,^[44] que Cristo já levou todas as suas maldições na cruz.

QUINTA: comandar aos espíritos familiares que saiam da sua vida e da sua linhagem familiar. Use a sua autoridade para “ligar” e “desligar”.⁵¹ De acordo com a natureza dos “sintomas familiares” (ver conforme você anotou na primeira etapa), devemos comandar aos demônios que se retirem, em nome de Jesus. Assim, por exemplo, se há na família muita violência, estaremos confrontando o espírito de violência. Procederemos do mesmo modo com os outros sinais de maldição. A seguir sugiro um exemplo de oração de “apropriação da quebra das maldições”:

“Senhor, meu Deus, da mesma maneira que creio e confesso que Jesus Cristo pagou o preço pelos meus pecados lá na cruz para me trazer plena salvação, também confesso, como diz Gálatas 3.13, que Ele se fez maldição por mim. Tenho consciência de que, legalmente falando, nenhuma maldição tem poder ou autoridade sobre a minha vida. Por isso, estou aqui para apropriar-me desta maravilhosa libertação que tu providenciaste para mim na cruz.”

“Todos os pecados dos meus pais, avós, bisavós, tataravós, e ainda de gerações anteriores a estas, que trouxeram maldições sobre mim, pecados como idolatria, feitiçaria, ocultismo, desrespeito aos pais, toda forma de opressão e injustiça, sexo não-natural e ilícito, antisemitismo, autosuficiência, apostasia, roubo de todos os tipos, roubo do dízimo, não praticar a Palavra de Deus (acrescente outros pecados mais frequentes), Senhor Deus e Pai, faço confissão, neste momento, e peço o teu perdão, Senhor, para esses meus pecados, os de meus pais e de toda a minha família, porque temos transgredido a tua Palavra. Todas as maldições oriundas desses delitos que vieram se repetindo de geração a geração sejam agora anuladas, canceladas e desligadas pelo poder que há no nome de Cristo. Declaro assim quebradas e canceladas, em nome de Jesus, todas as maldições que vieram pelas transgressões dos meus antepassados.”

“Senhor, todos esses sinais de maldição têm marcado a minha vida e família: (Cite-os neste ponto). Peço-te que retires a tua ira de nossas gerações e que os demônios que estejam atuando e impondo sua personalidade e desgraças sobre nós 200 | sejam agora expulsos, em nome de Jesus. Rejeito todos esses sintomas de maldição e expulso a todos, pois na cruz Cristo levou não só os meus pecados, como também o efeito que eles teriam sobre a minha vida.”

“Pai celestial, agradeço-te pelo sacrifício de Cristo na cruz, pois ele foi suficiente para desfazer qualquer maldição sobre a minha vida. E quero aplicar o sangue do Cordeiro entre a minha vida e cada uma das gerações passadas (ore fazendo esta aplicação até a geração que Deus orientá-lo). Muito obrigado, Senhor, porque já posso sentir a tua paz reinando em meu coração. Ao Senhor, toda a glória! Em nome de Jesus, amém!”

Na apropriação da quebra de maldições lançadas por terceiros e também as autoimpostas, podemos proceder conforme os seis passos seguintes:

PRIMEIRO: anotar todas as palavras ou frases negativas que foram proferidas contra a pessoa ministrada. Deve-se rememorar sobretudo as palavras ditas por aqueles que têm autoridade sobre a sua vida. Anote também as palavras de maldição que ela disse contra si mesma.

SEGUNDO: reconhecer mais uma vez que pode estar sob o efeito de alguma dessas palavras amaldiçoadoras.

TERCEIRO: fazer uma lista daqueles que o amaldiçoaram e perdoá-los individualmente.

QUARTO: reconhecer e agradecer ao Senhor por Ele ter levado cada uma dessas maldições na cruz, conforme Gálatas 3.13.

QUINTO: citar cada palavra ou frase de maldição e quebrar o seu poder espiritual em nome de Jesus.

SEXTO: comandar aos demônios que concretizaram essas palavras de maldição que saiam em nome de Jesus.

Da mesma maneira, transcrevo a seguir um exemplo de oração que pode ser usado para romper a maldição com origem no uso maligno da língua. Fique na liberdade do Espírito para acrescentar outras palavras.

“Senhor Jesus, quero estar em Tua presença neste momento para apropriar-me da quebra de todas as maldições que tiveram origem no uso leviano das palavras, tanto minhas como de outras pessoas. Gálatas 3.13 diz que o Senhor levou todas as maldições para a cruz; por isso, venho perante o teu trono clamar o cumprimento dessa promessa sobre a minha vida.”

“Pai, coloco perante Ti todas as maldições que foram proferidas contra a minha vida (cite-as neste ponto). No Seu nome, Jesus, que o poder de cada uma dessas palavras perca todo efeito de cumprimento sobre mim. Também, como Teu servo, estou liberando o meu perdão para cada uma dessas pessoas que as lançaram sobre mim (cite o nome das pessoas, se souber).”

“Também, Senhor, peço-Te perdão porque muitas vezes me amaldiçoei. Quero quebrar o efeito de cada uma das palavras que proferi contra mim (cite as palavras que você lançou contra si mesmo). Apaga, Senhor, o efeito dessas maldições.”

“Muito obrigado, Senhor, porque já posso sentir a Tua paz reinando em meu coração. Ao Senhor toda a glória! Em nome de Jesus, amém!”

Expulsão de demônios

À medida que vamos encaminhando a pessoa por essas etapas, precisamos confrontar as entidades malignas que estiverem atuando em sua vida. Se ela teve fortes envolvimento com o pecado sexual, precisaremos expulsar os espíritos de prostituição, sensualidade, fornicação etc. e ainda outros, como pombagira, Diana, lemanjá etc. De acordo com os seus envolvimento, devemos listar as entidades correspondentes e repreendê-las em nome de Jesus. Muitas pessoas que vêm até nós já têm mais ou menos a ideia dos espíritos, deuses, ídolos e demônios com os quais se envolveram. Precisamos anotar esses nomes e, então, levá-las a renunciar e expulsar cada um.

Liberando o Perdão

Pela falta de perdão, muitas pessoas têm deixado de alcançar sua plena liberdade em Cristo. Sempre preguei sobre a importância do perdão, mas ainda não havia me deparado com um caso que me chocasse um com que trabalhei tempos atrás. Douglas (este não é o nome verdadeiro) era um cristão que tinha mais ou menos três anos de conversão ao Senhor Jesus. Entretanto, sua vida espiritual era um caos. Não conseguia ler e entender a Bíblia, pois sempre dormia sobre ela, sentia dores em diversos lugares do corpo, maus pensamentos e muitas outras coisas que lhe davam a sensação de

estar “amarrado” espiritualmente. Quando veio conversar comigo, já havia recebido ministração por parte de dois conselheiros, mas nada havia ocorrido de diferente. Quando o abordei, procurei sondar sua história de vida e descobri diversos envolvimento no passado com espiritismo, macumba, bebedeiras e muitos outros pecados. Eram muitos os vínculos, sobretudo aqueles ligados ao espiritismo. Não tive dúvidas: este era o problema de Douglas. Levei-o a confessar e renunciar perante o Senhor item por item, e progressivamente ele ia experimentando novas sensações de liberdade espiritual. Quando completamos nosso formulário, ele já podia se sentir plenamente livre. Para mim, foi uma grande alegria atendê-lo e ver o que Cristo estava fazendo em sua vida. Mas isso era apenas o começo.

Cerca de quinze dias depois, recebi novamente esse irmão, reclamando que quase todos os sintomas de opressão haviam voltado. Ele não sabia mais o que fazer. E, sinceramente nem eu. Disse-lhe que talvez precisássemos ser mais específicos em nossa renúncia dos vínculos e ele concordou em sentar-se comigo novamente. Entretanto, tive de viajar para o campo missionário e não tive mais contato com Douglas. Passaram-se mais ou menos uns dois meses, e chegou às minhas mãos uma carta desse irmão dizendo o que havia acontecido com ele. Disse estar um dia em sua casa, e foi até lá certo irmão a fim de orar com ele e sua esposa. Douglas começou a compartilhar com ele seus problemas e suas tentativas de ser liberto, mas nada adiantava. As opressões sempre voltavam. Ele não sabia mais o que fazer. Foi então que esse irmão, após Douglas ter falado que no passado havia adulterado diversas vezes, perguntou-lhe se sua esposa já havia liberado perdão sobre sua vida. Douglas olhou para sua mulher, que, meio sem graça, virou-se para o irmão que fez a pergunta e lhe disse: “Nunca consegui perdoar meu marido por isso.” Depois de algum tempo de conversa, a esposa de Douglas resolveu ela própria declarar-lhe o perdão, e então, quando ela lhe disse: “Eu perdoo por todos os seus adultérios”, Douglas me disse: “Alcione, senti uma explosão dentro de mim, literalmente. Um grande barulho no meu interior, e então pude sentir um grande peso saindo da minha vida. Já se passaram vários meses, e a partir desse dia nunca mais senti qualquer sinal de opressão. Eu estou livre! O perdão de minha mulher me libertou.”

Diante desse relatório, comecei a valorizar muito mais o efeito do perdão. Na parábola do credor incompassivo, Jesus nos ensinou que aqueles que não perdoam estão sujeitos a prisões espirituais (Mt 18.34 e 35). Mas não só isso: as pessoas que também não nos perdoam (acredito que quando não confessamos isto a elas) podem também estar nos prendendo no mundo espiritual. Por isso toda libertação deve também passar pelo perdão. Se há algo a ser perdoado, devemos perdoar, e também se há algo para o que precisamos pedir perdão, necessitamos fazê-lo com urgência.

Limpando a casa

Veja o que diz Deuteronômio 7.25 e 26:

As imagens de escultura de seus deuses queimarás; a prata e o ouro que estão sobre elas não cobiçarás, nem os tomarás para ti, para que te não enlaces neles: pois são abominações ao SENHOR, teu Deus. Não meterás, pois, coisa abominável em tua casa, para que não sejas amaldiçoado, semelhante a ela; de todo, a detestarás e, de todo, a abominarás, pois é amaldiçoada.

Nesta passagem, a Escritura é enfática: não meterás coisa abominável em tua casa. O que temos visto em muitos casos é a pessoa sair liberta da sala de aconselhamento e, quando chega em casa, todos os demônios retornam. Mas por quê? Porque eles ainda possuem pontos de contato, base legal para atuarem. Para que a libertação aconteça de modo completo, é preciso que se queime todos os objetos contaminados do passado: imagens, amuletos, quadros consagrados, livros de ocultismo, tudo deve ser destruído a fogo. Caso contrário, os demônios encontrarão base legal para voltar. Para ilustrar isto, um caso interessante foi contado por Neuza Itioka, no seu livro Os deuses da umbanda:

“Uma senhora chamada dona Clélia contou-me que, como evangelista, estava percorrendo umas fazendas no interior de São Paulo. Ela é uma excelente estabelecadora de igrejas. Um dia, ela se encontrou com uma menina endemoninhada, de nove anos. Todas as tardes, às cinco horas, a menina dirigia-se a um canto do

seu quintal para fazer uma fogueira e se rolava nela para se queimar. Ninguém conseguia fazer com que a menina evitasse a façanha. A evangelista logo diagnosticou o caso, pregou o Evangelho e depois preparou-se para cuidar da menina, pedindo que a família quebrasse todos os ídolos da casa, o que aparentemente foi feito. Mas o demônio não saía. Então resolveram jejuar e orar, sem nenhum resultado. Clélia se perguntava qual seria a causa da rebelião do demônio. Estando sentada, da casinha percebeu que havia umas fitas que apareciam no forro aberto do teto e perguntou o que era aquilo. Eram as fitas que estavam dependuradas numa imagem de São Jorge. Disseram que eles a esconderam, pois a imagem era de estimação. Disse dona Clélia: “Aqui está a corda com que Satanás está segurando a menina.” Destruído o ídolo, o demônio teve de sair.”^[45]

Após a destruição de todos os artefatos ocultistas, podemos ungir toda a casa, pedir que o Senhor perdoe todos os pecados que foram praticados ali (citando um a um), amarrar todas as entidades malignas, ordenar-lhes que saiam do local e então dedicarmos toda a casa ao Senhor Jesus.

Conclusão

Ajudadores segundo o padrão de Deus

As tarefas de aconselhamento e libertação devem fazer parte da nossa missão enquanto servos de Cristo. Tirar horas na semana e dispor de tempo para ouvir alguém e ministrar às suas necessidades é um ministério que exigirá de nós amor e desprendimento. Mas o Senhor está pronto para nos capacitar. É uma missão sublime contribuir para que a Noiva de Cristo, que é formada de cada cristão pelo mundo, possa tornar-se cada vez mais *sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito (Ef 5.27)*. Quantos estão dispostos a ser instrumentos de Deus nessas áreas? Deus está chamando pessoas e, quem sabe, convocando você mesmo, querido leitor, para esta linda tarefa. Os campos estão brancos, mas os obreiros são poucos, já nos ensinou Jesus. E como isso é verdade! O número de pessoas precisando ser ajudadas, saradas, curadas e libertas supera em muito o número de obreiros disponíveis. Eu mesmo tenho testemunhado este fato. Oremos, então, em concordância com a palavra de Jesus: Envia, Senhor, mais obreiros para Tua seara!

Neste livro, meu propósito foi explanar as frequentes confusões que podemos fazer frente aos diversos problemas que nos são apresentados. Tendo um discernimento mais acurado, e conhecendo melhor as esferas constitutivas do homem, estaremos mais aptos para ministrar à vida das pessoas que vêm nos pedir ajuda. Mas é preciso que nos preparemos, pois só assim seremos instrumentos mais poderosos nas mãos de Deus. Quero finalizar minha exposição mencionando algumas virtudes para que um conselheiro se torne eficaz na tarefa de diferenciar as esferas física, do psicológica e espiritual.

Dependa do Senhor

Se quisermos ser canais poderosos nas mãos do nosso Deus para curar e libertar vidas, precisaremos estar em comunhão com

Ele. Isso porque, em muitas situações, não saberemos o que fazer. Ficamos a pensar: “E agora, Senhor, o que faço? O que respondo?” São momentos para deixar Deus agir e nos mostrar a razão exata do problema. Já aconteceu comigo de fazer um diagnóstico sobre o problema e dizer “A sua dificuldade é de tal esfera”, e depois, no final das contas, vir a descobrir que estava profundamente enganado. O fato é que as questões físicas, psicológicas e espirituais são por vezes tão parecidas e confusas que somente o Espírito Santo nos levará à causa real do problema. Sendo assim, no início de cada ministração, ore declarando: “Pai celestial, reconheço que sem Ti nada posso fazer. Somente Tu podes curar e libertar esta vida, por isso declaro minha dependência do Senhor e que necessito que Tu me dês as estratégias corretas para ajudar essa pessoa. Em nome de Jesus, amém!”

Entenda as Esferas

Já ouvi diversas pessoas dizendo que para ministrarmos nas áreas de cura e libertação precisamos estar inteiramente na dependência de Deus. Isso é verdade, e acabei de falar sobre o assunto. Só que no decorrer da conversa acabo descobrindo que, quando elas falam sobre “dependência de Deus”, querem com isso defender a ideia de que não devemos estudar ou nos preparar melhor para o ministério do qual temos aqui falado. Ou seja, devemos ser “ultra espirituais”, sem nos envolver com nada que possa contribuir para a ação do Espírito.

Já aqui neste ponto tenho minhas discordâncias.

Creio que seja importante fazermos um estudo aprofundado das esferas constitutivas do homem. Mas haveria alguma razão para isso? Vejamos com um exemplo: imagine que você esteja ajudando alguém que possua um distúrbio em sua mente, mas, por ignorar isso, você, como ministrador, empenha-se em libertá-lo de todos os demônios. É evidente que esta não é a causa primária do seu problema, pois é a parte psicológica que está lesada. Entretanto, caso desconheça os quadros psicopatológicos (doenças mentais), como poderá ajudá-lo? Se não é um profissional da área, como saberá que deve encaminhá-lo a um? Há ainda outro problema que

envolve o discernimento espiritual: como o Senhor vai falar a você que o problema dessa pessoa é psíquico, já que desconhece tais quadros? Complicado, não é mesmo?

Se estivermos ambientados com o estudo das esferas, Deus poderá mais facilmente nos comunicar sua direção. Poderá nos dizer: “Filho, esse caso é devido a estresse”, ou, então, “Agora você está lidando com um trauma que vem da infância”, ou “É Satanás que está agindo, repreende-o”, e assim sucessivamente. Compreendendo, então, as esferas e dependendo de Deus, passamos a ter os ingredientes ideais para diferenciarmos os problemas mais facilmente. Foi o próprio Jesus que ensinou aos saduceus: *Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus (Mt 22.29)*. Aqui está, então, uma palavra de equilíbrio entre a Palavra e a unção do Espírito Santo.

Não Seja Precipitado

Uma das características vitais de um conselheiro espiritual é a prudência, o bom senso. Que coisa terrível quando nos deparamos com pessoas desequilibradas em suas ideias e ainda, sem qualquer cuidado com o que dizem. Em vez de pensarem para depois falar, acabam fazendo justamente o contrário: falam e depois pensam. Infelizmente, alguns nem mesmo chegam a pensar, apenas “tagarelam”. Estou dizendo isso com o fim de alertar acerca do perigo de nossas palavras e conselhos. Alguém que venha buscar ajuda de nós, é porque de alguma maneira tem depositado sua confiança em nossa pessoa. Nossa orientação, principalmente se formos líderes conhecidos e respeitados na igreja da qual fazemos parte, tem um papel quase que determinante na vida dessas pessoas. Uma palavra mal colocada pode causar estragos imensuráveis. A Palavra de Deus diz: *Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação (2Tm 1.7)*. Moderação é uma virtude fundamental na vida de alguém que deseja ajudar pessoas em sofrimento.

Gostaria ainda de salientar que, antes de darmos qualquer diagnóstico final sobre qualquer problema que nos é apresentado, é preciso primeiramente que tenhamos certo grau de certeza. Não devemos dizer precipitadamente: “O seu problema é espiritual,

vamos fazer uma libertação, e tudo vai se resolver”, pois pode ser que em alguns casos este não seja realmente o motivo central e gerador das dificuldades da pessoa, e aí acabamos passando vexame, pois não conseguimos resolver a questão por meio de uma ministração de libertação. Isso pode ser aplicado também aos problemas físicos e psicológicos. Vamos caminhar com prudência e nos deixar guiar por Deus. É preciso antes de uma conclusão definitiva que tenhamos alguns encontros com a pessoa, onde estaremos analisando sua situação e pedindo direção ao Espírito Santo. Tenha esta certeza: Deus não nos deixará confusos. Se Ele for consultado, nos dará a resposta certa. Que Ele nos dê toda sabedoria e discernimento necessários.

Encaminhe Se For Necessário

Em alguns casos, teremos de ter humildade para entender que estamos lidando com uma situação fora do nosso alcance e conhecimento. Deus poderá usar alguém com mais “instrumentos” para ajudar determinadas pessoas que apresentarem problemas desconhecidos para nós. Aí pode estar um grande perigo: quando alguns cristãos decidem ajudar pessoas em uma área da qual eles nada entendem. Os resultados desta conduta, nada ética, podem ser desastrosos.

Eu mesmo, no meu trabalho, tenho por costume encaminhar algumas pessoas. Por estar no início do meu casamento, procure encaminhar casais em conflito àqueles conselheiros casados mais experientes. Quando percebo também que estou lidando com alguma pessoa com problemas psiquiátricos, procuro encaminhá-la a um psiquiatra cristão do meu conhecimento. Em outras situações, podemos perceber que a questão apresentada pelo nosso aconselhado vai exigir a ajuda de um psicólogo ou de um médico, e assim, entendendo as nossas limitações, podemos encaminhar tais casos àqueles que estarão mais capacitados para intervir. É evidente que, dependendo da situação, quando não houver ninguém a quem recorrer, devemos dobrar os joelhos e orar ao Senhor, até que Ele nos dê uma solução. Mas o princípio do encaminhamento tem sido largamente ensinado pelos conselheiros cristãos.

Finalizando, acredito que com estas marcas em nossa vida poderemos ser ministradores conforme o coração do Pai. Cristo vem buscar sua Noiva, e precisamos ser como aqueles que estão contribuindo para o seu embelezamento. Será uma grande festa nas bodas do Cordeiro, e todos os que possuírem o selo de Deus sobre suas vidas participarão deste grande dia. Que Deus, então, possa nos dar toda sabedoria e poder no ministério de cura e libertação.

Referências Bibliográficas

CAMPBELL, Robert J., Dicionário de psiquiatria, São Paulo, Editora, Martins Fontes, 1986.

COLEMAN, James C., Distúrbios psicológicos e a vida contemporânea, São Paulo, Editora Pioneira, 1993.

COLLINS, Gary R., Aconselhamento cristão, São Paulo, Editora Vida Nova, 1992.

COUSTÉ, Alberto, Biografia do Diabo, Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, 1996.

CRABB, Larry, De dentro para fora, Minas Gerais, Editora Betânia, 1992.

EMERICH, Alcione, Heranças do passado, Curitiba, Editora Jocum, 2013

Saindo do Cativoiro, Curitiba, Editora Jocum, 2013

HARRIS, R. Laird, Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento, vol. 1, São Paulo, Edições Vida Nova.

HINSON, Glenn & SIEPERSKI, Paulo, Vozes do cristianismo primitivo, São Paulo, Editora Sepal.

ITIOKA, Neuza, Os deuses da Umbanda, São Paulo, Editora ABU, 1991.

JACQUES, Haroldo (coord.), Guia de medicina e saúde da família, Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1992.

JAPIASSÚ, Hilton., A crise da razão e do saber objetivo, São Paulo, Editora Letras & Letras, 1996.

JONES, Martin Lloyd, O combate cristão, São Paulo, Editora PES, 1991.

KOCH, Kurt, Ocultismo, demônios e exorcismo, Minas Gerais, Editora Betânia, 1976.

KORNIFIELD, David, Introdução à restauração da alma, São Paulo, Editora Sepal, 2002.

LAHAYE, Tim, Temperamento controlado pelo Espírito, Edições Loyola, São Paulo, 1991.

NEE, Watchman, O poder latente da alma, Minas Gerais, CCC Edições, 2001.

PAGELS, Elaine, As origens de Satanás, Rio de Janeiro, Editora Ediouro, 1996.

SEAMANDS, David, A cura das memórias, São Paulo, Editora Mundo Cristão, 1999.

STEDMAN, Ray, Batalha espiritual, São Paulo, Editora Abba Press, 1993.

STEGEN, Erlo, Reavivamento na África do Sul, Pará, Editora dos Clássicos, 1989.

STRATTON, Peter & HAYES, Nicky, Dicionário de Psicologia, São Paulo, Editora Pioneira, 1994.

O que é o SECRAI?

SECRAI é um ministério cristão interdenominacional, atuando desde o ano de 1994, e é composto de obreiros voluntários de diferentes denominações evangélicas. Temos como objetivo central auxiliar o corpo de Cristo, de forma a ampliar sua visão em assuntos que envolvem batalha espiritual, ministério de libertação, cura interior e restauração espiritual de igrejas. Para concretizar estes alvos, realizamos seminários de “final de semana”, palestras intensivas, atendimentos e, também, cursos semestrais de especialização. Já temos mais de três mil e quinhentos alunos formados em nossos cursos anuais, muitos deles são pastores e líderes de diferentes denominações. Nossos seminários já foram ministrados em mais de trezentas igrejas, no Brasil e no exterior.

Realize um de nossos eventos seminários

Assuntos abordados: Alianças do passado; Bases da nossa autoridade espiritual; Espírito de quebrantamento; Libertação financeira; Lidando com as perdas; Ministrando como Jesus; O que é um cativo espiritual?; O caráter do ministrador; Propósitos e perigos na batalha espiritual; Raízes de rejeição; Restaurando sua identidade e seus sonhos; Sete princípios de cura interior; Sentimento de culpa; Uma família doente, um filho ferido; Lidando com as iniquidades familiares (maldições); Abuso espiritual; Por que alguns são reprovados?; Armadura de Deus; Aprendendo a perdoar completamente; Reconstruindo o caráter ferido; O físico, o psicológico e o espiritual; Contaminação espiritual (religiosidade).

Núcleos de especialização: Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo

Cursos: Batalha espiritual e libertação, Cura interior, Sexualidade, Intercessão e Restauração emocional.

O curso é ideal para lideranças e aqueles que queiram aprofundar-se nas áreas de libertação e cura interior, assim como estruturar estes ministérios em suas igrejas locais. Cada curso tem duração de seis meses. É presencial. São mais de 50 temas relacionados às áreas de cura e libertação.

ELID – Escola de libertadores à distância

Você poderá fazer nosso curso de libertação totalmente à distância, através de oito módulos, que incluem apostila, livro, CDs, DVDs e um estudo dirigido. Contará ainda com nosso acompanhamento (via internet). Alunos de diferentes lugares do Brasil e exterior têm estudado conosco. Desafiamos para que não apenas você, mas um grupo de sua igreja estude conosco.

Loja virtual do SECRAI

Agora você poderá adquirir nosso material e de outros professores em área de libertação e cura interior. Livros, CDs, DVDs, etc. Acesse: www.secrai-lojavirtual.com.br.

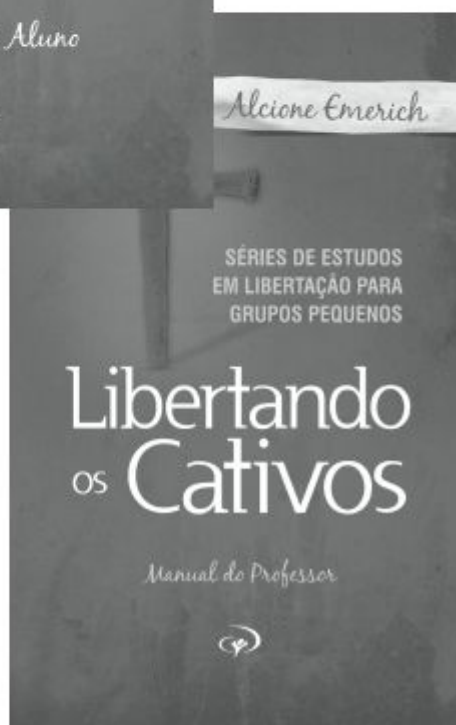
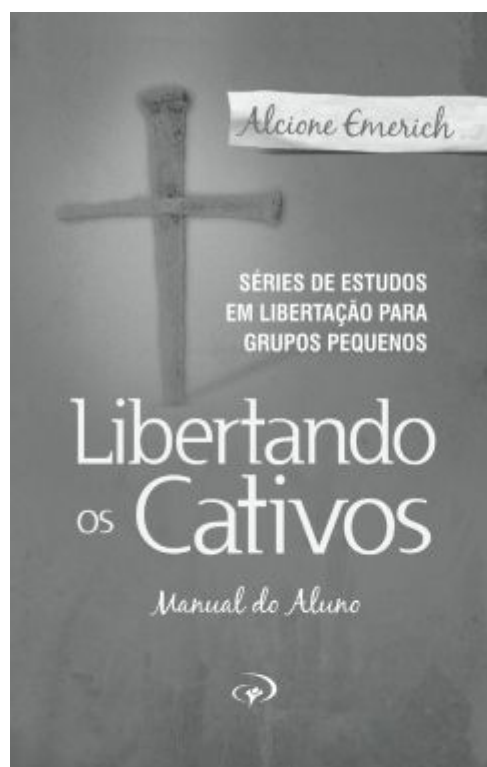
Facebook e Twitter – grupo social

Faça parte da comunidade de Alcione Emerich ou SECRAI – Serviço Cristão de Aconselhamento Integral

Mais informações

Escritório: Rua Euclides da Cunha, 837, Edifício Amorim, Sala 205,
Laranjeiras, Serra, ES,
Cep 29165-310
Fones: (27) 3066 7152 ou 3033 6667 ou 9227 8628

Email: faleconosco@secrai.com.br
Visite nosso site: www.secrai.com.br





ALCIONE EMERICH

FAMÍLIA DOENTE FILHO FERIDO

SEU PASSADO PODE SER CURADO POR DEUS



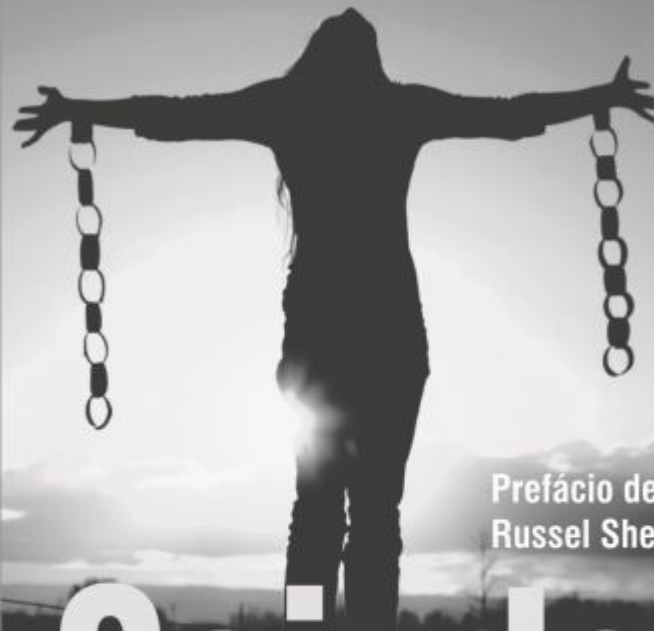
MARCOS DE SOUZA BORGES

A ESPIRITUALIDADE & A HOMOSSEXUALIDADE

ENTENDENDO A CONSTRUÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE



ALCIONE EMERICH



Prefácio de
Russel Shedd

Saindo do cativo

Como ajudar pessoas a se libertarem
de alianças do passado



A Editora que
você sempre quis,
agora no Brasil

EDITORAJOCUM

VISITE NOSSO SITE E CONHEÇA NOSSO CATÁLOGO DE LIVROS

www.editorajocum.com.br

E-mail: loja@jocumpr.com.br

OU LIGUE E FAÇA SEU PEDIDO

(41) 3657-2708



Fone / Fax: 55 41 3657-2708 | 3657-5982
E-mail: editorajocum@gmail.com.

www.editorajocum.com.br

SERVIÇO CRISTÃO DE ACONSELHAMENTO INTEGRAL

www.secrai.com.br
Fones: (27) 3066-7152 / 3033-6667

